

ENTRE DOIS MUNDOS

NARRATIVAS DE FILHOS OUVINTES,
FILHOS SURDOS E FAMÍLIAS MISTAS

DODA, SODA, FODA, CODA



TAYNAN ALÉCIO DA SILVA
GIOVANA CRISTINA DE CAMPOS BEZERRA
DANIEL LOPES ROMEU
MARCELI LUCIA PAVÉGLIO ROMEU
JOSÉ SINÉSIO TORRES GONÇALVES FILHO
(ORGANIZADORES)



EDITORA

ILUSTRAÇÃO

TAYNAN ALÉCIO DA SILVA
GIOVANA CRISTINA DE CAMPOS BEZERRA
DANIEL LOPES ROMEU
MARCELI LUCIA PAVÉGLIO ROMEU
JOSÉ SINÉSIO TORRES GONÇALVES FILHO
(ORGANIZADORES)

ENTRE DOIS MUNDOS

NARRATIVAS DE FILHOS OUVINTES, FILHOS
SURDOS E FAMÍLIAS MISTAS
DODA, SODA, FODA, CODA

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Editor-gerente: Fábio César Junges

Imagem da capa: Freepik

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E61 Entre dois mundos : narrativas de filhos ouvintes, filhos surdos e famílias mistas: Doda, Soda, Foda, Coda / organizadores: Taynan Alécio da Silva ... [et al.]. - Santo Ângelo : Ilustração, 2026.
196 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-65-6135-226-0

DOI 10.46550/978-65-6135-226-0

1. Educação de surdos. 2. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). I. Silva, Taynan Alécio da (org.).

CDU: 376

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: ilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Whatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edegar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
Ronice Müller de Quadros	
APRESENTAÇÃO	15
Giovana Cristina de Campos Bezerra	
Taynan Alêcio da Silva	
Capítulo 1 - CODAKIDS: CONSTRUINDO IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE SURDA.....	17
Renata Ohlson Heinzelmann	
Vanessa Herter	
Capítulo 2 - VIVER ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS: NARRATIVAS DE CODAS, SODAS, DODAS E FODAS	31
Taynan Alêcio da Silva	
Giovana Cristina de Campos Bezerra	
Daniel Lopes Romeu	
Marceli Lúcia Pavéglio Romeu	
José Sinésio Torres Gonçalves Filho	
Capítulo 3 - ENTRE DUAS LÍNGUAS: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES SURDAS COM FILHOS CODAS	47
Ana Cláudia Fagundes Antunes	
Bruna Fagundes Antunes Alberton	
Capítulo 4 - A COMUNICAÇÃO CASEIRA DE UMA FILHA SURDA COM PAIS OUVINTES.....	61
Giovana Cristina de Campos Bezerra	
Capítulo 5 - NARRATIVAS DE FAMÍLIAS SURDAS: VÍNCULOS, HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS	77
Luciana Pereira Vaz	
Cristiano Pereira Vaz	
Marta da Silva Silveira	
Gilmar Pereira Vaz	

Capítulo 6 - A HERANÇA GENÉTICA NA SURDEZ: UMA ANÁLISE FAMILIAR	93
André Daniel Paixão	
Capítulo 7 - QUANDO A LIBRAS CHEGA EM CASA: DESAFIOS DE PAIS OUVINTES COM FILHOS SURDOS	107
Daniel Lopes Romeu	
Marceli Lucia Pavaglio Romeu	
Capítulo 8 - RELATO DA EXPERIÊNCIA DE UMA MÃE SURDA E ATÍPICA DE FILHAS AUTISTAS E BILÍNGUES	121
Cássia Lobato Marins	
Luísa Marins da Costa	
Capítulo 9 - RELATO DE EXPERIÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MÃE NA DESCOBERTA DA SURDEZ DO FILHO E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO COMUNICATIVO E EMOCIONAL DA FAMÍLIA	135
José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho	
Thainá Trindade Lisboa	
Capítulo 10 - PAIS SURDOS, FILHA CODA E DESAFIOS ÉTNICO-RACIAIS: INCLUSÃO NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE.....	147
Katiuscia da Silva Avila	
Marceli Lucia Pavaglio Romeu	
Capítulo 11 - VIVÊNCIAS DE PAIS SURDOS BILÍNGUES COM FILHO OUVINTE (CODA)	159
Carla Beatriz Medeiros Klein	
Márcio Aurélio Friedrich	
Capítulo 12 - IDENTIDADE DO CODA ENTRE MUNDOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS: EXPERIÊNCIAS DE UMA IRMÃ OUVINTE FLUENTE NA COMUNIDADE SURDA.....	173
Cássia Michele Virginio da Silva	
Giselle Virginio da Silva	
Carolina Miri	

SOBRE OS AUTORES.....	187
SOBRE OS ORGANIZADORES	195

PREFÁCIO

Narrar é partilhar experiências e, com elas, ensinar — essa frase de Walter Benjamin me acompanha desde que comecei a ler as histórias reunidas neste livro, “Entre dois mundos: narrativas de filhos ouvintes, filhos surdos e famílias mistas”, organizados por Taynan Alécio da Silva, Giovana Cristina de Campos Bezerra, Daniel Lopes Romeu, Marceli Lucia Pavéglio Romeu e José Sinésio Torres Gonçalves Filho. Convidada a escrever este prefácio por ser filha de pais surdos, escrevo tanto como quem pesquisa quanto como quem cresceu com as mãos como primeira voz: alguém que sabe, na pele e no dia-a-dia, o efeito transformador de uma língua na família e na sociedade. As páginas que seguem colocamnos diante de um nó comum e, ao mesmo tempo, de caminhos de saída: a ausência de uma língua comum em casa e suas consequências; as estratégias de resistência e afeto que nascem quando a família aprende a sinalizar; as trajetórias singulares de Codas, Sodas, Dodas e Fodas; e as tensões que atravessam raça, audismo e poder. Ao ler essas vozes, reconheci-me em muitas narrativas e encontrei argumentos que transformam vivências privadas em conhecimento público.

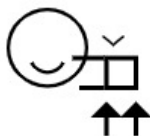
As contribuições reunidas neste volume reafirmam algo simples e decisivo: a Libras não é um recurso acessório, mas pilar da vida familiar. A obra demonstra que a presença precoce da língua de sinais organiza o pensamento, fortalece vínculos afetivos e previne danos que a ausência de língua costuma produzir; por isso a Libras deve ser entendida e garantida não apenas como ferramenta de comunicação, mas como língua de herança — patrimônio cultural que transmite valores, histórias e modos de sentir entre gerações — e, portanto, como direito linguístico inalienável. Quando famílias do universo oral escolhem aprender Libras, esse ato é simultaneamente gesto de amor e ato político, uma afirmação clara de que a criança pertence a uma história linguística legítima e tem direito a acessar plenamente sua língua maternal.

As experiências de quem vive entre dois mundos — as crianças e jovens que transitam entre Libras e o português oral — recusam dicotomias simplistas. Crescer bilíngue bimodal não confunde nem empobrece: amplia repertórios metalinguísticos, cognitivos e éticos; gera flexibilidade comunicativa; e constrói identidades plurais que resistem às visões patologizantes. Ao mesmo tempo, os capítulos que tratam das interseções

entre raça e surdez lembram que a surdez não opera isoladamente: racismo e audismo se cruzam e produzem formas específicas de exclusão. Qualquer política séria de reconhecimento linguístico precisa, portanto, integrar essas interseccionalidades para ser efetiva e justa.

As narrativas e análises aqui reunidas também sublinham que a responsabilidade pela produção do bilinguismo não cabe apenas às famílias: o Estado, as escolas, as comunidades e as redes de apoio têm papéis distintos e complementares. Escolas bilíngues, formação de professores, serviços de interpretação e políticas públicas que reconheçam Libras como língua de herança são condições necessárias para que o direito à língua se transforme em prática. Ao mesmo tempo, associações surdas, encontros comunitários e espaços de convivência infantil e juvenil mostraram-se essenciais: é nesses territórios que a língua vive, se reinventa e alimenta os vínculos de pertencimento.

Se você é professora, gestor, pesquisador, pai ou mãe, convidoo a ler estas páginas com dois ouvidos metafóricos: o da razão crítica e o do afeto informado. Procure nas narrativas as práticas que fortalecem vínculos e as condições institucionais que as tornam possíveis. E, se puder, aprenda um sinal, ofereça escuta, defenda a presença da Libras nas escolas: pequenas decisões quotidianas transformam trajetórias e ampliam futuros. Cresci sabendo que mãos podem contar histórias tão complexas quanto palavras e que, quando há língua, há futuro. Que este livro cumpra para muitos leitores o papel que cumpre para mim: desatar preconceitos, oferecer instrumentos de ação e mostrar que a surdez é diferença, não falta; que Libras é herança, direito e afeto; e que famílias bilíngues criam espaços onde línguas, culturas e heranças transitam.



Ronice Müller de Quadros

Professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina

APRESENTAÇÃO

O presente livro investiga e discute as múltiplas relações familiares e sociais no universo da surdez, analisando os significados e impactos das siglas CODA, SODA, DODA e FODA dentro das comunidades surda e ouvinte. Essas terminologias, amplamente utilizadas entre surdos e seus familiares, servem para identificar os diferentes papéis, experiências e identidades vividas no seio familiar e na convivência social, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de comunicação, dos processos de pertencimento e das práticas culturais em contextos bilíngues.

A análise dessas siglas revela não apenas a complexidade das relações estabelecidas entre familiares surdos e ouvintes, mas também destaca o papel fundamental da língua de sinais, da mediação cultural e do bilinguismo na formação das identidades e na promoção da inclusão. Por meio deste estudo, pretende-se contribuir para a valorização da diversidade linguística e cultural, sensibilizando para a importância do respeito às diferentes formas de ser, comunicar e conviver no âmbito das famílias e da comunidade surda.

Ao longo do texto, são apresentados os conceitos de cada categoria - CODA, SODA, DODA e FODA, suas origens, características e implicações emocionais e sociais, fundamentados em referências teóricas e relatos de vivências. Dessa forma, busca-se oferecer subsídios para pesquisadores, educadores e familiares que atuam ou convivem com a surdez, incentivando o diálogo, a empatia e a inclusão em todos os espaços sociais.

Os termos CODA, SODA, DODA e FODA são siglas utilizadas na comunidade surda para descrever diferentes tipos de relações familiares e sociais, indicando se os membros são surdos ou ouvintes. Essas classificações ajudam a compreender a dinâmica de comunicação, os processos de socialização e as identidades culturais no contexto de famílias e grupos ligados à surdez.

Conceitos das siglas:

- CODA (Children of Deaf Adults): Significa “Filhos Ouvintes de Pais Surdos (ou Adultos Surdos)”. É a sigla mais conhecida, especialmente após o sucesso do filme homônimo. Os CODAs são indivíduos ouvintes que cresceram em um ambiente

predominantemente visual e bilíngue (língua de sinais e língua oral), frequentemente atuando como ponte entre o universo surdo e o ouvinte para seus pais.

- SODA (Siblings of Deaf Adults): Refere-se a “Irmãos de Adultos Surdos”. Descreve a experiência das famílias em que há irmãos ouvintes e irmãos surdos, explorando as relações, desafios e dinâmicas de pertencimento compartilhadas nesse contexto.
- DODA (Deaf of Deaf Adults): Significa “Surdo de Pais Surdos”. Refere-se a filhos surdos de pais surdos que, em geral, têm acesso natural e precoce à língua de sinais, à cultura e à identidade surda, frequentemente desenvolvendo um forte orgulho e senso de pertencimento desde o nascimento.
- FODA (Family of Deaf Adults): Significa “Familia de Adultos Surdos”. Refere-se a pais ouvintes com filho(s) surdo(s). Representa famílias em que os responsáveis são ouvintes, mas convivem diretamente com a surdez no núcleo familiar, participando do processo de comunicação, educação e socialização da criança surda.

Essas classificações evidenciam a riqueza, a diversidade e a complexidade dos laços afetivos, identitários e linguísticos existentes na comunidade surda. Compreender e respeitar as diferenças de comunicação e vivência nesses contextos é fundamental para promover a inclusão e valorizar a cultura surda.

Giovana Cristina de Campos Bezerra
Taynan Alécio da Silva

Capítulo 1

CODAKIDS: CONSTRUINDO IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NA COMUNIDADE SURDA

Renata Ohlson Heinzelmann¹

Vanessa Herter²

CodaKids: Um espaço que nasceu nas férias e cresce com a comunidade surda



3

O projeto CodaKids nasceu em 2016 com a proposta de criar um espaço voltado para crianças durante a Colônia de Férias dos Surdos, em Capão da Canoa (RS). A iniciativa visava oferecer um ambiente acolhedor no qual filhos de famílias surdas pudessem vivenciar momentos de convivência, brincadeiras e aprendizado ligados à cultura surda.

Conforme explica Quadros (2021, p. 216), essas crianças

[...] têm a Libras como língua de herança. No entanto, diferentemente dos surdos, filhos de pais surdos acabam tendo uma relação

- 1 Doutora em Estudos Culturais em Educação (UFRGS, 2019), professora titular do IFRS e líder do GEELTS (CNPq). Atua em Educação de Surdos, literatura surda, tradução e cultura surda. E-mail renata.heinzel@alvorada.ifrs.edu.br
- 2 PROLIBRAS - Programa Nacional para certificação de Proficiência no uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais (2007). Formada em Letras/libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC-2018). E-mail vherter@gmail.com
- 3 As playlists que reúnem os vídeos em Libras de cada capítulo, bem como a versão completa, encontram-se disponíveis em ambiente digital: https://www.youtube.com/playlist?list=PLKdghvRIX5xAu43W-M_Z_y0NSKMrf8eSK

muito intensa com as práticas linguísticas na Língua Portuguesa, afinal de contas escutam esta língua. Há também muita variação entre as diferentes experiências linguísticas dessas crianças. Algumas nascem em famílias de surdos que garantem práticas linguísticas em Libras muito positivas, incluindo outras crianças surdas e ouvintes que também são filhas de pais surdos, convivendo com as comunidades surdas, além do convívio intenso com seus pares ouvintes, especialmente na escola. Há outros casos em que as crianças ouvintes têm contato com a língua de sinais apenas em casa, com seus pais (p. 216).

Essa perspectiva evidencia como a língua de herança pode ser fortalecida por meio de práticas familiares e comunitárias, contribuindo para a valorização da identidade Children of Deaf Adults (CODA)⁴ e para a ampliação do repertório linguístico e cultural das crianças filhas de pais surdos. A língua de herança, nesse contexto, transmite bens culturais e simbólicos de uma geração para outra. Isso pode ser observado no depoimento de Maitê Silva (QUADROS, 2017, p. 170), que relata que a língua de sinais “parece mais natural, mais fácil, mais íntima e simplesmente flui”, sendo muito comum que esse espaço linguístico represente uma zona de conforto e segurança.

Com o tempo, o projeto ampliou-se, transformando-se em um evento anual que reúne famílias, fortalece identidades e dá visibilidade ao papel dessas crianças. A seguir, apresenta-se a Imagem do primeiro evento, que contou com a participação de 22 crianças.

Imagem 1: 1ª Encontro em 2016



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS⁵

⁴ CODA em português significa “filhos de adultos surdos”.

⁵ Álbum de fotos completo dos eventos disponíveis no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/49705247373/in/album-72157713650967067> . Acesso em 07 out. 2025.

Nesse mesmo contexto, foi criado o símbolo do evento com a desenhista Maristela Álamo, cuja arte foi posteriormente adaptada digitalmente por Helenne Sanderson, representando a união entre gerações e o movimento das mãos na comunicação em Libras.

Imagem 2: Símbolo do Evento Verão



No entanto, no contexto dos Encontros CodaKids, adotou-se uma compreensão ampliada, incluindo tanto crianças surdas quanto ouvintes pertencentes a famílias surdas. Essa perspectiva reconhece que todas compartilham experiências culturais e linguísticas semelhantes, transitando entre o universo surdo, marcado pela Língua de Sinais e pela cultura visual. Assim, constituem-se como mediadoras culturais e participantes ativas da construção identitária bilíngue e bicultural.

De acordo com Quadros (2017), as línguas de herança são aquelas utilizadas por comunidades locais em contextos nos quais outra língua se impõe de forma dominante. Sob esse enfoque, os encontros promovidos pelo CodaKids configuram-se como espaços de transmissão e valorização da Libras, favorecendo o contato entre crianças e jovens e fortalecendo atitudes positivas em relação à língua e à cultura surda.

Historicamente, relatos pessoais demonstram as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Léa Watnick, por exemplo, recorda que, na década de 1960, sentia-se isolada, uma vez que sua convivência estava restrita aos amigos surdos de seus pais, sem outros pares na mesma condição. Somente anos mais tarde, com o crescimento de seus filhos, surgiu a oportunidade de compartilhar experiências com outras crianças na mesma situação, em um ambiente mais aberto ao reconhecimento e ao pertencimento.

Tais relatos evidenciam como, ao longo das décadas, essa comunidade passou de um espaço de invisibilidade para um campo de

afirmação identitária e intercâmbio cultural. Em contraste com o passado, o cenário atual revela um número crescente de encontros, redes e espaços de socialização destinados a esses sujeitos, fortalecendo desde cedo laços comunitários e identitários, além de promover um olhar mais sensível à diversidade das experiências familiares surdas.

O conhecimento sobre essa vivência é ampliado por estudos recentes, como o artigo *Entre “Dois Mundos”: a experiência vivida do sujeito CODA* (2022), que busca compreender a experiência de indivíduos inseridos simultaneamente no mundo surdo e no mundo ouvinte. Essas pesquisas reforçam a importância de iniciativas como o CodaKids, que oferece um espaço de convivência, aprendizado e valorização da Libras desde a infância.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo apresentar a trajetória dos Encontros CodaKids, destacando suas transformações ao longo dos anos, as adaptações durante o período de pandemia e as contribuições para a comunidade surda e para a formação identitária das crianças participantes.

Crescimento e consolidação dos encontros

A partir de 2016, a Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS) institucionalizou os Encontros CodaKids, consolidando uma iniciativa destinada a crianças e adolescentes pertencentes a famílias surdas. Nessa fase inicial, a coordenação dos encontros foi assumida por Renata Heinzelmann, Letícia Fernandes e Natacha Perazzolo, que ampliaram a duração das atividades de um para dois dias, em resposta ao aumento da demanda e ao envolvimento crescente das famílias. Nas edições seguintes, o evento passou a incorporar novos membros à comissão organizadora, fortalecendo seu caráter colaborativo e expandindo progressivamente suas ações.

Imagem 3: Comissão iniciante em 2016



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS⁶

Imagem 4: Comissão cresceu, em 2019



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS⁷

A expansão institucional exigiu a revisão da estrutura interna do encontro e a definição de eixos etários para melhor adequar as atividades às necessidades das crianças e adolescentes participantes. Foram, então, estabelecidos três grupos: Eixo Maternal I (1 ano e 5 meses a 4 anos), Eixo Infantil II (5 a 8 anos) e Eixo Juvenil III (9 a 14 anos). A adoção dessa organização contribuiu para o aprimoramento pedagógico do projeto, garantindo maior integração e favorecendo a participação ativa dos envolvidos. A partir desse momento, o CodaKids consolidou-se como evento anual realizado na Colônia de Férias dos Surdos, em Capão da Canoa (RS).

Com o passar dos anos, o projeto ampliou o público atendido, incluindo crianças e jovens de 1 ano e 5 meses a 17 anos. Esse processo possibilitou a inclusão do grupo de adolescentes (14 a 17 anos) como monitores, que passaram a desempenhar funções de apoio, auxiliando nas brincadeiras, na mediação do uso da Libras, -obrigatória durante as atividades e, ocasionalmente, atuando como intérpretes informais. Essa participação, além de promover autonomia, fortalece o sentimento de pertencimento e a fluência bilíngue, uma vez que os adolescentes vivenciam a responsabilidade de atuar como referências para os mais novos.

Os encontros desempenham papel fundamental na construção identitária das crianças CODA ao permitir que vivenciem simultaneamente as dimensões culturais do mundo surdo e do mundo ouvinte. Dessa

6 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/49706116937/in/album-72157713650414358> . Acesso em 07 out. 2025.

7 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157713650414358/> . Acesso em 07 out. 2025.

forma, desenvolvem a capacidade de reconhecer múltiplas identidades e de valorizar suas experiências bilíngues e biculturais.

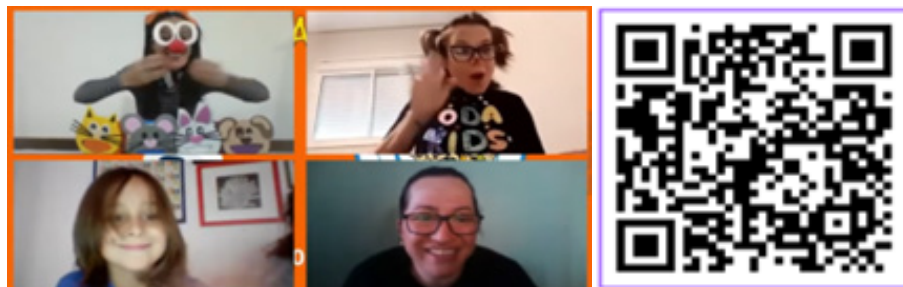
Em 2020, a pandemia de Covid-19 interrompeu as atividades presenciais, exigindo a adaptação do evento para formatos virtuais. Em 2021, foram realizados encontros online transmitidos pelo Google Meet e pelo YouTube, garantindo a manutenção dos vínculos comunitários e o registro audiovisual das iniciativas.

Imagem 5: Eixo I



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS⁸

Imagem 6: Eixo II



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS⁹

8 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: : <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157716942227941/>. Acesso em 07 out. 2025.

9 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: : <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157716942227941/>. Acesso em 07 out. 2025.

Imagem 7: Eixo III e IV



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS¹⁰

A retomada presencial ocorreu em 2022, com ampla adesão das famílias. Em 2025, o CodaKids passou a ocorrer em duas edições anuais: o Encontro de Verão, realizado em Capão da Canoa, e o Encontro de Inverno, promovido na sede da SSRS. Ambas as edições mantêm a organização por eixos etários, práticas bilíngues e princípios de convivência comunitária.

Imagem 8: Símbolo do evento virtual



Imagem 9: Símbolo do evento do inverno



As atividades promovidas ao longo dos encontros incluem dinâmicas coletivas, jogos lógicos, oficinas pedagógicas e rodas de conversa temáticas, todas conduzidas em Libras. Essas práticas permitem que as crianças se expressem plenamente, compartilhem experiências e desenvolvam competências linguísticas em língua de sinais. Um vídeo institucional apresenta uma síntese das atividades realizadas:

10 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157716942227941/>. Acesso em 07 out. 2025.

Vídeo 1: Atividades do evento



Fonte: Youtube do canal Codakids

Imagem 10: Eixo I em 2019



Fonte: Álbum de fotos da SSRS¹¹

Imagem 11: Eixo II em 2019



Fonte: Álbum de fotos da SSRS¹²

Imagem 12: Eixo III em 2019



Fonte: Álbum de fotos da SSRS¹³

Imagem 13: Eixo IV em 2020



Fonte: Álbum de fotos da SSRS¹⁴

11 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157713650414358/>. Acesso em 07 out. 2025.

12 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157713650414358/>. Acesso em 07 out. 2025.

13 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157713650414358/>. Acesso em 07 out. 2025.

14 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157713708286412/with/49722521132>. Acesso em 07 out. 2025.

Ao longo dos anos, foram realizadas gravações, apresentações culturais, palestras e oficinas, sempre com o objetivo de valorizar as experiências de filhos de pais surdos (CODA, KODA, D-CODA, entre outros) e de fortalecer os vínculos comunitários. As apresentações iniciais, nas quais os participantes compartilham nome, sinal pessoal, história familiar e local de residência, revelaram-se estratégias importantes de socialização e acolhimento, contribuindo para a superação de barreiras relacionadas à timidez e ao tabu em torno da identidade CODA.

As palestras desenvolvidas durante os encontros abordaram temáticas como memórias visuais da infância na Colônia, vivências de KODA e D-CODA nos anos 1990, reflexões sobre “ser CODA” entre línguas e culturas, e relatos sobre a participação no WFDYS Children’s Camp 2022. O diálogo intergeracional foi ampliado pela roda de conversa “Relatos dos filhos surdos e ouvintes no evento”, que reuniu participantes de diferentes faixas etárias.

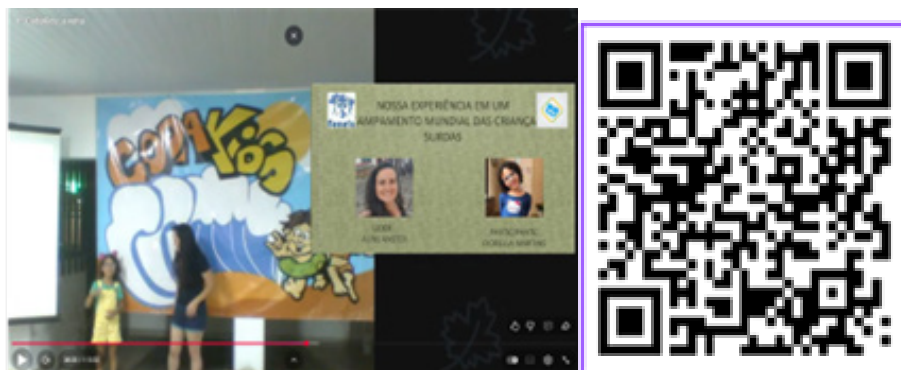
Imagem 14: CODAs Sandra Angelini e Maria Cristina Laguna na 1ª roda de conversa em 2017



Fonte: Álbum de fotos da Sociedade dos Surdos do RS¹⁵

15 Álbum de fotos do evento disponível no Flickr: <https://www.flickr.com/photos/ssrsocial/albums/72157713650170818/with/49705736311>. Acesso em 07 out. 2025.

Imagem 15: DODA Fiorella Martins e Líder Aline Kaster na 5ª roda de conversa em 2023



Fonte: Apresentação ao vivo no canal CodaKids

Além disso, vídeos com crianças CODA divulgando os encontros também foram produzidos pela comissão organizadora:

Vídeo 2: Crianças divulgando em 2019



Fonte: Youtube do canal CodaKids

As repercussões das atividades foram significativas tanto para a comunidade surda quanto para a ouvinte. Entre os relatos marcantes, destaca-se o de Fiorella Martins, cuja participação intensificou suas interações com crianças filhas de pais surdos, ampliando trocas culturais e fortalecendo vínculos comunitários. Outro exemplo refere-se a um participante autista ouvinte que, inicialmente restrito ao ambiente familiar, desenvolveu novas habilidades comunicativas em Libras ao integrar-se às atividades do CodaKids. Esses relatos reforçam a compreensão de Quadros (2017, p. 39), para quem a língua de sinais é mais do que um sistema

linguístico: trata-se de uma forma de significar o mundo a partir das experiências visuais e corporais.

O 5º Encontro, realizado em 2020, destacou-se pela inclusão de atividades específicas para crianças com deficiência, reafirmando o compromisso do projeto com uma perspectiva de educação inclusiva. Parcerias com instituições externas, como grupos escoteiros, ampliaram ainda mais o alcance formativo do evento, possibilitando experiências de liderança, cooperação e convivência coletiva.

A visibilidade do CodaKids tem sido fortalecida pelo uso de plataformas digitais e redes sociais. Entre os canais de comunicação utilizados estão o Facebook (com grupo criado em 2020), o WhatsApp, com grupos da família surda (desde 2014) e de crianças (desde 2020), e o Instagram @CodaKids_rs, criado em 2025, com apoio de colaboradores da SSRS. Esses espaços desempenham papel central na divulgação das atividades, no compartilhamento de registros e na articulação das famílias participantes.

Entre dois mundos, crescendo juntos

Os Encontros CodaKids demonstram ser um espaço importante de empoderamento e fortalecimento identitário para crianças e adolescentes de famílias surdas. Ao participar das atividades, os CodaKids têm a oportunidade de vivenciar a cultura surda, desenvolver habilidades em Libras e reconhecer suas identidades, promovendo atitudes positivas em relação à língua e à comunidade surda.

Essa experiência reforça as reflexões apresentadas por quatro Coda brasileiras: Ronice Quadros, Sônia Oliveira, Keli Souza e Luciana Pais, que, em 2019, participaram da Coda Conference em Miami. As pesquisadoras relataram sua busca por compreender mais profundamente a vivência dos CODAs ao participar de eventos nos Estados Unidos. A reportagem destaca que esses encontros, tanto nos EUA quanto no Brasil, tiveram início em 2013, voltados principalmente a jovens a partir de 18 anos, o que deixava de fora crianças e adolescentes.

A partir dessa constatação, surgiu a necessidade de criar oportunidades de participação desde a infância, o que deu origem aos Encontros CodaKids, um espaço especialmente voltado a crianças e adolescentes, com o objetivo de fortalecer a identidade CODA desde cedo.

O grupo também compartilha que, embora todos sempre soubessem ser CODAs, apenas mais tarde passaram a refletir sobre o significado dessa

identidade e a reconhecer a importância de espaços de convivência e troca, como os proporcionados pelos CodaKids, para fortalecer o sentimento de pertencimento e a valorização da experiência CODA.

Nesse sentido, busca-se evidenciar que, a partir da coleta de relatos de CODAs que conviveram na SSRS, observa-se uma diferença geracional significativa. Os participantes pertencentes às gerações anteriores, especialmente aqueles que cresceram até meados dos anos 2000, em geral relataram que somente na vida adulta passaram a compreender ou nomear plenamente o que significava ser CODA. Em contraste, nos relatos mais recentes, referentes às gerações posteriores a esse período, percebe-se que muitas crianças já crescem reconhecendo-se como CODAs, uma vez que seus pais passaram a valorizar, nomear e legitimar essa identidade desde a infância. Essa mudança evidencia a importância de iniciativas como os CodaKids, que contribuem para que as novas gerações construam, desde cedo, um sentimento de pertencimento positivo e fortalecido.

Portanto, os Encontros CodaKids não apenas promovem momentos de diversão e socialização, mas também se configuram como espaços estratégicos para construção de pertencimento, consciência cultural e empoderamento das crianças CODA, contribuindo para a preservação e valorização da Libras e da cultura surda no Brasil.

Pesquisas apontam evidências consistentes sobre a importância da língua de sinais no desenvolvimento infantil. A exposição precoce à língua de sinais impacta diretamente as dimensões linguística, cognitiva e social da criança. Quando inseridas nesse contexto desde cedo, as crianças constroem uma base sólida em sua primeira língua, sustentando tanto a aquisição da segunda língua quanto a ampliação de seus conhecimentos em outras áreas. Assim, a partir desse acesso inicial à língua de sinais, a criança tende a tornar-se bilíngue de forma natural, consolidando competências em Libras e em Língua Portuguesa.

Dessa forma, compreender a experiência dos CODAs a partir das zonas fronteiriças de contato permite reconhecer a complexidade de suas identidades, construídas entre os universos surdo e ouvinte. Ao mesmo tempo em que enfrentam tensões, esses sujeitos também criam espaços de pertencimento e resistência, aproximando-se do que Pratt (2000) denomina *safe houses*. Retomando esse conceito, é possível afirmar que os CODAs encontram na comunidade surda um espaço de segurança, um porto seguro para viver a intensidade de uma língua constituída no corpo e na forma de olhar.

Nesse processo, os participantes tornam-se agentes de mediação cultural e linguística, revelando que a diferença não deve ser encarada como obstáculo, mas como possibilidade de diálogo, reconhecimento e transformação social. O CodaKids, ao oferecer um espaço contínuo de convivência, aprendizagem e socialização, não se encerra ao final de cada encontro: permanece atuando na formação identitária das crianças e adolescentes, fortalecendo vínculos, promovendo a valorização da Libras e da cultura surda e ampliando, de forma contínua, a compreensão da diversidade como um valor constitutivo das relações humanas.

Referências

CODABRASIL. *Somos nós*, CODA. Coda Brasil. 2019. Disponível em: <https://medium.com/codabrasil/sobre-n%C3%B3s-33ced2850dd3>. 22 de set. de 2025.

CODAKIDS DA SSRS. *Roda de conversa - Convivência CODA: KODA e D-CODA na Década de 1990*. YouTube, 25 de out. de 2025. Disponível em: <https://youtu.be/vC4LK9xmQOk?si=Agz8C95dKSZQU8mv>. Acesso em: data 31 de out. de 2025.

OLIVEIRA, Ana Rebeca Medeiros Nunes; JOCA, Terezinha Teixeira; MUNGUBA, Marilene Calderaro da Silva; BLOC, Lucas Guimarães. *Entre “Dois Mundos”: a experiência vivida do sujeito CODA*. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 35, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>

PRATT, Mary. L. *Arts of the contact zone*. Academic Discourse: Readings for Argument and Analysis. Ed. Gall Stygall. Fort Worth: Harcourt College Publishers. 573-587, 2000.

QUADROS, Ronice Muller. *Língua de herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller; MASSUTTI, M. *CODAS brasileiros: Libras e Português em zona de contato*. Nos QUADROS Ronice Müller; PERLIN, Gladis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 238-264.

QUADROS, Ronice; LILLO-MARTIN, Diane. *Língua de herança e privação da Língua de Sinais*. *INES*. Revista Espaço, Rio de Janeiro, n. 55, jan.-jun., 2021.

VIVER ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS: NARRATIVAS DE CODAS, SODAS, DODAS E FODAS

Taynan Alêcio da Silva¹

Giovana Cristina de Campos Bezerra²

Daniel Lopes Romeu³

Marceli Lúcia Pavéglio Romeu⁴

José Sinésio Torres Gonçalves Filho⁵

Introdução

A experiência de viver entre línguas e culturas configura um campo privilegiado para compreender as complexidades identitárias de indivíduos que transitam entre o universo ouvinte e a comunidade surda, particularmente aqueles designados pelas categorias codas (crianças de pais surdos), sodas (surdos de pais ouvintes), dodas (filhos de pais surdos e ouvintes) e fodas (filhos ouvintes adotados por famílias surdas). Essas posições emergem não apenas de configurações familiares específicas, mas de disputas históricas sobre o que significa ser surdo em sociedades marcadas pela hegemonia linguística oral, onde a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a cultura visual foram sistematicamente marginalizadas. O presente estudo propõe analisar essas narrativas como expressões de negociações permanentes entre pertencimento, mediação e resistência, questionando como tais sujeitos constroem sentidos de si em contextos

- 1 Doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); nanalecio@gmail.com
- 2 Doutoranda em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA); docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) - Letras Libras e português no Instituto Federal do Pará, campus Bragança/PA; arlgini.campos4@gmail.com.
- 3 Mestre profissional em andamento em Educação e Tecnologia no PPGEdu (Programa de Pós-Graduação em Educação) do Instituto Federal Sul Rio-Grandense - Campus Pelotas; danielufpellibras@gmail.com
- 4 Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Pampa, do Campus Jaguarão/RS; marceli.mehl@gmail.com
- 5 Doutor em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ; sinesio.filho@ufsc.edu.br

que demandam fluência bilíngue, lealdade cultural dividida e papéis sociais frequentemente romantizados ou patologizados.

O problema que orienta esta pesquisa situa-se na tensão entre a visibilidade social dessas figuras – frequentemente idealizadas como “pontes naturais” entre mundos linguísticos distintos – e a invisibilidade de suas experiências subjetivas, atravessadas por expectativas de responsabilidade tradutória desde a infância, dilemas de identidade fragmentada e pressões por adaptação a normas ouvintistas. Codas, por exemplo, são celebradas por sua competência bilíngue, mas carregam o peso de intérpretes informais familiares; sodas enfrentam privação linguística precoce seguida de redescoberta tardia da Libras; dodas navegam assimetrias intrafamiliares; e fodas constroem pertencimento cultural por escolha adotiva. Tal configuração suscita a questão central: em que medida essas narrativas revelam não apenas trajetórias individuais, mas disputas coletivas pelo reconhecimento da Libras como língua plena e da surdez como diferença cultural legítima?

O objetivo geral consiste em analisar as narrativas de codas, sodas, dodas e fodas como expressões de viver entre línguas e culturas, evidenciando como tais posições identitárias desafiam dicotomias binárias entre surdo/ouvinte e oral/gestual. Como objetivos específicos, delineiam-se: (a) caracterizar as configurações familiares que definem cada categoria e suas implicações linguísticas iniciais; (b) examinar os processos de construção identitária marcados por mediação, resistência e hibridismo cultural; e (c) discutir implicações educacionais e políticas para o bilinguismo familiar, contribuindo para políticas de educação bilíngue que reconheçam plurais dinâmicas relacionais. Essa abordagem busca ampliar os Estudos Surdos ao incorporar perspectivas interseccionais que vão além do binário surdez-audição, considerando afeto, adoção e assimetrias parentais como fatores constitutivos da subjetividade plurilingue.

Metodologicamente, adota-se uma perspectiva qualitativa de natureza teórico-analítica, ancorada em revisão bibliográfica crítica de narrativas autobiográficas, estudos etnográficos e produções acadêmicas nos campos da sociolinguística, Estudos Surdos e psicologia cultural. A análise discursiva dessas fontes permite mapear padrões recorrentes nas trajetórias de codas, sodas, dodas e fodas, articulando contribuições de autores como Skliar (1998), que problematiza o ouvintismo familiar; Lane (1992), sobre colonialidade linguística; e Ladd (2003), acerca de identidades híbridas na Deafhood. Complementarmente, considera-se a

legislação brasileira – Lei nº 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005 – como pano de fundo normativo que reconhece a Libras, mas ainda falha em abordar especificidades dessas populações intermediárias. Tal triangulação metodológica revela que viver entre línguas não é mera transição, mas construção ativa de territórios identitários onde a Libras emerge como eixo de resistência e potência cultural.

Nesse panorama, as narrativas dessas figuras desafiam a compreensão tradicional da surdez como atributo individual, posicionando-a como fenômeno relacional que se define nas interseções familiares e linguísticas. Codas, expostos à Libras desde o berço, desenvolvem bilinguismo natural, mas enfrentam o risco de instrumentalização de suas competências como “tradutores mirins”, comprometendo autonomia afetiva. Sodas, privados da língua de sinais na infância, vivenciam o trauma da oralização forçada, descobrindo tardiamente a comunidade surda como espaço de resgate identitário. Dodas e fodas, em suas configurações híbridas, ilustram a plasticidade cultural da surdez, onde pertencimento não se define por biologia auditiva, mas por escolhas linguísticas e afetivas deliberadas.

A emergência dessas categorias nos Estudos Surdos contemporâneos reflete uma maturação teórica que transcende o foco exclusivo em surdos “nativos”, reconhecendo que as fronteiras culturais surdas são porosas e negociadas diariamente por ouvintes culturalmente surdos e surdos culturalmente ouvintes. Assim, o estudo das narrativas de codas, sodas, dodas e fodas não apenas enriquece a compreensão do bilinguismo surdo, mas tensiona políticas educacionais que ainda operam sob dicotomias rígidas, demandando abordagens que validem o hibridismo como recurso epistemológico e não como anomalia a ser corrigida. Ao trazer essas vozes para o centro do debate, reafirma-se que o direito à Libras e à diferença cultural surda se constitui também nas bordas, nas mediações e nas escolhas que tecem a teia relacional entre línguas e mundos.

Codas: entre a ponte necessária e a infância sacrificada

Os codas, abreviação de “children of deaf adults”, designam filhos ouvintes criados por pais surdos, caracterizando-se por uma exposição natural e precoce à língua de sinais como primeira língua de interação familiar, simultaneamente à aquisição do português oral em contextos externos. Essa configuração bilíngue desde o berço confere aos codas competências linguísticas avançadas e uma socialização bicultural singular,

mas impõe-lhes, desde tenra idade, o papel de mediadores linguísticos indispensáveis para a comunicação dos pais com o mundo ouvinte, configurando uma experiência marcada por privilégios comunicacionais e sacrifícios emocionais profundos. A narrativa do coda revela-se, assim, ambivalente: orgulho pela herança linguística surda e ressentimento pela instrumentalização precoce de suas habilidades, frequentemente romantizada socialmente como “ponte necessária” entre dois mundos, mas vivenciada como infância sacrificada em prol da funcionalidade familiar.

A designação “coda” surgiu nos Estados Unidos na década de 1980, com a fundação da organização CODA International por Millie Brother, visando criar espaços de apoio para esses indivíduos enfrentarem questões de identidade bicultural e dupla lealdade cultural. No Brasil, as narrativas de codas ganham visibilidade acadêmica a partir dos anos 2010, com estudos que documentam suas trajetórias como filhos ouvintes de pais usuários de Libras, destacando a aquisição simultânea de língua gestual e oral como vantagem metalinguística, mas também como vetor de responsabilidades adultas prematuras. Vitorino observa que codas desenvolvem maturidade precoce devido à mediação linguística constante, mas enfrentam riscos de comprometimento escolar e emocional por priorizarem obrigações familiares sobre brincadeiras e socializações típicas da infância.

Desde cedo, codas assumem funções de “language brokers” ou intérpretes informais, traduzindo conversas médicas, escolares, administrativas e cotidianas para pais surdos, em contextos onde intérpretes profissionais são inexistentes ou inacessíveis. Essa prática, embora funcional para a família, expõe crianças a conteúdos cognitivamente e emocionalmente inadequados à idade – diagnósticos graves, questões financeiras, conflitos conjugais –, gerando o que a literatura internacional denomina “síndrome da criança intérprete”, caracterizada por estresse crônico, ansiedade, baixa autoestima e dificuldades em estabelecer limites. Souza descreve essa mediação como distinta da interpretação profissional, pois ocorre em laços afetivos intensos, onde o coda não pode recusar o papel sem comprometer relações familiares.

Oliveira relata, em narrativa autobiográfica, como a condição de coda influenciou sua formação como intérprete e docente em Libras, mas também gerou conflitos identitários ao ser percebida como “ouvinte infiltrada” na comunidade surda e “surda honorária” entre ouvintes. A análise de tais vivências revela que codas frequentemente internalizam expectativas contraditórias: serem fluentes em Libras para “representar” os

pais surdos, mas priorizar o português oral para “sobreviver” no mundo externo, configurando uma identidade fragmentada entre lealdade cultural surda e aspirações sociais ouvintes.

Scremin enfatiza que a marca “coda” orienta trajetórias profissionais, com super-representação entre intérpretes de Libras, mas também sub-remuneração e super-exploração devido à naturalização de sua disponibilidade linguística. Muitas codas relatam ressentimento adolescente por terem sido “primeiros intérpretes da família”, como descreve Maia em entrevista à BBC: “Desde que me entendo por gente, esse alguém fui eu”, referindo-se à mediação constante nos anos 80/90, quando Libras ainda era invisível socialmente. Essa sobrecarga compromete o desenvolvimento lúdico e social, transformando a infância em serviço permanente à acessibilidade familiar.

A literatura psicolinguística aponta que codas adquirem Libras de forma nativa, alcançando bilinguismo equilibrado, mas podem enfrentar atrasos em aquisição oral se o ambiente doméstico for exclusivamente gestual, embora exposição escolar compense tal gap. Singleton e Tittle documentam que 29 de 52 codas em amostra apresentaram questões de desenvolvimento linguístico, frequentemente associadas a complicações auditivas não diagnosticadas ou problemas psicológicos, mas enfatizam que o bilinguismo bimodal confere vantagens cognitivas como maior flexibilidade metalinguística.

Van den Bogaerde e Baker analisam codas como bilíngues modais distintos, navegando mundos surdo, ouvinte e coda, com comunicação familiar potencialmente problemática se pais surdos insistirem em comunicação oral exclusiva. No Brasil, Lima Oliveira relata isolamento social por priorizar mediação familiar sobre amizades, ilustrando como codas sacrificam redes de pares para cumprir papéis adultos.

Pagura problematiza a interpretação infantil de codas como modalidade “intermitente”, comparável a mediações familiares sem formação ética ou técnica, expondo crianças a dilemas morais em situações de confidencialidade. Allard explora formação identitária em codas adultas, destacando interesse linguístico por serem bilíngues nativos, mas também pressão por militância surda como “embaixadores culturais”.

Lucas, coda com irmã surda, reflete que “os primeiros intérpretes das línguas de sinais foram os filhos ouvintes de pais surdos”, reconhecendo pioneirismo, mas criticando exploração infantil. Ferreira Souza documenta

codas como intérpretes desde a infância, com formação identitária influenciada por conferências CODA que abordam biculturalismo.

A experiência coda manifesta ambivalência: orgulho pela herança Libras e crítica à infantilização funcional. Muitas codas rejeitam romantização como “salvadores”, reivindicando direito à escolha profissional e limites emocionais. Estudos brasileiros escassos demandam mais narrativas, especialmente sobre impactos na educação infantil, onde codas enfrentam currículos oralistas apesar de competência gestual superior.

Por fim, a condição coda entre ponte necessária e infância sacrificada evidencia necessidade de serviços interpretação familiar profissionalizados, apoio psicológico para mediação precoce e reconhecimento educacional do bilinguismo bimodal como recurso pedagógico, não ônus individual.

Sodas: da oralização traumática à redescoberta identitária

Os sodas – surdos filhos de pais ouvintes – representam uma das configurações familiares mais desafiadoras para a construção identitária no espectro da surdez, caracterizando-se pela exposição exclusiva à oralização na infância e pela redescoberta tardia da língua de sinais como elemento constitutivo de pertencimento cultural. Essa trajetória inicia-se com a imposição de metodologias oralistas por pais bem-intencionados, mas desprovidos de contato com a comunidade surda ou com a Libras, resultando em privação linguística prolongada que compromete o desenvolvimento cognitivo, social e emocional durante os anos críticos de aquisição linguística. A oralização traumática, sustentada por narrativas médicas e educacionais que concebem a surdez como deficiência a ser superada pela fala e leitura labial, configura o soda como sujeito fragmentado, internalizando inicialmente a surdez como falta e apenas posteriormente ressignificando-a como diferença positiva por meio do contato com a Libras e a cultura surda.

A literatura dos Estudos Surdos documenta que cerca de 90-95% dos surdos nasceram de pais ouvintes, tornando os sodas maioria estatística, mas sub-representados em narrativas acadêmicas que privilegiam surdos de famílias sinalizantes. Na infância, sodas submetidos à oralização exclusiva enfrentam frustração comunicacional crônica, com pais tentando comunicação por gestos rudimentares, articulação labial e escrita limitada, sem acesso a língua completa. Silva demonstra que aquisição tardia da Libras interfere na compreensão leitora do português como L2, com sodas

apresentando déficits persistentes mesmo após exposição à língua de sinais na adolescência. O estudo revela bom desempenho em Libras apesar do atraso, mas prejuízos significativos na biliteracia, ilustrando consequências cognitivas da privação inicial.

Narrativas de sodas frequentemente descrevem escola como espaço de exclusão velada, com metodologias oralistas que privilegiam fala e audição, relegando o aluno surdo a repetição mecânica e isolamento de pares. Perlin relata que surdos oralizados “andam atrás do ouvinte, nunca vão ser iguais”, expressando rejeição à Libras como sinal de inferioridade, até o contato transformador com a comunidade surda. A redescoberta identitária opera como epifania, quando sodas, geralmente na adolescência ou juventude, acessam a Libras em associações, escolas bilíngues ou eventos culturais, experimentando pela primeira vez comunicação fluida e pertencimento coletivo.

Stumpf identifica identidades surdas flutuantes entre sodas oralizados, que rejeitam estereótipos, negam intérpretes e buscam assimilação ouvinte, mas transitam para identidade cultural plena ao dominar Libras. Santos dos Santos descreve metamorfose identitária em sodas esportistas, onde Libras tardia catalisa aceitação da surdez visual-espacial, rompendo com oralização como “menos valia”. Essa transição envolve luto pela infância linguística perdida, raiva contra políticas oralistas e gratidão pela comunidade que acolhe como “retornados”.

Quadros e Pizzio enfatizam aquisição sequencial em sodas: consolidação tardia da L1 (Libras) facilita transferência metalinguística para L2 (português escrito), mas exige intervenções intensivas para compensar anos de privação. Behares nota que 95% dos pais ouvintes não sinalizam, expondo sodas a oralismo que atrasa reconhecimento cultural.

Narrativas autobiográficas, como de Vanessa Vidal (Miss Ceará 2008), narram oralização até 14 anos, seguida de aquisição Libras que ressignifica surdez como força.

A oralização traumática manifesta-se em baixa autoestima, isolamento social e fracasso escolar, com sodas frequentemente diagnosticados como “deficientes intelectuais” por falhas linguísticas confundidas com cognitivas. Redescoberta da Libras, via associações ou educação bilíngue, catalisa militância: sodas tornam-se ativistas pela estimulação precoce, criticando pais por perpetuar oralismo.

Ribeiro et al. analisam inclusão de sodas em classes comuns sem Libras, resultando em acesso restrito a ambas línguas e dependência

familiar oralista. Lane et al. destacam barreiras familiares que enfraquecem socialização incidental em sodas.

Identities surdas de transição caracterizam sodas pós-Libras: bilingues fluentes, transitam mundos com leitura labial, mas ancoram-se na comunidade. Perlin e Rosa descreem construção identitária via Libras como reconhecimento visual-espacial.

Santos enfatiza Libras tardia como determinante para identidade surda pós-moderna, permitindo (re)conhecimento como surdo diferenciado. Hall e Woodward fornecem base cultural para múltiplas identidades em sodas.

A trajetória soda ilustra impacto devastador da privação linguística e potência transformadora da Libras tardia, demandando políticas de diagnóstico precoce, estimulação bilíngue familiar e educação que priorize L1 gestual independentemente do perfil parental. Redescoberta identitária reforça ativismo por bilinguismo universal, transformando trauma em testemunho de resiliência cultural surda.

Dodas e fodas: hibridismo familiar e escolhas culturais

Os dodas – designação para surdos filhos de pais com um progenitor surdo e outro ouvinte – e fodas – ouvintes adotados por famílias surdos – exemplificam configurações familiares híbridas que desafiam dicotomias tradicionais entre surdez/ouvinte e gestual/oral, configurando experiências de hibridismo cultural marcado por negociações permanentes de identidade, lealdade afetiva e escolha linguística deliberada. Essas categorias, emergentes nos Estudos Surdos contemporâneos, revelam como o pertencimento à cultura surda não se define exclusivamente por biologia auditiva, mas por escolhas conscientes de imersão linguística e cultural, em contextos em que Libras e português coexistem em assimetrias de poder e visibilidade. Dodas navegam tensões intrafamiliares em que o pai/mãe surdo sinaliza, enquanto o progenitor ouvinte privilegia oralidade, gerando espaços domésticos de bilinguismo assimétrico; fodas, por decisão adotiva, constroem identidade cultural surda como ouvintes, ampliando o espectro de possíveis subjetividades na comunidade.

A terminologia reflete maturação conceitual recente: DODA (Deaf Offspring of Deaf and Hearing Adults) descreve surdos de famílias mistas (5-10% dos casos, dado que 90-95% dos surdos nascem de ouvintes), enquanto FODA (Hearing Adopted Children of Deaf Parents)

destaca adoção intencional por casais surdos que buscam transmitir herança linguística e cultural. No Brasil, narrativas dodas são escassas, mas evidenciam lealdade dividida: crianças surdas aprendem Libras do progenitor surdo para comunicação íntima, mas oralização do pai/mãe ouvinte para interação externa, reproduzindo hierarquias linguísticas domésticas. Tesouro Linguístico relata que dodas beneficiam-se de acesso parcial à Libras, desenvolvendo bilinguismo híbrido, mas enfrentam conflitos quando o genitor ouvinte minimiza a língua de sinais como “auxiliar”.

Fodas representam fenômeno crescente com avanços reprodutivos, onde pais surdos adotam ouvintes para formar famílias biculturais, transmitindo Libras como L1 afetiva apesar da modalidade bimodal. Instagram educativo esclarece: “FODA: filho ouvinte de pais surdos adotivo”, destacando agência parental na perpetuação cultural surda. Essas crianças crescem imersas em Libras como língua nativa, participando de comunidade surda como “ouvintes culturais”, mas navegam mundo ouvinte com vantagem metalinguística.

Hibridismo familiar manifesta-se em dodas como tensão dinâmica: progenitor surdo oferece pertencimento cultural via Libras, enquanto ouvinte impõe oralidade como norma social, gerando identidades de transição. Behares observa que surdos de famílias mistas desenvolvem “identidade surda de transição”, vivendo sob domínio ouvinte inicialmente, mas migrando para cultura surda ao dominar sinais. Pais surdos narram orgulho em filhas dodas que sinalizam fluentemente, mas frustração com assimetrias impostas pelo cônjuge ouvinte.

Fodas ilustram escolha cultural deliberada: pais surdos adotivos criam ouvintes “surdo-identificados”, que internalizam valores visuais e militância linguística sem vivência da surdez sensorial. Contribuições enfatizam que fodas fortalecem redes surdas, atuando como codas sem laços sanguíneos, mas com pertencimento optativo.

Narrativas dodas revelam negociações afetivas: surdo prioriza Libras para vínculo íntimo, ouvinte enfatiza fala para “inclusão social”, expondo criança a expectativas contraditórias. Santos dos Santos descreve metamorfose identitária em dodas esportistas, onde Libras catalisa aceitação visual-espacial apesar de oralização materna. Fodas, por ausência de conflito auditivo, constroem identidade surda “pura” por escolha, participando associações como aliados linguísticos.

Literatura aponta vantagens cognitivas em hibridismo: dodas desenvolvem bilinguismo assimétrico com flexibilidade metalinguística; fodas adquirem Libras nativa com português fluente, ampliando papéis mediadores sem trauma de privação. Desafios incluem pressão por oralidade perfeita em dodas e risco de “ouvinte infiltrado” em fodas na comunidade surda.

Quadros (2017) nota que famílias mistas produzem crianças biculturais com experiências ampliadas, mas assimetrias linguísticas demandam mediação parental consciente. Pais surdos de filhas dodas narram interação via Libras como preservação cultural contra oralismo paterno.

Escolhas culturais diferenciam trajetórias: dodas negociam herança dividida, optando por comunidade surda para equilíbrio; fodas elegem imersão Libras como identidade afirmativa. Ambas desafiam essencialismos, provando surdez culturalmente construída via língua e afeto.

Implicações educacionais incluem currículos que validem hibridismo familiar, formação docente para dinâmicas mistas e políticas adoção que priorizem transmissão Libras. Hibridismo revela potência plurilingue quando apoiado, configurando dodas e fodas como fronteiras vivas da cultura surda expandida

Implicações educacionais e políticas para o bilinguismo familiar

As narrativas de codas, sodas, dodas e fodas revelam configurações familiares plurais que demandam políticas educacionais e linguísticas sensíveis ao bilinguismo assimétrico, à mediação afetiva e ao hibridismo cultural, transcendendo modelos uniformes de educação bilíngue centrados exclusivamente em surdos de famílias sinalizantes. A análise dessas experiências evidencia que o direito à Libras como língua materna não se restringe a contextos homogêneos, mas deve abranger famílias mistas onde oralidade e gestualidade coexistem em tensões de poder, requerendo intervenções que mitiguem privação linguística (sodas), sobrecarga tradutória (codas) e fragmentação identitária (dodas/fodas). Políticas educacionais devem priorizar estimulação bilíngue precoce independente do perfil parental, formação docente para dinâmicas familiares híbridas e serviços de interpretação familiar profissionalizados que aliviem responsabilidades infantis inadequadas.

Para codas, implicações educacionais incluem diferenciação entre educação bilíngue formal e papéis tradutórios informais, com currículos que validem sua competência bimodal sem explorá-la como serviço gratuito à família. Programas de apoio psicológico escolar devem abordar “síndrome da criança intérprete”, promovendo limites saudáveis e escolhas profissionais autônomas. Fernandes destaca que políticas linguísticas falham ao não assegurar Libras como L1 na infância para 95% dos surdos de pais ouvintes (sodas), mas também negligenciam codas como falantes nativos subutilizados pedagogicamente. Recomenda-se inclusão de codas em salas bilíngues como mediadores culturais remunerados ou em papéis de liderança estudantil, evitando super-representação precária entre intérpretes profissionais.

Sodas demandam diagnóstico precoce de surdez com encaminhamento imediato a estimulação em Libras, independentemente da fluência parental, via centros de referência familiar com instrutores surdos itinerantes. Políticas devem incluir cursos gratuitos de Libras básica para pais ouvintes, acompanhados de aconselhamento cultural sobre impacto da oralização no desenvolvimento identitário filho. Escolas bilíngues especializadas emergem como prioritárias para sodas, oferecendo imersão linguística intensiva que compense privação inicial, com currículos que integrem resgate identitário via narrativas de redescoberta cultural. Dodas beneficiam-se de abordagens multimodais domésticas, com políticas que incentivem comunicação familiar em Libras mesmo com progenitor ouvinte, via incentivos fiscais para cursos familiares e materiais bilíngues acessíveis. Educação escolar deve reconhecer assimetrias linguísticas intrafamiliares, oferecendo suporte psicológico para conflitos de lealdade e validação de identidades de transição.

Fodas requerem políticas de adoção que priorizem transmissão cultural surda, com formação pré-adoativa para casais surdos sobre bilinguismo bimodal e acompanhamento pós-adoção para integração escolar. Escolas devem acolher ouvintes culturalmente surdos como aliados linguísticos, integrando-os em turmas bilíngues para enriquecer interação par a par.

Legislação como Decreto nº 5.626/2005 preconiza educação bilíngue desde estimulação precoce, mas falha em especificidades familiares plurais. Moraes critica emergência tardia de políticas bilíngues, demandando articulação família-escola-comunidade para bilinguismo efetivo. Gabriel

analisa bilinguismo bimodal em codas, recomendando políticas que mapeiem configurações familiares para intervenções personalizadas.

Implicações políticas incluem criação de cadastros nacionais de famílias surdas/mistas com suporte linguístico domiciliar, formação inicial obrigatória em Libras para pedagogos e fonoaudiólogos com módulos sobre dinâmicas coda/soda, e redes de apoio comunitário para intérpretes familiares profissionais. Bonfim propõe “contra-ações educativas” que contraponham inclusão audista com bilinguismo crítico familiar, priorizando liderança surda na formulação política.

Educação infantil bilíngue deve incorporar diagnóstico de configurações familiares no matrícula, direcionando sodas para imersão intensiva, codas para papéis de liderança paritária, e dodas/fodas para validação híbrida. Currículos nacionais demandam transversalidade de conteúdos sobre plurilinguismo familiar, preparando professores para mediação cultural sem patologização.

Loboda Silva enfatiza implicações bilínguas na educação surda, recomendando políticas que integrem família como agente linguístico primordial via parcerias escola-associação surda. Littera defende educação bilíngue como pedagógica para surdos, com políticas que garantam Libras L1 em famílias ouvintes via instrutores domiciliares.

Pimentacultural sintetiza benefícios bilíngues, propondo políticas que superem barreiras familiares com materiais acessíveis e formação parental. EducaPública recomenda princípios metodológicos bilíngues adaptados a perfis familiares, evitando sobrecarga em codas e privação em sodas.

Desafios incluem resistência oralista parental, falta de instrutores surdos e orçamentos restritos para AEE familiar. Soluções envolvem incentivos fiscais para cursos Libras familiares, teleatendimento bilíngue e monitoramento longitudinal de desenvolvimento identitário por configuração familiar.

Bilinguismo familiar demanda políticas interseccionais que reconheçam afeto, adoção e assimetria como variáveis linguísticas, transformando potenciais conflitos em recursos epistemológicos para educação plurilingue inclusiva.

Considerações finais

As considerações finais deste capítulo reafirmam que a análise das narrativas de codas, sodas, dodas e fodas cumpriu o objetivo geral de evidenciar como viver entre línguas e culturas configura experiências plurais de hibridismo identitário, desafiando dicotomias tradicionais surdo/ouvinte e gestual/oral no campo dos Estudos Surdos. Ao caracterizar as configurações familiares específicas, identificou-se que codas enfrentam sobrecarga tradutória infantil que sacrifica autonomia afetiva apesar de privilégios bilíngues nativos; sodas vivenciam privação linguística traumática seguida de redescoberta transformadora da Libras como L1 tardia; dodas negociam assimetrias intrafamiliares em lealdade dividida; e fodas constroem pertencimento cultural deliberado por adoção, ampliando fronteiras da cultura surda para ouvintes identificados.

Os resultados teóricos demonstram que essas posições não são patológicas, mas expressões legítimas de plurilinguismo familiar que enriquecem epistemologias surdas quando adequadamente apoiadas, revelando que identidade cultural transcende biologia auditiva para se constituir em escolhas linguísticas e afetivas. A revisão bibliográfica confirma que bilinguismo bimodal precoce emerge como fator protetivo contra privação (sodas) e instrumentalização (codas), enquanto políticas educacionais atuais falham ao tratar configurações híbridas como anomalias em vez de recursos pedagógicos.

As implicações educacionais e políticas centrais incluem: (a) implementação de diagnóstico familiar na matrícula escolar para direcionamento personalizado – imersão intensiva para sodas, validação de liderança para codas, suporte para hibridismo em dodas/fodas; (b) criação de serviços de interpretação familiar profissionalizados que aliviem responsabilidades infantis inadequadas; e (c) formação docente obrigatória em dinâmicas plurais surdas, integrando módulos sobre bilinguismo assimétrico e resgate identitário tardio. Tais medidas alinham-se à legislação brasileira (Lei nº 10.436/2002; Decreto nº 5.626/2005), mas demandam regulamentação específica para famílias mistas, com incentivos fiscais para cursos Libras parentais e teleatendimento bilíngue domiciliar.

Pesquisas futuras devem priorizar narrativas longitudinais dessas populações sub-representadas, avaliando impactos de intervenções híbridas e mapeando trajetórias profissionais onde codas dominam interpretação, sodas lideram ativismo e dodas/fodas expandem redes culturais surdas.

Mantém-se a defesa de que educar entre línguas e culturas exige políticas interseccionais que transformem potenciais conflitos identitários – sobrecarga, privação, fragmentação – em territórios de potência plurilingue, reconhecendo o bilinguismo familiar como patrimônio educativo nacional que enriquece a diversidade linguística brasileira.

Referências

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1982.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e o meio legal de comunicação e expressão. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 19 jan. 2026.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 19 jan. 2026.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2026.
- FERNANDES, S. F. **Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 30, n. 60, p. 1-22, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zJRcjrZgSfFnKpbqTDh7ykK/>. Acesso em: 19 jan. 2026.
- GABRIEL, R. L. **O bilinguismo bimodal em duas crianças codas**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, João Pessoa, 2017.
- LANE, H. **The mask of benevolence: disabling the deaf community**. New York: Vintage Books, 1992.
- LADD, P. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. **Disinventing and reconstituting**

languages. Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

MORAIS, M. Z. **A emergência das políticas de educação bilíngue para surdos.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

PERLIN, G.; ROSA, M. **Aquisição da Libras por surdos oralizados.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 21, n. 3, p. 395-412, 2015.

QUADROS, R. M. **Argumentação em língua de sinais: análise da estrutura argumentativa em histórias narradas em Libras.** 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, V. B. L. **As implicações do bilinguismo na educação de surdos.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

SKLIAR, C. **A surdez como diferença: questões para a educação.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. **Educação de surdos: questões para uma nova configuração.** In: SKLIAR, C. (Org.). Educação e exclusão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 1-20.

SOUZA, J. C. F. **Intérpretes codas: infância sacrificada?.** Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/136479/336246.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2026.

STUMPE, M. R. C. **Identidades surdas e o processo de identificação do sujeito surdo.** Revista Gênero & Educação em Debate, Rio Branco, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/GEADEL/article/view/7483>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VITORINO, M. R.; CRUZ, A. S. **Entre “dois mundos”: a experiência vivida do sujeito CODA.** Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 36, n. 66, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/64875>. Acesso em: 19 jan. 2026.

ENTRE DUAS LÍNGUAS: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES SURDAS COM FILHOS CODAS

Ana Cláudia Fagundes Antunes¹

Bruna Fagundes Antunes Alberton²

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo relatar e refletir sobre as experiências das autoras surdas com seus filhos Cotas, destacando vivências relacionadas à construção identitária em contextos bilíngues e biculturais. Os objetivos específicos são: a) compreender o significado de ser sujeito Coda e b) apresentar relatos autobiográficos das autoras, evidenciando suas experiências culturais e linguísticas.

Este estudo vincula-se aos Estudos Surdos, articulando discussões sobre língua de sinais, diferença, cultura surda e comunidade surda. Pesquisas na área têm demonstrado que sujeitos Cotas apresentam específicas próprias, decorrentes de suas trajetórias bilíngues e de suas construções de aprendizagem distintas.

A construção do sujeito Coda envolve a aquisição de duas línguas e a vivência em dois mundos socioculturais. No contexto da língua de sinais, a criança Coda convive com a comunidade surda, com seus valores socioculturais e artefatos visuais; já no âmbito escolar e social, adquire práticas linguísticas e culturais do mundo ouvinte.

A revisão bibliográfica evidencia que as experiências de mães e pais surdos com filhos Cotas ainda são pouco discutidas nas pesquisas

1 Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora de Libras da Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana (UNIPAMPA). Uruguaiana, RS, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0006-7786-9056> E-mail: anaantunes@unipampa.edu.br

2 Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1058-2492>. E-mail: brunafantunes@gmail.com

brasileiras. Justifica-se, portanto, que este estudo aborda experiências culturais e linguísticas das mulheres surdas com filhos Codas, uma vez que tais relatos possibilitam ampliar reflexões nos Estudos Surdos, fortalecer debates sobre reconhecimento social e práticas linguísticas.

Destaca-se, nesse contexto, a importância dos Estudos Surdos, que compreendem a língua de sinais como elemento central na construção das identidades culturais e linguísticas dos sujeitos. Crianças Codas adquirem a língua de sinais por meio de experiências familiares e culturais, ao mesmo tempo em que se desenvolvem no mundo ouvinte.

Ao analisar os trabalhos elencados, observa-se a presença de estudos sobre o sujeito Coda em diferentes produções, muitas delas com caráter descritivo. Além das referências selecionadas para este artigo, destacam-se também autores como Oliveira (2018); Oliveira, Munguba e Bloc (2022), Quadros e Massutti (2007), Scremin (2023) e Souza (2014). Esses referenciais contribuem para a compreensão do sujeito Coda como resultado de práticas culturais e linguísticas situadas. Nesse contexto, apresentam-se as experiências de duas autoras—pesquisadoras surdas e irmãs, com o objetivo de analisar como se constroem as práticas linguísticas, culturais e identitárias no convívio com filhos Codas.

Significado de ser sujeito Coda

Para compreender o significado da sigla Coda, é importante destacar que ela corresponde ao termo *Children of Deaf Adults*, traduzido como “crianças de adultos surdos” ou “filhos(as) de pais surdos”. Essa terminologia começou a ser utilizada na década de 1980, nos Estados Unidos, e fundamenta o estudo de que os Codas vivenciam experiências culturais e sociais como sujeitos biculturais, conforme explica Souza (2014, p. 37-38).

É necessário utilizar a sigla Coda no contexto brasileiro, pois o país incorporou esse termo. O uso dessa sigla tornou-se amplamente reconhecido na literatura acadêmica e na comunidade surda, consolidando-se como expressão representativa de uma experiência sociocultural e linguística específica. Do ponto de vista linguístico e cultural, observa-se que o Brasil também incorporou o uso do sinal “I love you”, originado nos Estados Unidos, utilizado para expressar “eu te amo” na comunidade surda. Nesse mesmo sentido, a sigla Coda foi acolhida no contexto brasileiro, tornando-se uma referência consolidada nos Estudos Surdos. Essa incorporação

evidencia a circulação de expressões linguísticas e culturais, que se reconfiguram e ressignificam na comunidade surda, produzindo sentidos identitários e sociais.

Para entender o que significa ser um sujeito Coda, é preciso compreender as construções linguísticas das crianças que vivenciam duas experiências culturais e linguísticas. Na comunidade surda, as crianças têm contato com o mundo surdo por meio da convivência com seus pais, da cultura visual e da língua de sinais. Ao mesmo tempo, têm acesso ao mundo ouvinte, adquirindo a língua oral-auditiva, como o português, por meio de familiares ouvintes, da escola ou de outros ambientes sociais.

Assim, considera-se o sujeito Coda bilíngue, pois compreende a experiência visual dos pais e os aspectos culturais que marcam a comunidade surda.

Há um mundo no qual o sujeito Coda vive suas experiências, um mundo que já está aí e que atravessa sua experiência. Dizer que o sujeito Coda vive entre dois mundos significa afirmar que sua experiência se constitui no contato e comunicação com as pessoas surdas através de Libras e através da fala com pessoas ouvintes. Nos questionamos como se constituem estas experiências que possuem tanto elementos particulares quanto comuns àqueles que habitam entre estes dois mundos. Nomeamos de “dois mundos” diante da diferença que parece existir entre eles e que, ao mesmo tempo, institui modos específicos de experienciar o contato consigo mesmo e com os outros (Oliveira *et al.* 2022, p. 3).

As crianças Coda começam a utilizar a língua de sinais desde cedo e desenvolvem experiências visuais por meio do contato cotidiano com seus pais surdos. Paralelamente, o contato com a língua oral ocorre na convivência com familiares ouvintes (como avós, tios, primos e outros familiares), em creches/escolas, na interação com vizinhos e em outros ambientes sociais. No que se refere às informações sonoras, a criança Coda passa a compreender diferentes sons por meio de estímulos familiares, da televisão, do rádio, de músicas e de outras situações do cotidiano. Quanto à aprendizagem da língua oral, desenvolve a fala por meio da interação com familiares ouvintes, no ambiente escolar e no convívio com amigos.

No que diz respeito à língua de sinais, a criança Coda adquire essa língua principalmente no ambiente familiar, convivendo com seus pais surdos. Além disso, também pode entrar em contato com outras pessoas surdas em espaços variados, como festas de aniversário, encontros da comunidade surda, associações e eventos culturais. Nesse processo social e

interativo, constrói e desenvolve sua competência linguística em língua de sinais, ampliando vocabulário, fluência e compreensão cultural.

Outro ponto importante é que a criança Coda adquire duas línguas e, nesse contexto, pode construir referências culturais distintas. Isso caracteriza a biculturais, ou seja, a exposição a duas culturas desde o nascimento. Segundo Scremin (2023, p. 30), a biculturalidade representa as “experiências bilíngues e biculturais entre o mundo surdo e o ouvinte”. Observa-se que a criança Coda convive com seus pais em uma cultura visual, marcada pela experiência visual e pela língua de sinais. Ao mesmo tempo, tem contato com a cultura ouvinte, por meio de elementos como música, sons e interações com pessoas ouvintes. Certamente, há especificidades que tornam cada uma dessas culturas realidades singulares, nas quais a criança Coda constrói suas próprias identidades culturais. Assim, conhecer e vivenciar ativamente essas duas culturas é o que chamamos de marca bicultural dos sujeitos Codas.

Scremin (2023, p. 119) explica que a biculturalidade vai além da simples aquisição natural de duas línguas, pois: “abrange tudo o que envolve as duas línguas, a cultura e os valores; permite olharmos as situações de dois lugares: daquele que é comum aos olhos da maioria e daquele que viveu a situação”.

Segundo Pereira (2008), o biculturalismo pode ser compreendido como uma forma de viver inserido em duas culturas, o que implica o contato com, no mínimo, duas línguas. Além disso, constitui uma maneira de compreender o mundo, pois influencia o desenvolvimento identitário em suas dimensões pessoal e social.

Essa vivência bicultural reflete-se também em práticas do cotidiano familiar. Em relação à cultura surda, a criança Coda adquire práticas culturais de natureza visual, tendo a língua de sinais como elemento central. Desde cedo, compreende formas específicas de interação, como chamar os pais sem gritar, utilizando toques, sinais visuais ou acendendo a luz. Também compreende conversas que exigem atenção visual e o uso de recursos visuais, como vídeos, televisão com legendas e a presença de intérpretes de língua de sinais no contexto escolar. Essas experiências contribuem para sua compreensão das dinâmicas culturais surdas.

A experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos faz com que a percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas sejam atravessadas por substratos filosóficos, éticos e estéticos marcados por tensões em zonas fronteiriças de contato.

O universo surdo e ouvinte marcam as fronteiras dos Codas. (Quadros; Masutti, 2007, p. 246).

Nesse sentido, por meio da língua de sinais, o Coda desenvolve a experiência visual que lhes permite compreender o modo de vida das pessoas surdas, realizando trocas de informações relevantes e construindo, assim, uma identidade cultural específica. Embora o desenvolvimento intelectual desses sujeitos ocorra entre duas culturas, o contato direto com seus pais e com a comunidade surda desempenha um papel determinante na forma como percebem e interpretam o mundo. Portanto, a circulação constante entre esses dois contextos linguísticos e culturais expõe o sujeito Coda a diferentes perspectivas, consolidando sua identidade bicultural e fortalecendo seus repertórios comunicativos.

A partir deste ponto, apresentamos relatos de experiências referentes à criação de mulheres surdas com filhos ouvintes. Serão descritas três vivências, sendo dois Codas — um menino de 14 anos (Coda 1) e sua irmã de 10 anos (Coda 2) — e outra criança Coda de 8 anos (Coda 3). As experiências relacionadas ao desenvolvimento desses filhos foram compartilhadas por nós, autoras deste texto, enquanto mães de crianças ouvintes.

Para este estudo, optamos pela abordagem qualitativa, utilizando o método narrativo, com foco em vivências familiares em contextos bilíngues e biculturais. Foram descritas três experiências de três Codas. As informações foram organizadas a partir da observação contínua, do acompanhamento do desenvolvimento linguístico e social dessas crianças e dos registros reflexivos feitos pelas autoras.

As narrativas foram analisadas considerando fatores como autonomia escolar, participação em eventos da comunidade surda, uso de Libras e português no ambiente familiar e construção identitária. Assim, busca evidenciar desafios, estratégias e potenciais envolvidos no processo de formação de crianças Codas em contexto bilíngue.

As experiências das mulheres com filhos Codas

As três Codas começaram a utilizar a língua de sinais desde cedo e passaram a compreender as diferenças culturais presentes na comunidade surda. As autoras permitiram que Codas percebessem essas especificidades de forma natural, sem explicitar inicialmente que os pais eram surdos, e, gradualmente, eles passaram a utilizar os sinais espontaneamente. No

processo de desenvolvimento linguístico, essas crianças já convivem com seus pais em interações pautadas por conversas visuais. Além disso, já participaram de associações de surdos e de eventos da comunidade surda, ampliando suas experiências culturais e identitárias. Sobre desenvolvimento da experiência, Skliar e Quadros (2000, p. 44) explicam:

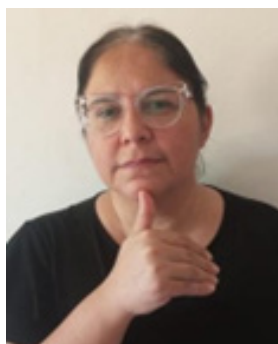
Desenvolvem-se em meio a surdos adultos e, também, a ouvintes adultos. Aí reflete-se a contradição na formação da identidade desses “ouvintes”, ao mesmo tempo que essas crianças desenvolvem experiências auditivas enquanto ouvintes, tornam-na diferentes dos surdos colocando-as à parte da comunidade de forma sutil, assim como relatam Padden e Humphries (...). Em contrapartida, temos um tipo de “ouvintes que se diferencia dos “outros” ouvintes pois apesar dos filhos de pais surdos serem ouvintes, eles têm a experiência visual adquirida juntamente a comunidade surda e seus familiares. (Skliar; Quadros, 2000, p. 44).

No caso da criança Coda 3, destaca-se o exemplo de que, ainda bebê, por volta dos 3 ou 4 meses, ela já demonstrava tentativas de comunicação por meio do toque para chamar os pais. Durante a noite, com o berço posicionado ao lado da cama dos pais, a criança passou a chamar a atenção utilizando toques com as mãos e os pés, para que os responsáveis despertassem. Essa percepção também é relatada em relação às outras duas crianças, sugerindo que a construção de uma experiência significativa de comunicação com os pais estava presente desde muito cedo.

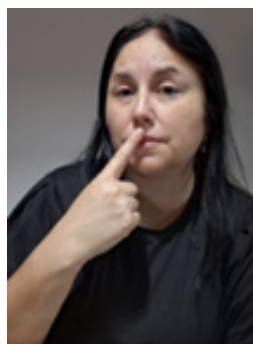
Outro aspecto observado nas três Codas refere-se à identificação de sons domésticos, como o alarme do micro-ondas. Ao ouvirem o sinal sonoro indicando que o aparelho havia finalizado o aquecimento, as crianças informavam seus pais, demonstrando desde cedo consciência das informações auditivas do ambiente.

Nas conversas realizadas com adultos surdos que possuem filhos Codas, a maioria relata que os primeiros sinais utilizados pelas crianças estão relacionados a necessidades básicas, sendo “MAMÃE” ou “ÁGUA” os mais frequentemente mencionados. Ao mostrar um copo de água e realizar o sinal correspondente, a criança começa a se apropriar dessa informação por meio da repetição. Percebeu-se que, por volta dos 9 meses, o bebê Coda 1 já sinalizava “ÁGUA”. A sinalização era produzida sem intervenção dos pais no sentido de corrigir o bebê, uma vez que se entende não ser necessário corrigi-lo, pois a aprendizagem ocorre de maneira natural. Com o tempo, o sinal passou a ser produzido na forma correta, processo semelhante ao de um bebê ouvinte, que inicialmente produz balbucios

e, progressivamente, aprende a forma adequada de falar. Temos registro fotográfico dos dois sinais.



ÁGUA



MAMÃE

Fonte: Autoria própria (2026).

Outros sinais utilizados pelos bebês, na fase de balbucio, incluíam “COMER”, “PAPAI”, “VOVÓ” e “TIO”. Com o tempo, observou-se um aumento no vocabulário, principalmente quando passaram a demonstrar maior atenção aos brinquedos. Assim, começaram a aprender os sinais relacionados a animais e objetos, como “CARRO” e “CAMINHÃO”. O Coda 1 utilizava com frequência os sinais de “CAMINHÃO”, “CARRO” e do animal “CAVALO”. Já o Coda 2 e 3 apresentavam grande interesse por animais, sinalizando “CACHORRO”, “GATO”, “SAPO” e “GIRAFÁ”.

Refletir sobre a convivência em uma família em que os pais são surdos e os filhos ouvintes requer compreender que a relação entre som e visão se organiza de maneira diferenciada. Em relação à Coda 3, verificou-se que a percepção sobre a surdez dos pais ocorreu muito cedo, assim como a compreensão da cultura a eles relacionada. Em uma situação observada, quando a criança tinha aproximadamente 1 ano de idade, ela dormia em um quarto e, no cômodo ao lado, uma xícara grossa caiu, despedaçando e produzindo um som alto. Apesar do barulho intenso, a criança continuou dormindo, sugerindo uma familiaridade com um ambiente em que o som não é o principal meio de alerta ou de interação.

Quanto ao uso da comunicação oral com pessoas ouvintes com quem a criança tem contato, seja na escola ou com familiares ouvintes (avós e tios), verificou-se que nos três casos as crianças Coda desenvolveram muito cedo habilidades comunicativas. Os sujeitos aprenderam a conversar com fluência e adquiriram as estruturas adequadas na língua portuguesa.

O bilinguismo que vivenciam permite o rápido desenvolvimento da atenção tanto visual quanto auditiva. Os avós das crianças moram em locais distantes, por isso foi preciso utilizar videochamadas para manter contato e conversar, o que ocorreu com facilidade. Com o passar do tempo, observou-se que desenvolveram habilidades comunicativas suficientes para conversar normalmente com qualquer pessoa, mesmo fora do convívio familiar, não sendo necessária uma atenção maior para que aprendessem a falar em português. Em função dessas questões, afirma-se novamente que são crianças com uma vivência bilíngue e bicultural.

Além disso, as três Codas iniciaram cedo na creche, o que possibilitou a convivência diária com crianças ouvintes e contribuiu significativamente para o desenvolvimento de suas competências linguísticas e sociais em português. Sobre aquisição linguística da Coda, Oliveira (2018, p. 46) explica:

a criança vai adquirindo livremente e aparentemente sem esforço duas línguas de modalidades diferentes, fato que contribui para o seu desenvolvimento como um todo, pois ela adquire prematuramente habilidades para lidar com situações linguísticas, sociais e culturais diferentes.

Sobre o desenvolvimento das habilidades em língua de sinais, foi possível perceber que as crianças desenvolveram maior fluência a partir dos 3 anos de idade. Entre os 2 e 3 anos, já iniciavam pequenas conversas visuais, aprendendo sinais relacionados a brinquedos ou a imagens presentes em livros, o que favorecia a compreensão. A partir dos 3 anos, passaram a utilizar a Libras de forma mais autônoma nas interações com os pais e outros surdos. Apesar de ainda não serem alfabetizadas, já demonstravam domínio do alfabeto datilológico, embora sem a capacidade de formar palavras completas. Observou-se também que, nesse período, os sujeitos começaram a utilizar estratégias para descrever elementos cujo sinal ainda não conheciam. Para compor essas descrições, recorriam a classificadores, expressões faciais e corporais. Um exemplo ocorreu quando três Codas tentaram explicar um desenho animado sem sinal específico, utilizando classificadores e descrições visuais detalhadas.

No desenvolvimento linguístico em língua de sinais, observou-se também que a Coda 3 começou a inventar um sinal para “POLVILHO”, sua comida favorita, que não possui sinal correspondente em Libras. A criança passou a utilizar esse sinal de forma recorrente, e os pais compreenderam seu significado no contexto familiar. Esse fenômeno pode ser entendido

como um sinal provisório ou sinal combinado, criado e utilizado no ambiente doméstico para atender à demanda comunicativa.

Codas no mundo ouvinte

Do ponto de vista linguístico, cabe à escola solicitar a presença de intérprete de Libras em eventos escolares ou reuniões pedagógicas envolvendo pais surdos. A Coda 3 demonstra alto nível de consciência acerca do contexto vivenciado pelos pais, sobretudo nas reuniões escolares. Observa-se que a criança se sente mais tranquila quando há intérprete de Libras, pois dessa forma os pais podem acompanhar as informações e participar ativamente do processo escolar. Visualmente, percebe-se sua satisfação ao perceber que seus responsáveis compreendem o que está sendo discutido e podem compartilhar suas vivências educacionais.

Outro aspecto relevante refere-se ao sentimento de segurança e orgulho que a Coda 3 manifesta ao apresentar seus pais aos colegas de turma, informando que são surdos e explicando a presença do intérprete de Libras. Ela demonstra entusiasmo ao ensinar alguns sinais básicos aos colegas e professores, contribuindo para ampliar a acessibilidade comunicativa e promover a valorização da Libras no ambiente escolar.

Ainda no contexto escolar, destaca-se uma experiência envolvendo o Dia Nacional dos Surdos, celebrado em 26 de setembro. A Coda 3 compartilhou com a professora a relevância dessa data, o que despertou o interesse da docente em abordar o tema em sala de aula. A professora solicitou então que a criança realizasse uma atividade relacionada, e a Coda 3 propôs uma dinâmica de “telefone sem fio” em Libras, ideia que foi bem acolhida. No dia da atividade, a criança ensinou aos colegas a sinalização de “*Feliz Dia dos Surdos*”, demonstrando entusiasmo e orgulho ao participar ativamente da proposta. Os colegas, por sua vez, reagiram de forma positiva, demonstrando curiosidade e interesse pela língua de sinais.

De forma semelhante, a Coda 2 também demonstrou satisfação quando a escola desenvolveu atividades envolvendo Libras, especialmente ao perceber que seus colegas começaram a aprender sinais relacionados a cores. Observou-se alegria e orgulho por parte das duas crianças ao perceberem colegas ouvintes envolvidos em práticas relacionadas à língua de sinais.

Essas experiências evidenciam a importância de a escola de ouvintes promover atividades que contemplem a cultura surda e o ensino

de Libras, contribuindo para a valorização da diversidade linguística e para o reconhecimento da Libras.

Segundo Souza, Pereira e Quadros, as crianças Codas sentem orgulho de pertencer à comunidade surda e de serem filhas de pais surdos, pois vivenciam o bilinguismo e o pertencimento a duas comunidades culturais distintas. Essa experiência possibilita a construção de identidades que transitam entre dois mundos — o surdo e o ouvinte —, nos quais os pais surdos desempenham um papel fundamental ao ensinar e valorizar práticas linguísticas e culturais próprias da comunidade surda.

No que se refere ao acompanhamento das tarefas de casa, destaca-se o exemplo relacionado ao processo de alfabetização. No caso de três Codas, observa-se que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorre principalmente no ambiente escolar, sendo, por vezes, complementada com o apoio da avó. Compreende-se que, em algumas famílias, pais surdos podem apresentar dificuldades em auxiliar diretamente os filhos nesse momento, seja por barreiras linguísticas, seja por experiências educacionais anteriores. Diante disso, algumas famílias optam por pagar aulas de reforço ou transferir essa responsabilidade a outros familiares ouvintes, de modo a garantir que a criança receba o suporte necessário em suas tarefas escolares. Após o processo inicial de alfabetização, observou-se que, nos demais conteúdos escolares, as três Codas passaram a realizar suas tarefas de casa de forma autônoma, sem necessitar de apoio constante dos familiares.

Codas na comunidade surda

Observa-se que as crianças, ao visitarem familiares ou outros ambientes sociais, sentem-se à vontade para conversar tanto em português quanto em língua de sinais, realizando essa mudança de registro de forma natural. Da mesma forma, demonstram interesse em frequentar associações de surdos ou encontros familiares nos quais possam encontrar outras crianças Codas.

A Coda 3, por exemplo, interage com adultos surdos para compartilhar novidades, mas prefere brincar e conversar com outras crianças Codas nesses espaços. Observa-se que as três Codas relatam que gostam de conversar em língua de sinais e afirmam que se divertem quando estão em contato com outras crianças Codas que também frequentam tais ambientes. Esse convívio contribui para a ampliação de repertórios

comunicativos, o fortalecimento identitário e o desenvolvimento de pertencimento à comunidade surda.

Destaca-se também a participação das crianças em eventos específicos para Codas realizados na Colônia de Surdos, em Capão da Canoa. Nesses espaços, a Coda 3 demonstra grande entusiasmo, pois há atividades organizadas por responsáveis adultos surdos e Jovens Codas, voltadas especialmente às crianças. Durante esses encontros, participa de brincadeiras e interações com outras crianças Codas, fortalecendo vínculos afetivos e linguísticos. A criança já reconhece esse espaço como um ambiente linguístico-cultural significativo, no qual a língua de sinais é valorizada.

Sobre a participação dos Codas em associação de surdos, a autora Scremin (2023, p. 70-71) afirma:

A vivência de filhos ouvintes, que crescem em famílias de pais surdos, no espaço da associação de surdos gera entre si a intimidade e a similaridade do dia a dia. Este contato com outro par Coda provoca uma relação de união especial entre eles, mesmo que cada família tenha suas características únicas. Há sentimentos semelhantes aos dos filhos ouvintes. A língua viso-espacial e oral, no mesmo ambiente, usada para se comunicar com os pais surdos, cria uma conexão única entre esses filhos, pelo fato de pertencerem a um grupo minoritário (a família surda) e a um grupo majoritário (a sociedade ouvinte) ao mesmo tempo pode ser desafiador, mas, também fortalece o sentido de pertencimento entre os Codas.

As crianças transitam com facilidade entre as culturas surda e ouvinte, fazendo amizades com ouvintes e com surdos, desenvolvendo consciência dos contextos e das particularidades de cada espaço social. São observadoras e curiosas, especialmente ao acompanhar conversas entre adultos e identificar sinais desconhecidos. Em um exemplo, a Coda 3 não conhecia o sinal referente ao clube Sogipa e prontamente questionou seu significado. De modo semelhante, Coda 2 costuma observar atentamente conversas entre pessoas surdas, demonstrando curiosidade e interesse pelo repertório linguístico visual.

Em algumas situações, os pais precisam ter cuidado ao conversar sobre determinados assuntos, pois os filhos observam atentamente e compreendem o conteúdo rapidamente. Assim, torna-se necessário sinalizar de maneira “disfarçada” para manter a conversa restrita aos adultos. Relatos de adultos surdos apontam que essa característica é comum: as crianças

tendem a observar atentamente as conversas dos adultos, demonstrando seu interesse natural pelo uso da língua.

Destaca-se que a maneira como as crianças Codas se comunicam em língua de sinais é distinta da sinalização realizada por outras pessoas ouvintes aprendizes, expressando naturalidade, leveza e uso adequado de expressões faciais e corporais. Enquanto um aprendiz costuma utilizar sinais de forma pouco contextualizada, as crianças Codas empregam sinais de maneira rápida, fluente e adequada às situações comunicativas.

O filho de surdos pode crescer vivenciando a princípio os artefatos culturais como: experiência visual, linguística, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, políticas e materiais. Porém o Coda vivencia todos estes processos com audição, o que pode trazer outras questões a respeito de identidade. (Souza, 2014, p. 27).

Dessa forma, reconhecer a complexidade das trajetórias vivenciadas por Codas implica compreender que suas identidades se constroem a partir de articulações culturais singulares. O contato constante entre modos de ser, perceber e significar o mundo contribui para a formação de sujeitos que transitam entre diferentes práticas linguísticas e sociais.

Considerações finais

O presente estudo evidenciou que as crianças Coda vivenciam um processo de desenvolvimento linguístico e cultural marcado pela aquisição de duas línguas: a língua de sinais e a língua oral-auditiva. Desde muito cedo, a convivência com pais surdos possibilita a construção de uma experiência visual relevante, que se manifesta por meio da naturalidade na língua de sinais. Ao mesmo tempo, a presença em ambientes ouvintes favorece a aprendizagem da língua portuguesa, indicando que o bilinguismo constitui um eixo central na formação identitária desses sujeitos.

As crianças Coda constroem duas culturas simultaneamente, desenvolvendo práticas linguísticas e culturais. Na cultura surda, aprendem regras de interação visuais, o uso da língua de sinais, classificadores e expressões faciais. Na cultura ouvinte, participam de rotinas baseadas na oralidade, em práticas escolares e em interações sonoras. Esse trânsito constante permite que adaptem sua comunicação conforme o interlocutor e o contexto, elaborando repertórios linguísticos próprios e estratégias criativas, como sinais provisórios ou descrições – fortalecendo identidades

biculturais. Segundo Souza (2014) “ser CODA é ser duplamente rico, linguística e culturalmente”.

Para concluir, é preciso lembrar que as experiências dessas crianças constroem, ao mesmo tempo, duas culturas, articulando dois mundos. As vivências discutidas reforçam a importância do reconhecimento das especificidades da Coda no contexto de práticas linguísticas e sociais. Assim, compreender a experiência Coda amplia o debate sobre bilinguismo, identidade, cultura e acessibilidade, contribuindo para novas reflexões no campo dos Estudos Surdos.

Referências

OLIVEIRA, José Carlos. CODAS: aquisição da linguagem bimodal.

Revista Simbiótica. Vitória, v. 5, n. 2, p. 40-59, jul-dez. 2018.

Disponível em: CODAS: Aquisição da linguagem bimodal. Acesso em: 12 nov. 2025.

OLIVEIRA, Ana Receba M. N.; JOCA, Terezinha Teixeira;

MUNGUBA, Marilene Calderaro da S.; BLOC, Lucas G. Entre

“Dois Mundos”: A Experiência Vivida do Sujeito CODA. **Revista Educação Especial**. v. 35. 2022. Disponível em: Entre “Dois Mundos”: A Experiência Vivida do Sujeito CODA | Revista Educação Especial.

Acesso: 20 nov. 2025.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: UFSC/PGET, 2008. Disponível em:

Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais - Dialnet. Acesso: 20 nov. 2025.

QUADROS, Ronice M. de; MASSUTTI, Mara. Cotas brasileiros:

Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice M.

de; PERLIN, Gládis. (Org.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

SCREMIN, Paula Xavier. **Marcas Surdas de professores Cotas**

compartilhadas nas tramas da interculturalidade. Universidade Federal

de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação 211 f. UFSM:

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em: TES_PPGEUCACAO_2023_SCREMIN_PAULA.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

SKLIAR, Carlos.; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente

o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da Clínica**, v.5, n.9, p. 32-51, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v5i9p32-51>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SOUZA, J.C.F. **Intérpretes Cotas**: construção de identidades. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/136479>. Acesso em 11 nov. 2025.

A COMUNICAÇÃO CASEIRA DE UMA FILHA SURDA COM PAIS OUVINTES

Giovana Cristina de Campos Bezerra¹

Introdução

O relato de experiência com minha família, composta por pais ouvintes e filha surda, revela como a convivência e o contato com sinais caseiros, bem como o treinamento em leitura labial, influenciaram nossa comunicação. A comunicação dentro da família é um dos aspectos mais fundamentais para o desenvolvimento emocional, social e linguístico de qualquer pessoa. No entanto, quando há uma diferença de modalidade linguística entre seus membros — como no caso de pais ouvintes e filha surda —, esse processo adquire contornos únicos, desafiadores e, ao mesmo tempo, profundamente enriquecedores. Este relato busca compartilhar a vivência de Giovana, filha surda de pais ouvintes, ressaltando as estratégias, os sentimentos e as adaptações que marcaram sua trajetória de comunicação no ambiente familiar.

Desde a infância, a ausência de uma língua comum entre Giovana e seus pais gerou momentos de silêncio, tentativas e aprendizados mútuos. A comunicação, inicialmente baseada em gestos espontâneos, expressões faciais e sinais criados no cotidiano, foi, aos poucos, se transformando em um espaço de descoberta e aproximação. A família, mesmo sem conhecimento formal da Libras (Língua Brasileira de Sinais) no início, desenvolveu uma forma particular de diálogo, na qual o amor, a paciência e o olhar se tornaram pontes para o entendimento.

A comunicação caseira entre pais ouvintes e filha surda revela como a convivência e o contato com sinais espontâneos, gestos e expressões visuais podem se transformar em pontes de entendimento, afeto e pertencimento. Mesmo sem o domínio formal da Libras no início, a família desenvolveu uma forma única de diálogo, baseada no amor, na

1 Doutoranda em Estudos Linguísticos e estudos literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA); docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT)-Letras Libras e português no Instituto Federal do Pará, campus Bragança/PA; arlgini.campos4@gmail.com

paciência e na criatividade, que foi fundamental para o desenvolvimento emocional, social e linguístico da filha surda. (BEZERRA, Giovana).

Com o passar do tempo, a inserção da Libras na vida de Giovana e de seus pais possibilitou um novo horizonte comunicativo e afetivo. O aprendizado da língua de sinais pelos familiares não apenas facilitou o diálogo, mas também fortaleceu os laços de pertencimento e reconhecimento da identidade surda de Giovana. Assim, este relato pretende refletir sobre a importância da acessibilidade linguística dentro da família, evidenciando que a comunicação entre surdos e ouvintes vai além das palavras — ela se constrói no encontro de mundos, no respeito às diferenças e na valorização da diversidade linguística e cultural.

A história de comunicação caseira entre uma filha surda e seus pais ouvintes é um retrato vivo dos desafios e conquistas que marcam a convivência entre mundos linguísticos e culturais distintos. No ambiente familiar, onde o amor deveria ser a linguagem universal, muitas vezes surgem barreiras provocadas pela falta de compreensão das diferenças comunicativas. No entanto, a trajetória de uma filha surda como Giovana demonstra que a superação dessas barreiras é possível quando há empatia, respeito e disposição para aprender.

A comunicação em casa, inicialmente limitada, foi se transformando à medida que os pais passaram a compreender que a surdez não é uma deficiência, mas uma diferença linguística e cultural. Com o tempo, os gestos, expressões faciais e sinais criados espontaneamente — os chamados sinais caseiros — se tornaram o ponto de encontro entre a filha e seus pais. Essa forma de comunicação, embora simples, representou uma ponte afetiva poderosa, capaz de transmitir amor, carinho e compreensão mesmo na ausência da fala.

A descoberta da Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi um marco transformador nessa relação. Ao conhecer a Libras, os pais compreenderam que não precisavam “ensinar a falar”, mas sim aprender a se comunicar na língua da filha. Esse gesto de abertura marcou o início de uma convivência mais plena, respeitosa e afetiva, consolidando o vínculo familiar e fortalecendo a identidade surda de Giovana.

Essa experiência mostra que a inclusão começa no lar. Quando a família reconhece e valoriza a língua natural da pessoa surda, ela se torna o primeiro espaço de pertencimento e de construção da identidade. A filha surda deixa de ser vista como alguém que “não ouve” e passa a ser reconhecida como sujeito de uma cultura visual e bilíngue.

Por outro lado, o papel dos pais é essencial nesse processo. É deles que parte o primeiro gesto de aceitação, o primeiro esforço para aprender a língua da filha e o primeiro passo em direção à inclusão real. A comunicação caseira, nesse sentido, é mais do que uma troca de informações — é uma expressão de amor, empatia e reconhecimento da diferença.

Conclui-se, portanto, que a convivência entre pais ouvintes e filha surda pode se tornar uma experiência rica e transformadora quando baseada na valorização da Libras e no respeito à identidade surda. Essa história inspira outras famílias a compreenderem que a verdadeira comunicação vai além do som — ela nasce do olhar, do gesto e do coração.

A temática da comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos é amplamente abordada nos Estudos Surdos, sobretudo nas áreas da Linguística Aplicada, Sociolinguística e Educação Bilíngue. Em contextos nos quais a família não domina a Língua Brasileira de Sinais (Libras), é comum o surgimento de formas alternativas de comunicação — os chamados sinais caseiros (*home signs*). Embora esses sistemas não sejam línguas completas, possuem relevância cultural e linguística ao emergirem como resposta às necessidades comunicativas das crianças surdas em seu ambiente doméstico.

Comunicação caseira: origem e significado

Conforme Goldin-Meadow (2003), o surgimento dos sinais caseiros se dá a partir da criação de gestos próprios inventados por crianças surdas para se comunicar com familiares ouvintes não sinalizantes. Embora não constituam uma língua plena, tais gestos apresentam funções regulares que expressam emoções, ações e situações cotidianas. A literatura aponta esses sinais como mecanismos de adaptação e resistência linguística, visto que, mesmo sem acesso à Libras, a criança surda demonstra capacidade inata para desenvolver sistemas comunicativos visuais (QUADROS; KARNOPP, 2004). Strobel (2009) ressalta que, no contexto brasileiro, esses gestos fazem parte da memória cultural de muitas famílias e representam patrimônio afetivo anterior ao contato formal com a Libras.

Família ouvinte e impacto no desenvolvimento linguístico

A maioria das crianças surdas nasce em lares ouvintes. De acordo com Lacerda (2011), essa circunstância impõe desafios ao desenvolvimento

global da criança, sobretudo quando o acesso à língua de sinais é tardio. Os sinais caseiros, apesar de sua limitação expressiva, cumprem função afetiva primordial nesse início de vida. Skliar (1998) argumenta que o principal obstáculo à inclusão não é a surdez propriamente dita, mas sim a restrição ao acesso pleno à língua. Nesse sentido, famílias que aprendem Libras fortalecem laços emocionais e potencializam o desenvolvimento da criança.

Bilinguismo e identidade surda

A transição dos sinais caseiros para a Libras representa, muitas vezes, um divisor de águas no desenvolvimento linguístico. Para Góes (1999), a Libras é fundamental para a constituição de uma sólida identidade linguística e para o desenvolvimento de competências cognitivas amplas, que não podem ser alcançadas exclusivamente por meio de gestos espontâneos. O contato com outros surdos, escolas bilíngues e redes de socialização sinalizantes proporciona vivência plena da língua e cultura surda, fortalecendo a autoestima e a percepção de pertencimento (Strobel, 2009).

Família surda e ampliação da experiência bilíngue

Quando adultos surdos constituem sua própria família, sobretudo em união com outro surdo, há maior preservação e transmissão da Libras como herança linguística. No caso de filhos ouvintes (CODAs), pesquisas como as de Preston (1994) e Napier (2021) demonstram que essas crianças tendem à bilinguidade e biculturalidade, tornando-se pontes naturais entre os mundos surdo e ouvinte.

Persistência dos sinais caseiros na vida adulta

Mesmo após o domínio da Libras, muitos sinais caseiros permanecem no repertório familiar, evidenciando a relevância dessas práticas enquanto marcas identitárias. Como aponta Labov (2008), a heterogeneidade linguística integra as práticas sociais dos grupos. A permanência desses sinais serve como registro afetivo, reforçando os vínculos familiares e preservando histórias de adaptação e acolhimento.

Em síntese, a comunicação familiar de filhas surdas com pais ouvintes é atravessada por criatividade, resiliência e transformações identitárias. O respeito à Libras, sem desprezar os sinais caseiros, constitui elemento-chave para um ambiente de inclusão, pertencimento e promoção de direitos linguísticos e culturais.

Sinais caseiros da família ouvinte e da filha surda

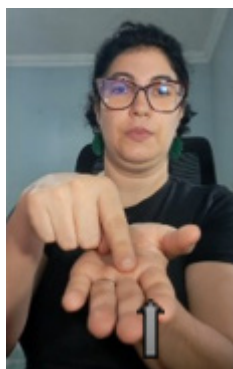
A minha história, como filha de família ouvinte, revela como a comunicação pode florescer mesmo diante das diferenças linguísticas. Nascida em uma família ouvinte, desde pequena descobri um mundo percebido não pelos sons, mas pelos gestos, olhares e toques. Para meus pais, o diagnóstico da surdez foi inicialmente um momento de incerteza e medo — não pelo fato de eu ser diferente, mas pelo desafio de aprender a me compreender sem as palavras faladas que até então marcavam a rotina familiar.

No início, a comunicação acontecia por meio de sinais espontâneos, criados no convívio diário, que se tornaram uma espécie de “língua de casa”. Esses sinais caseiros — também conhecidos como home signs — surgiam naturalmente das interações entre mim e meus pais, baseando-se em gestos simples que representavam pessoas, objetos e ações do cotidiano. Um gesto para “comer”, outro para “dormir”, um movimento de mão para “água” e uma expressão facial para “alegria”, além de um sinal próprio para “pão com geleia”. Embora esses sinais não fizessem parte da Língua Brasileira de Sinais (Libras), constituíam um sistema de comunicação funcional e afetivo, capaz de garantir a interação e o vínculo familiar.

Esses sinais eram moldados pelo amor e pela necessidade. Cada gesto criado carregava um significado compartilhado, entendido apenas dentro do nosso lar. Era uma comunicação genuína, nascida da tentativa constante de aproximação. Meus pais, mesmo sem conhecer Libras, buscavam atender às minhas necessidades, interpretando meus gestos e expressões com sensibilidade. Eu, por minha vez, percebia a intenção de comunicar e acolher no olhar dos meus pais, o que fortalecia o sentimento de pertencimento e segurança.

Com o passar do tempo e com o contato com a comunidade surda e a escola bilíngue, comecei a aprender Libras de forma estruturada. Esse momento foi transformador. A língua de sinais passou a me oferecer novos meios de expressão, ampliando minha capacidade de narrar experiências,

expressar sentimentos e compreender o mundo com profundidade. Entretanto, mesmo após a introdução da Libras, os sinais caseiros continuaram presentes na comunicação familiar, funcionando como uma ponte entre dois mundos linguísticos — o mundo visual da filha e o mundo oral dos pais.



Fonte: Elaboração pela autora (sinal caseiro “PÃO”)

A convivência entre Libras e sinais caseiros tornou-se reflexo da própria dinâmica bilíngue da família. Havia momentos em que eu sinalizava com fluência, e meus pais, ainda aprendendo, misturavam palavras faladas, gestos e expressões. O mais importante, porém, era a intenção comunicativa: o esforço mútuo de compreender e ser compreendido. Desenvolvemos uma comunicação híbrida, misturando elementos da Libras, gestos caseiros e expressões corporais, criando um diálogo próprio — um idioma da convivência e do afeto.

Esse processo também foi educativo. Ao aprender Libras, meus pais passaram a compreender melhor as especificidades da cultura surda, reconhecendo que a surdez não é limitação, mas diferença linguística e cultural. O aprendizado da língua de sinais trouxe consigo uma mudança de perspectiva: o foco deixou de ser a “falta de audição” e passou a ser a “riqueza da comunicação visual”. A casa transformou-se em um espaço bilíngue, onde a comunicação fluía não apenas pelas palavras, mas pelos gestos, expressões e sentimentos compartilhados.

Além da funcionalidade, os sinais caseiros carregavam profundo valor emocional. Eles representavam a história da família, a construção de vínculos e o esforço de inclusão. Cada gesto criado antes do aprendizado formal da Libras é símbolo de resistência e de amor — prova de que a comunicação vai muito além da língua: é um ato de empatia e convivência.

Assim, o caso da minha família evidencia que a comunicação caseira entre surdos e ouvintes é uma forma de linguagem afetiva, capaz de atravessar as barreiras do som e do silêncio. É no cotidiano — nas refeições, nas brincadeiras, nos gestos simples — que se constrói o verdadeiro diálogo entre mundos diferentes. Os sinais caseiros, mesmo quando substituídos ou complementados pela Libras, permanecem na memória familiar como marcas de um processo de aprendizagem conjunto e como testemunhos da força do amor que comunica sem palavras.

Em síntese, minha experiência demonstra que a comunicação entre surdos e ouvintes dentro da família é um processo contínuo de adaptação, empatia e descoberta. O que começa como improvisado transforma-se em convivência bilíngue, e o que antes parecia distância se converte em proximidade. A história da nossa família é exemplo de que, quando há disposição para aprender e escutar com os olhos e o coração, a comunicação se torna ponte e o silêncio, um espaço cheio de sentido.

A trajetória educacional — marcada por desafios, descobertas e conquistas — revela o poder transformador da educação bilíngue. Desde pequena, cresci em um ambiente familiar cheio de amor e atenção, mas também permeado por incertezas sobre a melhor forma de garantir meu desenvolvimento linguístico e social. Meus pais, ouvintes e sem conhecimento prévio sobre surdez, sempre buscaram compreender minhas necessidades, apoiando-me em cada etapa da caminhada.

Durante os primeiros anos de vida, nossa comunicação ocorria por meio de gestos espontâneos — os sinais caseiros —, que possibilitavam uma interação básica, mas limitada. Meus pais notaram que, apesar de conseguirem se comunicar comigo, havia algo que impedia a expressão plena dos meus pensamentos e emoções. Eu demonstrava grande curiosidade e inteligência, mas faltava um canal linguístico estruturado para o desenvolvimento da linguagem. Após orientação e contato com outras famílias de surdos, decidiram matricular-me em uma escola bilíngue para surdos na cidade de Santa Rosa.

A decisão não foi simples. Havia medo, distância de casa e preocupação com o ambiente novo. No entanto, o desejo de me ver comunicando plenamente falou mais alto. Meus pais entenderam que o acesso à educação em Libras seria essencial para meu desenvolvimento cognitivo, linguístico e social. O ingresso na escola de surdos marcou um divisor de águas em minha vida e na de toda a família.

Ao entrar em contato com outras crianças surdas e professores que utilizavam Libras como principal meio de comunicação, vivi uma verdadeira transformação. Pela primeira vez, pude dialogar sem barreiras, compreender histórias, fazer amizades e expressar sentimentos de forma espontânea. A escola tornou-se não só espaço de aprendizado formal, mas também de pertencimento — onde me reconheci parte de uma comunidade surda rica em cultura, língua e identidade.

Para meus pais, o processo também foi de aprendizagem e reconciliação com a diferença. Participaram de encontros com professores e intérpretes, buscaram compreender os princípios da educação bilíngue e começaram, aos poucos, a aprender Libras. Essa aproximação linguística fortaleceu os laços familiares. Se antes a comunicação era restrita a gestos improvisados, agora era enriquecida por sinais reconhecidos e compreendidos mutuamente. A alegria dos meus pais ao perceberem que eu podia contar histórias, descrever experiências e expressar sentimentos complexos era imensurável.

A escola bilíngue de Santa Rosa tornou-se espaço de construção de identidades. Aprendi a valorizar minha língua, minha cultura e meu modo de ser no mundo. Esse processo reforçou a importância de políticas educacionais que respeitem as especificidades linguísticas dos surdos, garantindo o direito à aprendizagem em sua primeira língua. A presença de professores surdos também foi fundamental, pois pude me ver representada e entender que a pessoa surda pode ocupar qualquer espaço social e profissional.

Meus pais, por sua vez, tornaram-se defensores da inclusão e da acessibilidade, compreendendo que o amor verdadeiro também significa respeitar minha diferença e reconhecer a Libras como parte essencial da minha vida. Começaram a participar de eventos sobre cultura surda, palestras e encontros bilíngues, fortalecendo o vínculo entre as comunidades surda e ouvinte da região.

Esta história mostra que a inclusão começa na família, mas se concretiza plenamente na escola. Quando há apoio dos pais e acesso à educação bilíngue de qualidade, o surdo deixa de ser visto como “deficiente” e passa a ser reconhecido como sujeito de direitos, capaz de produzir, pensar e transformar o mundo. Minha trajetória demonstra que o incentivo familiar é o primeiro passo para a emancipação linguística e social da pessoa surda.

Hoje, domino a Libras com fluência e sigo um caminho de conquistas acadêmicas e pessoais. Minha experiência em Santa Rosa me proporcionou as bases para o desenvolvimento da identidade surda e o fortalecimento da autoestima. Meus pais, antes receosos, tornaram-se grandes aliados da causa surda, compreendendo que o verdadeiro sentido da inclusão está no respeito e na convivência entre diferentes formas de ser e comunicar.

Em suma, nossa história familiar é um testemunho inspirador sobre o poder do amor, da educação e da linguagem. O ingresso na escola de surdos de Santa Rosa foi mais que uma escolha pedagógica — foi uma decisão de vida, um gesto de coragem e fé em meu potencial. A jornada ensina que, quando há diálogo, empatia e vontade de aprender, o som e o silêncio se encontram em harmonia, dando voz à diferença e sentido à inclusão.

O caminho da filha surda e as decisões dos pais ouvintes

A história de uma filha surda criada por pais ouvintes é, muitas vezes, marcada por amor, desafios e decisões profundas. No caso de Giovana, essa trajetória reflete a força da identidade surda e o direito de escolha sobre o próprio corpo, a própria língua e a forma de estar no mundo. Desde cedo, os pais de Giovana buscaram oferecer-lhe todas as oportunidades possíveis. Por serem ouvintes, acreditavam que a audição era o caminho natural para o desenvolvimento e para a inclusão social. Assim, como muitos pais em situação semelhante, tentaram introduzir o uso do aparelho auditivo e, mais tarde, cogitaram a cirurgia de Implante Coclear (IC).

A história de uma filha surda criada por pais ouvintes é, muitas vezes, marcada por amor, desafios e decisões profundas. [...] A trajetória de Giovana e de seus pais ouvintes ensina que a autonomia da pessoa surda deve ser respeitada desde cedo. Não se trata apenas de uma escolha sobre usar ou não aparelho auditivo, mas de um direito humano e cultural: o de ser reconhecido como sujeito de sua própria história.

Essas decisões nasceram do amor e do desejo de ver a filha comunicando-se plenamente, mas também do impacto de um modelo social que, historicamente, associa o “ouvir” à “normalidade”. Para Giovana, no entanto, o caminho foi diferente. Desde pequena, ela percebia o mundo através de outros sentidos — o olhar, o gesto, o movimento, o toque. A ausência do som nunca representou falta, mas uma forma singular de percepção e de comunicação. Quando os pais perguntaram se ela queria

“ouvir”, Giovana respondeu com sinceridade e firmeza: “Sou feliz sendo surda.”

Essa resposta marcou um momento de virada na vida da família. Pela primeira vez, os pais compreenderam que o amor pela filha não precisava ser traduzido em tentativas de “corrigir” sua surdez, mas em respeitar sua identidade e sua língua natural — a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Giovana mostrou que não precisava de aparelhos para ser completa. Ela desejava ser aceita e compreendida como surda, pertencente a uma cultura visual rica, expressiva e cheia de significados.

O direito de escolha foi um ponto central dessa história. Giovana sabia que sua felicidade não dependia do som, mas da liberdade de se comunicar em Libras, de estar entre seus pares surdos e de ter acesso a uma educação que respeitasse sua diferença linguística. Essa consciência não surgiu de forma repentina, mas foi construída aos poucos, através das experiências com a comunidade surda, dos estudos e do contato com a escola bilíngue.

Se, por um lado, os pais se sentiram inseguros ao abrir mão das intervenções médicas, por outro, descobriram que a verdadeira inclusão começa quando se reconhece e valoriza a diferença. Eles entenderam que ser surdo não é uma limitação, mas uma forma de ser no mundo. Passaram, então, a apoiar Giovana em suas decisões, incentivando-a a continuar os estudos e a trilhar o caminho da escolaridade, agora com base em sua língua natural e em sua cultura surda.

A trajetória escolar de Giovana tornou-se um símbolo dessa conquista. Na escola bilíngue, ela encontrou um ambiente onde podia aprender e se expressar sem barreiras linguísticas. A presença de professores surdos e o uso cotidiano da Libras a fizeram sentir-se parte de uma comunidade maior. A comunicação deixou de ser um obstáculo e passou a ser um espaço de empoderamento. Giovana aprendeu que sua identidade surda é uma força — uma ponte entre o silêncio e o significado, entre o olhar e o gesto, entre o eu e o outro.

Os pais, por sua vez, passaram por um processo de transformação e aprendizagem. Eles aprenderam que amar também significa escutar — não com os ouvidos, mas com o coração e com o olhar. Aprenderam que a felicidade da filha não dependia de aparelhos ou cirurgias, mas da liberdade de ser quem ela é. Esse entendimento fortaleceu a relação familiar e criou um ambiente de respeito e diálogo, no qual a diferença deixou de ser vista como barreira e passou a ser celebrada como diversidade.

Hoje, Giovana segue firme no caminho dos estudos, com o sonho de contribuir para a valorização da comunidade surda e da educação bilíngue no Brasil. Sua história mostra que a verdadeira inclusão começa com o respeito à identidade linguística e cultural de cada pessoa.

Ser surda é parte de sua essência, e é por meio da Libras que ela constrói conhecimento, expressa emoções e compartilha sua visão de mundo.

Em síntese, o caminho de Giovana e de seus pais ouvintes nos ensina que a autonomia da pessoa surda deve ser respeitada desde cedo. Não se trata apenas de uma escolha sobre usar ou não um aparelho auditivo, mas de um direito humano e cultural: o de ser reconhecido como sujeito de sua própria história. A decisão de não fazer o implante e de não utilizar o aparelho auditivo foi, acima de tudo, um ato de afirmação identitária e de amor-próprio.

Giovana escolheu o silêncio não como ausência de som, mas como presença de sentido. Um silêncio que fala através das mãos, dos olhos e do coração. E seus pais, ao aceitarem essa escolha, descobriram que o amor verdadeiro não impõe vozes, mas respeita linguagens. O caminho dessa família, marcado por respeito, empatia e aprendizado, revela que a felicidade está em ser quem se é — e em poder dizer, com orgulho e serenidade: “Sou surda e sou feliz assim.

Ouvintes de mãos falantes: a experiência dos filhos CODAs em uma família surda

A história da minha família é marcada por um amor que se expressa em gestos, olhares e sorrisos — um amor que fala através das mãos. Eu e meu marido somos surdos, e desde o início do nosso relacionamento, sempre tivemos a certeza de que a **Língua Brasileira de Sinais (Libras)** seria a língua do nosso lar. A Libras não é apenas um meio de comunicação para nós; é o alicerce da nossa identidade, da nossa cultura e da forma como enxergamos o mundo. Quando nossos filhos — **João, Renzo E Fiorella** — nasceram ouvintes, sabíamos que viveriam em um universo bilíngue e bicultural, transitando entre o som e o sinal, entre o mundo ouvinte e o mundo surdo.

Ouvir, em nossa família, sempre significou mais do que perceber sons: era estar atento aos gestos, olhares e sorrisos. Nossos filhos ouvintes, como CODAs, cresceram em um universo bilíngue, aprendendo que

comunicação verdadeira nasce do respeito à diferença, da convivência com a Libras e do convívio entre a cultura surda e a ouvinte.

Desde muito pequenos, eles cresceram observando as nossas mãos em movimento, aprendendo que o gesto também é voz, que o olhar é escuta e que o silêncio pode ser cheio de significados. Antes mesmo de pronunciarem suas primeiras palavras, já sinalizavam com naturalidade, expressando sentimentos e desejos em Libras. Em casa, a comunicação sempre fluíu de maneira natural e afetuosa — as conversas à mesa, as brincadeiras, as histórias antes de dormir — tudo acontecia em **Libras**, a língua que unia nossa família.

Para nós, o mais importante sempre foi que nossos filhos aprendessem a respeitar as diferenças e a valorizar as múltiplas formas de comunicação. Fiorella, João e Renzo cresceram entendendo que a surdez não é limitação, mas diferença linguística e cultural. Aprenderam que o mundo é feito de várias vozes — algumas sonoras, outras visuais — e que todas merecem ser ouvidas com o coração. Eles se tornaram **CODAs** (Children of Deaf Adults), filhos ouvintes de pais surdos, vivendo intensamente essa ponte entre dois mundos.

No início, algumas pessoas próximas expressavam curiosidade ou até preocupação: “Como será que essas crianças vão aprender a falar?” ou “Não vai ser difícil crescer com pais surdos?”. No entanto, o tempo mostrou que o bilinguismo, longe de ser um obstáculo, foi um **presente**. Meus filhos não apenas aprenderam a falar fluentemente em português, mas também se tornaram fluentes em Libras — duas línguas, duas culturas, um mesmo coração. Eles são o exemplo vivo de que a comunicação não depende do som, mas do vínculo afetivo e da disponibilidade para compreender o outro.

Como mãe surda, tenho muito orgulho de ver meus filhos atuando como verdadeiros mediadores culturais. Quando estão conosco, usam Libras com naturalidade, interpretam o que ouvem quando necessário, e sempre demonstram sensibilidade ao lidar com surdos e ouvintes. Mas, mais do que intérpretes da fala, eles são **intérpretes do afeto** — traduzem o amor, a empatia e o respeito que cultivamos em nossa convivência.

Meu marido, também surdo, é um exemplo de carinho e paciência. Ele sempre fez questão de estar presente na vida dos filhos, participando das tarefas escolares, das brincadeiras e das conversas familiares. Embora o mundo lá fora muitas vezes o veja como alguém com “limitações”, em casa ele é um **herói bilíngue**, que ensina valores, disciplina e, acima de tudo,

amor. Nossos filhos o admiram profundamente, e veem na surdez do pai não um obstáculo, mas um **símbolo de força e superação**.

As experiências da nossa família também trouxeram reflexões sobre **identidade e pertencimento**. Enquanto eu e meu marido afirmamos nossa identidade surda e lutamos pelo reconhecimento da Libras e da cultura surda, nossos filhos vivenciam uma identidade híbrida — ora surda, ora ouvinte, mas sempre bilíngue. Eles entendem as duas culturas e transitam entre elas com leveza e orgulho. Essa convivência os tornou mais sensíveis às diferenças, mais empáticos e conscientes do valor da diversidade humana.

Em contextos sociais e escolares, é comum que os professores e colegas se surpreendam ao descobrir que são filhos de pais surdos. Muitos elogiam a desenvoltura com que eles se expressam em duas línguas e a naturalidade com que explicam o que é Libras. Fiorella, a mais velha, costuma dizer com orgulho: “Eu tenho dois mundos, e amo os dois!”. João e Renzo seguem o mesmo caminho, mostrando desde cedo que a comunicação vai muito além da fala — é um gesto de amor e respeito.

Essa convivência bilíngue também nos fortaleceu como família. Aprendemos, juntos, que **a inclusão começa em casa**, no olhar que acolhe e na mão que se estende. Quando um de nós precisa se expressar, todos param para escutar — seja com os olhos ou com os ouvidos. É assim que vivemos: em harmonia entre o silêncio e o som, entre o gesto e a palavra, entre a cultura surda e a ouvinte.

Hoje, ao olhar para nossa trajetória, percebo que a Libras é o elo que sustenta nossa história. Ela não apenas nos permite comunicar, mas também **construir memórias, afetos e identidades**. Ver meus filhos ouvintes — Fiorella, João e Renzo — fluentes em Libras, orgulhosos de seus pais surdos, e conscientes da importância da inclusão é o maior legado que poderíamos deixar.

A nossa família é a prova viva de que a diferença não separa — ela enriquece. Que uma língua visual pode ser tão poderosa quanto uma língua sonora. Que o amor, quando é verdadeiro, encontra sua própria forma de se expressar.

E assim seguimos, de mãos dadas e mãos falantes, entre o gesto e o som, construindo diariamente uma história de respeito, identidade e amor bilíngue — **uma família unida pelas mãos e pelo coração**.

Sinais caseiros na relação entre pais ouvintes, filha surda e família bilíngue

Meus pais, mesmo sendo ouvintes, sempre utilizaram sinais caseiros para se comunicar comigo desde a infância. Com o passar do tempo, esses sinais foram se misturando a elementos da Libras, formando uma comunicação mista que atendeu às minhas necessidades como filha surda. Essa forma de comunicação também passou a incluir meu marido surdo e, posteriormente, nossos filhos ouvintes, que cresceram bilíngues como CODAs.

A convivência com meu marido fez com que meus pais aprendessem a reconhecer e utilizar alguns sinais em Libras, além de recorrerem à leitura labial para se comunicar com ele, que utiliza tanto a oralização quanto a sinalização. Apesar do esforço, meu pai sempre relatou que se arrepende de não ter buscado, na época, um curso de Libras. Ele trabalhava demais, tinha pouco tempo e, devido ao esforço físico do trabalho, suas mãos ficaram rígidas, dificultando movimentos finos para sinais mais complexos. Ainda assim, alguns sinais caseiros permaneceram vivos, constituindo um patrimônio afetivo da nossa comunicação familiar.

Esses sinais caseiros nunca desapareceram totalmente. Para nós, carregam memórias, histórias e significados que mantêm viva a forma como nossa família aprendeu a se comunicar, mesmo antes de conhecer a Libras. É uma língua afetiva, construída no cotidiano, cheia de criatividade e amor.

Esses sinais caseiros nunca desapareceram totalmente. Para nós, carregam memórias, histórias e significados que mantêm viva a forma como nossa família aprendeu a se comunicar, mesmo antes de conhecer a Libras. É uma língua afetiva, construída no cotidiano, cheia de criatividade e amor.

Nossos filhos ouvintes (CODAs) cresceram compreendendo naturalmente tanto a Libras quanto o português, transitando entre as duas línguas com naturalidade. Desde cedo, nunca foram pressionados a depender apenas da leitura labial ou de recursos auditivos; ao contrário, sempre valorizamos o direito deles e o nosso de usar a Libras como nossa língua natural. Isso fortaleceu, entre nós, um ambiente de respeito, amor e liberdade linguística.

Meus filhos compreendem que seus pais são surdos, mas não mudos, e que a surdez não é uma falta — é diferença, é cultura, é identidade.

Cresceram respeitando a diversidade linguística e convivendo com pessoas surdas e ouvintes, percebendo que o mundo é feito de modos distintos de comunicar e existir.

Essa trajetória mostra como a comunicação caseira, quando reconhecida e valorizada, pode ser um elo afetivo profundo entre famílias ouvintes e surdas. Mostra também a importância da Libras para fortalecer vínculos, construir autonomia e afirmar a identidade linguística da comunidade surda.

Considerações finais

A convivência entre pais ouvintes e filha surda pode se tornar uma experiência rica e transformadora quando há valorização da Libras e respeito à identidade surda. Esta história inspira outras famílias a compreender que a verdadeira comunicação vai além do som — nasce do olhar, do gesto e do coração. A inclusão começa no lar, no reconhecimento da língua natural da pessoa surda, tornando-se o primeiro espaço de pertencimento e construção da identidade.

As Asas da Imaginação em Uma Família Bilíngue



Fonte: Autoria própria 2026.

Fernando, Giuseppe e Giucy cresceram em um universo onde a imaginação nunca teve limites. Filhos de uma família bilíngue, onde as mãos falam e os olhos escutam, aprenderam desde cedo que a comunicação pode nascer do gesto, do movimento, do olhar e do silêncio cheio de significado.

João Fernando, com sua sensibilidade e curiosidade, sempre enxergou histórias nas pequenas coisas: um pássaro pousado no muro, um desenho no céu, uma sombra que dança com o vento.

Renzo Giuseppe, criativo e intenso, inventava mundos inteiros usando apenas as mãos — mundos que ganhavam forma em Libras, coloridos pela própria fantasia, onde cada sinal se transformava em Imagem viva.

Fiorella Giucy, delicada e expressiva, sempre preencheu a casa com sua doçura imaginativa. Cada gesto seu parecia poesia, cada movimento parecia um convite para ver o mundo de um jeito novo.

Na convivência com pais surdos, esses três irmãos descobriram que imaginar é também observar, sentir, compreender e criar laços. Cresceram entre duas línguas — Libras e o português — e fizeram delas pontes para transformar sentimentos em narrativas, sonhos em histórias, ideias em possibilidades.

A imaginação, para eles, não é apenas diversão: é identidade, expressão, liberdade. É o jeito como enxergam o mundo e como compartilham o amor que os une como família.

Referências

- STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2008.
- SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.
- QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LADD, Paddy. Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FERNANDES, Eulália. Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças e políticas públicas. Porto Alegre: Mediação, 2015.

NARRATIVAS DE FAMÍLIAS SURDAS: VÍNCULOS, HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

Luciana Pereira Vaz¹
Cristiano Pereira Vaz²
Marta da Silva Silveira³
Gilmar Pereira Vaz⁴

Introdução

As famílias constituem o primeiro espaço de socialização e de formação de identidades. É nelas que nascem os vínculos afetivos, linguísticos e culturais que nos acompanham por toda a vida. Se para todas as crianças a família é o espaço mais importante para o seu desenvolvimento, para crianças surdas essa importância é potencializada. No caso das famílias surdas, essas experiências ganham nuances muito particulares: a comunicação, as expressões de afeto e as histórias compartilhadas são marcadas pela presença da surdez e pela Língua de Sinais. A surdez, compreendida sob a perspectiva cultural, não se limita a uma condição biológica, mas se configura como uma forma específica de estar no mundo, com modos próprios de expressão, percepção e relação (Skliar, 1998).

Historicamente, a surdez foi tratada sob uma ótica médica e patologizante, em que o sujeito surdo era visto como alguém que “carecia” da audição e, portanto, necessitava de correção ou normalização. O surdo, nessa concepção, era alguém incapaz de sobreviver sem a ajuda de outra pessoa; um sujeito que não poderia produzir nada, um fardo para a

- 1 Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: lucianavazzz85@hotmail.com
- 2 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: cristianovazz@hotmail.com
- 3 Graduada em Letras Libras pela Centro Universitário Leonardo da Vinci. E-mail: kart.silva7@gmail.com
- 4 Tecnólogo em Processos Gerenciais IFSC Campus Porto Alegre. E-mail: Gilmarvazz@hotmail.com

sociedade. Contudo, a partir das últimas décadas do século XX, emergem os Estudos Surdos, um campo interdisciplinar que propõe compreender a surdez como diferença e não como deficiência, enfatizando a cultura surda e a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como elementos constitutivos da identidade surda (Strobel, 2008; Perlin, 2016). Enfim, a partir dos Estudos Surdos, surge uma nova forma de ver o surdo como sujeito capaz, diferente, mas capaz de protagonizar sua própria história. Um sujeito capaz de estar no mundo, não como figurante, mas como alguém que participa, que pensa e age por conta própria.

Nesse contexto, as narrativas de famílias surdas assumem um papel essencial, revelando as múltiplas formas de viver, conviver e significar a diferença. Elas emergem do modo como os vínculos afetivos se reconstroem diante das barreiras comunicacionais e como as histórias compartilhadas contribuem para a consolidação de uma identidade coletiva, mostrando como o amor, a comunicação e a convivência se reinventam diante das barreiras impostas pelo mundo ouvinte. São histórias que falam de superação, de pertencimento e de resistência cultural. Seja em famílias formadas por surdos, ouvintes com filhos surdos ou surdos com filhos ouvintes, cada experiência carrega um valor simbólico profundo, ajudando a compreender melhor as práticas sociais e educativas que envolvem a surdez.

Essas vivências precisam ultrapassar os limites da comunidade surda e chegar à sociedade como um todo. Somente quando as vozes e os sinais dessas famílias são reconhecidos é que os ouvintes podem compreender, de fato, o que significa ser surdo, quais são suas formas de expressão e o que compõe sua identidade e sua cultura e, então, respeitá-los na sua essência. O conhecimento, nesse sentido, é o caminho mais potente para combater o preconceito e construir uma sociedade mais justa e verdadeiramente inclusiva.

Este artigo propõe uma reflexão teórico-reflexiva sobre as narrativas de famílias surdas, destacando os vínculos, histórias e experiências que moldam o sentimento de pertencimento e fortalecem a resistência cultural. Busca-se compreender o papel da família na formação identitária do sujeito surdo e o valor dessas narrativas como instrumento de visibilidade e empoderamento. Ao compartilhar suas histórias, os surdos afirmam sua presença no mundo e consolidam o direito de serem ouvidos e vistos.

A relevância deste estudo está em ampliar o olhar sobre a família surda como produtora de saberes e memória cultural, reconhecendo sua

importância histórica e social. Além disso, contribui para repensar práticas educativas e políticas públicas que valorizem a diversidade linguística e cultural como bases para uma inclusão real e transformadora.

Cultura surda e identidade

A compreensão da surdez percorreu, ao longo da história, diferentes caminhos. De uma visão médica e reabilitadora, centrada na ideia de correção da deficiência, passou-se para uma perspectiva cultural e linguística, que hoje fundamenta os Estudos Surdos. Conforme aponta Skliar (1998), a concepção clínica reduzia o sujeito surdo a uma deficiência auditiva, buscando sua integração ao mundo ouvinte por meio da oralização. Essa abordagem ignorava o valor da diferença e invisibilizava as formas próprias de expressão e comunicação das pessoas surdas. Nesse contexto, Skliar (1998, p. 15) introduziu o conceito de ouvintismo, definido como:

... um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Nessa perspectiva é que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas.

A virada conceitual ocorreu com a emergência dos movimentos surdos e dos estudos culturais, que passaram a afirmar a surdez como diferença cultural, marcada por práticas sociais, valores e modos de significação específicos. Strobel (2008) define a cultura surda como o conjunto de experiências visuais, linguísticas e simbólicas que dão forma à vida das pessoas surdas. Para a autora, ser surdo é pertencer a uma comunidade com língua, história e tradições próprias, na qual a Libras ocupa papel central na construção da identidade. “Ser surdo significa fazer parte de uma comunidade que possui uma língua, valores, comportamentos e tradições próprias, diferentes das da comunidade ouvinte.” (Strobel, 2008, p. 29)

A construção da identidade surda também está profundamente ligada ao letramento e às práticas culturais. Lodi (2013) observa que o letramento não se resume à aprendizagem da escrita, mas envolve identidades, histórias e modos de vida. “As práticas de letramento dos surdos estão diretamente relacionadas à sua identidade linguística e cultural.” (Lodi, 2013, p. 73) Para a mesma autora, a identidade surda se constrói continuamente, a partir das experiências visuais e das interações dentro da comunidade: “A identidade surda é resultado de um processo

contínuo de significação, constituído na experiência visual e nas trocas com a comunidade surda.” (Lodi, 2013, p. 78)

Nessa mesma linha, Perlin (2016) amplia o debate ao afirmar que a identidade surda é múltipla, dinâmica e relacional. “O ser surdo é um ser cultural e linguístico, que se constitui pela diferença e pela experiência visual.” (Perlin, 2016, p. 60) O sujeito surdo, segundo a autora, transita entre o mundo ouvinte e o mundo surdo, e nesse trânsito desenvolve uma consciência crítica sobre sua própria diferença. “A identidade surda de pertencimento emerge quando o surdo se reconhece como parte de uma comunidade que tem sua própria língua e cultura.” (Perlin, 2016, p. 69) Dessa forma, a identidade surda não é algo fixo, mas o resultado de processos contínuos de interação, resistência e reconhecimento.

Quadros (2004) reforça essa compreensão ao destacar que a Libras é muito mais do que um simples meio de comunicação: é um marco cultural e político que legitima a existência da comunidade surda, segundo a autora, o “acesso precoce à língua de sinais é condição essencial para o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda.” (QUADROS, 2004, p. 36). A língua de sinais, reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002, representa o direito à expressão e à construção de sentidos a partir da visualidade. Assim, compreender a cultura surda implica reconhecer a Libras como elemento estruturante das relações familiares, escolares e sociais.

No espaço das famílias surdas, a identidade se forma de maneira coletiva e relacional. As histórias de vida e as experiências compartilhadas fortalecem o sentimento de pertencimento e o orgulho surdo, ao mesmo tempo em que desafiam estigmas e promovem a valorização da diferença. Para Lodi (2013), a família surda é um espaço de formação cultural e de transmissão de saberes, onde a língua de sinais se torna também uma linguagem de afeto e de vínculo. “Não há linguagem fora da interação. O sujeito surdo constrói sentidos a partir da interlocução mediada pela língua de sinais e pelo olhar.” (Lodi, 2013, p. 34) O olhar, nesse contexto, é a primeira forma de afeto: é ele que cria o vínculo entre os sujeitos e permite a comunicação mesmo na ausência das palavras oralizadas.

Já para Quadros (2004, p. 48) “As crianças surdas filhas de pais surdos, que têm contato com a língua de sinais desde o nascimento, desenvolvem sua linguagem da mesma forma que as crianças ouvintes desenvolvem a língua oral”, o que fortalece que a ideia do vínculo afetivo é fundamental no desenvolvimento infantil das crianças surdas, da mesma

forma que o é para as crianças ouvintes. Por isso, “Negar à criança surda o direito à língua de sinais significa negar-lhe o direito de se constituir como sujeito linguístico e social.” (Quadros, 2004, p. 59) Essa afirmação corrobora a importância de que a família conheça fluentemente a Libras, pois esta é o caminho para a comunicação familiar.

Família e vínculos afetivos na surdez

A família constitui a base das relações humanas e o primeiro espaço de aprendizagem e socialização. No caso das famílias surdas, as dinâmicas afetivas e comunicacionais assumem características singulares, marcadas tanto por desafios quanto por potencialidades. Segundo Sarti (2004), os vínculos familiares são construídos nas interações cotidianas e nas narrativas que os sujeitos produzem sobre si e sobre o grupo. Assim, compreender as famílias surdas exige considerar as especificidades linguísticas e culturais que permeiam essas relações.

Grande parte das pessoas surdas nasce em famílias ouvintes, o que pode gerar dificuldades iniciais de comunicação e de compreensão mútua (Strobel, 2008), pois o “ouvinte construiu imagens sobre o surdo a partir de sua própria experiência auditiva, sem considerar o modo de ser visual do sujeito surdo.” (Strobel, 2008, p. 37). Essa é a primeira barreira a ser vencida por essas famílias, ou seja, rever os seus conceitos de surdez, passando a considerar as experiências de seus filhos a partir da perspectiva da ausência da audição. Nesses contextos, a ausência de uma língua comum pode provocar sentimentos de isolamento, tanto para o filho surdo quanto para os pais, é aí que o afeto e o amor vencem e a família busca alternativas e resiliência. No entanto, quando há abertura para o aprendizado da Libras e o reconhecimento da surdez como diferença, a família transforma-se em um espaço de acolhimento, pertencimento e crescimento mútuo, transformando-se em um ponto seguro para o surdo e de força motivadora para vencer outros obstáculos que surgirão ao longo da vida.

“A autoImagem do surdo é fortemente influenciada pelas imagens do outro ouvinte. Quando esse outro o vê como deficiente, o surdo tende a negar sua própria diferença.” (Strobel, 2008, p. 97), portanto, a Imagem que a família tem de seus surdos vai influenciar na autoidentidade dos mesmos. Um surdo que percebe que sua limitação auditiva não o impede de avançar na vida, de se desenvolver com autonomia é aquele que a família apoiou e acreditou no seu potencial. “A cultura surda resiste e se fortalece

ao afirmar-se como diferença, e não como deficiência,” (Strobel, 2008, p. 120) e ao se fortalecer, fortalece o sujeito surdo.

Nas famílias compostas majoritariamente por surdos, a dinâmica é distinta: há uma partilha natural da língua e da cultura, o que favorece a formação identitária desde a infância. Skliar (1998) enfatiza que essas famílias constituem verdadeiros núcleos de resistência cultural, pois preservam e transmitem os valores da comunidade surda. As narrativas visuais e gestuais, as histórias de luta e de conquista são elementos fundamentais para o fortalecimento dos vínculos e do sentimento de pertencimento coletivo.

De acordo com Padden e Humphries (1988), as famílias surdas representam microcosmos da comunidade surda mais ampla, funcionando como espaços de socialização e de construção do orgulho identitário. Ao compartilhar experiências comuns, como a luta por acessibilidade, o enfrentamento do preconceito e a valorização da Libras, os membros da família reforçam laços emocionais e políticos. Esses movimentos em busca de direitos por vezes negados aos surdos, passam a ser reconhecidos primeiro pelos sujeitos surdos, depois, através dos movimentos surdos, o debate invade outros espaços e a sociedade tende a reconhecer os direitos reivindicados. Se o movimento não acontecer, a probabilidade de tudo continuar como está é enorme.

A visualidade, conforme Perlin (2016, p. 62), é uma forma de expressão, de percepção e de mediação do mundo para o sujeito surdo. É na família que essa experiência se desenvolve com maior intensidade, pois é ali que se constroem os vínculos afetivos e as primeiras formas de comunicação. Assim, os laços nas famílias surdas não se limitam à linguagem verbal, mas envolvem gestos, olhares, expressões e ritmos próprios da experiência visual. É, portanto, no seio familiar que se dão os primeiros passos da formação da identidade surda, ressaltando a importância de esse grupo estar fortalecido e preparado para desempenhar essa função, esse caminho é mais suave se Libras for a ferramenta mais utilizada.

Linguagem, comunicação e interações familiares

A linguagem é um dos principais eixos das relações familiares, sendo o meio pelo qual os sujeitos se reconhecem, se expressam e compartilham afetos. No contexto das famílias surdas, a comunicação assume dimensões múltiplas e, muitas vezes, desafiadoras. Quadros e Karnopp (2004) afirmam

que a língua de sinais constitui o pilar da comunicação surda, pois permite o acesso ao mundo simbólico e a construção de identidades positivas. Para Lodi (2013, p. 52), “a língua de sinais é a base para o desenvolvimento da leitura e da escrita do surdo, pois é por meio dela que ele compreende o funcionamento simbólico da linguagem.”

Quando a família domina a Libras, o ambiente comunicativo torna-se mais inclusivo e afetivo, permitindo que todos participem ativamente das conversas, brincadeiras e decisões cotidianas. Contudo, a falta de domínio da língua de sinais ainda representa uma barreira significativa, especialmente em famílias ouvintes. “A Língua Brasileira de Sinais é uma língua natural, adquirida por meio da interação social entre surdos, possuindo estrutura gramatical própria.” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 26), ou seja, como qualquer língua, tem regras e gramática que precisam ser compreendidas. Ainda segundo as autoras “a Libras possui uma estrutura fonológica composta por parâmetros manuais e não manuais que se combinam para formar sinais distintos,” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 48) e “assim como nas línguas orais, na Libras há processos morfológicos de derivação e flexão que permitem a criação de novos sinais” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 67) e complementam afirmando que “a estrutura sintática da Libras apresenta ordem própria, frequentemente diferente da estrutura do português.” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93). Nesse sentido, Lacerda (2009) defende que o aprendizado da Libras pelos pais e irmãos ouvintes é uma forma de valorização da diferença e de fortalecimento dos laços afetivos.

Além da língua, a comunicação nas famílias surdas envolve aspectos visuais, corporais e emocionais. Strobel (2008) destaca que o corpo é um canal expressivo central na cultura surda, funcionando como meio de comunicação e de construção de sentido. Os gestos, expressões faciais e olhares são linguagens tão significativas quanto a palavra oral, constituindo um repertório comunicativo próprio e rico.

Lodi (2013) complementa afirmando que “as práticas de letramento dos surdos estão diretamente relacionadas à sua identidade linguística e cultural” (p. 73). Assim, o sujeito surdo constrói sua identidade nas interações visuais, nos espaços de convivência e nas experiências compartilhadas. “A identidade surda é resultado de um processo contínuo de significação, constituído na experiência visual e nas trocas com a comunidade surda.” (Lodi, 2013, p. 78)

As narrativas familiares também desempenham papel essencial nesse processo. Elas são formas de transmissão de memória, de fortalecimento de vínculos e de construção de pertencimento. Benjamin (1994) já ressaltava que narrar é partilhar experiências e sabedoria, e, no caso das famílias surdas, essa narrativa é visual e gestual, contada com o corpo, o olhar e as mãos, enfim, o “narrador retira o que narra da experiência — sua própria ou a relatada por outros — e a transforma em experiência daqueles que escutam sua história.” (Benjamin, 1994, p. 200).

Dessa forma, a linguagem e a comunicação nas famílias surdas não se restringem ao uso instrumental da língua, mas abrangem uma dimensão simbólica e afetiva que reforça a identidade e os vínculos familiares. Reconhecer essa pluralidade comunicativa é essencial para valorizar as experiências das famílias surdas e fortalecer a inclusão linguística e cultural.

Narrativas e experiências compartilhadas

As narrativas como forma de resistência e pertencimento

As narrativas familiares têm papel fundamental na constituição da identidade e da memória coletiva das famílias surdas. Benjamin (1994) afirma que narrar é partilhar experiências, e dar sentido à existência, transformando vivências individuais em conhecimento socialmente construído; a “experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores.” (Benjamin, 1994, p. 198). No contexto das famílias surdas, as narrativas funcionam como formas de resistência cultural, pois resgatam histórias de exclusão, superação e orgulho surdo, fortalecendo o sentimento de pertencimento a uma comunidade historicamente marginalizada.

Essas histórias não se limitam à oralidade, mas se expressam por meio da Libras, da gestualidade e da visualidade, linguagens que caracterizam a forma surda de comunicar o mundo. Strobel (2008) ressalta que as experiências visuais são o núcleo da cultura surda e constituem um sistema simbólico próprio, presente nas interações familiares, nas práticas educativas e nas memórias compartilhadas. Assim, a narrativa surda não apenas comunica fatos, mas reafirma uma identidade visual e coletiva, criando uma continuidade cultural entre gerações.

Nas famílias surdas, contar histórias é também um ato político. É por meio das narrativas que os sujeitos surdos afirmam sua existência diante

de uma sociedade majoritariamente ouvinte. Perlin (2016) observa que a narração das experiências de vida de surdos — especialmente no âmbito familiar — atua como estratégia de resistência simbólica, rompendo com o silenciamento histórico imposto pela normalização da audição. Dessa forma, as narrativas não são apenas registros do passado, mas instrumentos de empoderamento, capazes de inspirar novas gerações a valorizar sua língua e sua cultura. É a forma que o surdo encontra para dizer ao mundo: ‘eu existo, eu tenho direito de estar nesse mundo e tenho o direito de ser respeitado na minha diferença’. São nas narrativas surdas que a comunidade surda alicerça o movimento de valoração de sua identidade e cultura, são formas de dizer a sociedade majoritariamente ouvinte que a comunidade surda é empoderada e conhece o seu valor.

A experiência de compartilhar histórias em Libras também contribui para o fortalecimento dos vínculos afetivos dentro da família. As narrativas visuais estimulam a empatia, a identificação e a coesão entre seus membros. Quando os pais, filhos e avós surdos narram suas trajetórias de luta por reconhecimento, criam-se pontes de solidariedade e compreensão que reforçam o sentimento de comunidade e pertencimento, valorizando a história de exclusão e luta que são características marcantes neste grupo.

Desafios enfrentados pelas famílias surdas

Apesar da riqueza cultural e afetiva presente nas famílias surdas, é necessário reconhecer os desafios que marcam suas trajetórias. O primeiro deles refere-se à barreira comunicacional que ainda separa muitos surdos de seus familiares ouvintes. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a falta de domínio da Libras por parte dos familiares ouvintes pode gerar isolamento e ruptura nos laços afetivos. O desconhecimento da língua impede que a criança surda tenha acesso pleno às conversas familiares, às expressões de carinho e às decisões cotidianas, resultando em sentimentos de exclusão e solidão. Esse desafio traz consigo um outro, que é aceitar a surdez como algo natural. A família que recebe em seu seio a primeira criança surda em muitas gerações de ouvintes, tende a negar a surdez, buscar correção médica como já se fazia em outros tempos. A saúde emocional fica abalada e os conflitos familiares surgem de uma forma jamais imaginada. E a criança está lá, sem entender o porquê de todo esse conflito, mas percebe que de alguma forma ela é o centro. É nesse contexto que a família precisa de ajuda, primeiro psicológica, para entender o que estão sentindo e aprender a se fortalecer. Como diz o dito popular: criança

não vem com manual de fábrica! Todos precisam se adaptar a uma nova realidade e o fortalecimento emocional é o primeiro passo.

Outro desafio relevante é o preconceito social ainda presente em torno da surdez. A sociedade, pautada pela hegemonia da oralidade, tende a marginalizar o sujeito surdo, associando a diferença linguística a uma deficiência. Essa perspectiva influencia diretamente as relações familiares, especialmente em famílias mistas (ouvintes e surdos). Como aponta Skliar (1998), a pressão pela oralização e pela adaptação ao mundo ouvinte pode gerar conflitos internos, negando o direito do sujeito surdo de viver plenamente sua identidade linguística e cultural. Esse processo é particularmente delicado, pois reflete a maneira como os ouvintes percebem o surdo, percepção que exerce profunda influência na construção de sua identidade. Quando o surdo é visto sob a ótica da deficiência, há uma tendência para que ele também se perceba dessa forma, internalizando o estigma social. Em contrapartida, quando é reconhecido como um sujeito de potencialidades, cuja diferença não o limita, sua autoestima e seu sentimento de pertencimento tendem a ser positivamente fortalecidos.

As famílias surdas também enfrentam obstáculos institucionais, como a falta de políticas públicas efetivas que garantam o acesso à educação bilíngue de qualidade e ao atendimento especializado em Libras. Strobel (2008) defende que a inclusão real depende do reconhecimento da surdez como diferença e da implementação de práticas educativas que respeitem a língua e a cultura surda. Assim, a luta das famílias não se limita ao âmbito doméstico, mas estende-se à esfera social e política, em busca de direitos e visibilidade.

Contudo, mesmo diante dessas barreiras, as famílias surdas têm se mostrado protagonistas na transformação de suas próprias realidades. Por meio da organização comunitária, da participação em associações e da valorização da Libras, elas vêm conquistando espaços de voz e reconhecimento. A experiência compartilhada da surdez, portanto, converte-se em força coletiva, em um modo de existir no mundo que desafia os padrões hegemônicos da normalidade.

Estratégias de convivência e solidariedade

As famílias surdas constroem, em seu cotidiano, estratégias próprias de convivência e solidariedade que lhes permitem superar as limitações impostas pelo contexto social e linguístico. Segundo Lacerda (2009), a

aprendizagem mútua entre surdos e ouvintes é um processo contínuo de aproximação e descoberta. Quando os familiares ouvintes se dispõem a aprender Libras, cria-se um ambiente comunicativo inclusivo, capaz de favorecer o desenvolvimento emocional e social da criança surda. “A educação bilíngue se coloca como condição essencial para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social dos surdos.” (Lacerda, 2009, p. 120)

Essas estratégias vão além da comunicação. Muitas famílias surdas desenvolvem práticas culturais próprias — como encontros comunitários, festas, contação de histórias em Libras e participação em associações surdas — que fortalecem os vínculos e reafirmam a identidade coletiva. Strobel (2008) descreve esses espaços como “territórios de resistência”, onde a cultura surda se preserva e se renova a cada geração.

As redes de apoio entre famílias também são fundamentais. A troca de experiências e o compartilhamento de histórias entre pais, filhos e outros membros da comunidade criam uma teia de solidariedade que transcende o âmbito doméstico. Essas redes funcionam como espaços de escuta e acolhimento, nos quais as dificuldades são enfrentadas de maneira coletiva.

Para Perlin (2016), o sentimento de pertencimento a uma comunidade surda é um fator protetor contra o isolamento e o preconceito. As famílias que se envolvem em movimentos surdos e eventos culturais tendem a desenvolver maior autoestima e empoderamento. Assim, as experiências compartilhadas não apenas fortalecem os vínculos familiares, mas também contribuem para a construção de uma identidade surda positiva e orgulhosa. Essa interação entre a comunidade surda precisa ser fortalecida e, num contexto atual, onde as relações são cada vez mais virtuais, esse desafio tende a ser potencializado.

A valorização das experiências compartilhadas na construção da identidade

As narrativas e experiências compartilhadas nas famílias surdas revelam uma pedagogia própria da diferença. Elas ensinam, por meio da vivência cotidiana, valores de respeito, resistência e solidariedade. Como observa Strobel (2008), a educação surda começa na família, nas interações que afirmam a Libras como língua de afeto e na valorização das formas visuais de comunicação. Numa sociedade em que a educação não é prioridade de governo nenhum, a inclusão é um assunto que merece um

estudo a parte, dada a sua complexidade, mas, mesmo assim, considera-se que a escola, principalmente a pública, está muito longe do ideal de uma escola inclusiva. Escolas e professores não estão preparados para a inclusão efetiva prejudicando muito o acesso a uma educação de qualidade principalmente para crianças surdas. Dessa maneira, cabe a família a educação das crianças surdas a partir da Libras, até que a escola consiga alcançar os requisitos mínimos para oferecer o que lhe é dever de faz-lo.

Essas práticas educativas informais contribuem para a formação de sujeitos críticos e conscientes de sua história. Ao reconhecer suas narrativas como parte de uma herança cultural, as famílias surdas transformam o espaço doméstico em território de produção de saberes. Esse processo é fundamental para que as novas gerações compreendam que ser surdo não é uma limitação, mas uma forma legítima de existir e de experienciar o mundo.

Em síntese, as experiências compartilhadas no seio das famílias surdas expressam uma pedagogia da resistência e da convivência. Elas mostram que o vínculo familiar, quando mediado pela Libras e pela valorização da diferença, é um poderoso instrumento de emancipação e empoderamento. Nesse sentido, as narrativas familiares não são apenas lembranças, mas memórias vivas que sustentam a continuidade da cultura surda e a afirmação de sua identidade coletiva.

A análise das narrativas de famílias surdas permite compreender que o processo de construção identitária e de fortalecimento dos vínculos familiares está diretamente relacionado à valorização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e ao reconhecimento da cultura surda como um modo legítimo de existência. As experiências relatadas pela literatura evidenciam que o uso da Libras no ambiente familiar potencializa a comunicação, amplia as relações de afeto e cria condições para que o sujeito surdo se constitua de forma autônoma e crítica.

As famílias surdas, ao compartilharem suas histórias, produzem sentidos que vão além do âmbito privado. Elas transformam a experiência da surdez em um ato político e educativo, pois suas narrativas questionam o modelo normativo de sociedade centrado na oralidade e na audição. Conforme destaca Skliar (1998), a diferença surda não deve ser vista como uma ausência, mas como uma presença linguística e cultural que enriquece a diversidade humana.

As experiências familiares analisadas nos Estudos Surdos apontam para a necessidade de uma nova ética da convivência, baseada na escuta

visual e no reconhecimento da diferença. Essa ética exige que a sociedade ouvinte abandone a lógica da normalização e acolha as múltiplas formas de comunicação e expressão. A convivência entre surdos e ouvintes, quando mediada pelo respeito e pela aprendizagem mútua, torna-se um espaço fértil de transformação social.

Além disso, a análise teórica demonstra que as narrativas familiares desempenham papel central na transmissão dos valores culturais e na formação de identidades positivas. Elas funcionam como dispositivos de memória coletiva, permitindo que os sujeitos surdos se reconheçam como parte de uma história de resistência. Ao compartilharem suas vivências, essas famílias produzem saberes que ultrapassam o âmbito da surdez e contribuem para repensar as práticas de inclusão e educação na sociedade contemporânea.

A família, portanto, assume uma dupla função: de acolhimento afetivo e de formação cultural. Quando a surdez é compreendida como diferença e não como deficiência, a família se transforma em espaço de empoderamento e orgulho. Isso reforça a importância das políticas públicas voltadas à difusão da Libras e ao apoio de famílias com membros surdos, promovendo o direito à comunicação plena e à cidadania linguística.

Considerações finais

O presente artigo teórico-reflexivo evidenciou que as narrativas de famílias surdas constituem um campo rico de análise sobre vínculos, histórias e experiências compartilhadas. A partir dos aportes teóricos de Skliar (1998), Strobel (2008), Perlin (2016), Quadros (2004) e outros pesquisadores dos Estudos Surdos, foi possível compreender que a família é um espaço de construção identitária, de resistência cultural e de afirmação da diferença.

As narrativas familiares revelam trajetórias marcadas pela luta contra o preconceito e pelo desejo de reconhecimento. Elas mostram que o amor, a linguagem e a cultura são dimensões inseparáveis na formação dos vínculos afetivos. A Libras, nesse processo, assume papel central, pois é o elo que conecta os sujeitos surdos entre si e com o mundo, possibilitando a expressão das emoções e o compartilhamento das experiências. Se a Libras não pode estar presente na escola, mas deve ser responsavelmente desenvolvida na família e em outros grupos sociais.

As narrativas surdas não podem ser consideradas apenas narrativas, elas representam a continuidade dos costumes e culturas de um povo, que pode não ter voz que possa ser ouvida, mas que tem voz na Libras. São narrativas que reconstroem histórias, denunciam exclusão, clamam por direitos e oportunidades, que identificam um povo rico, capaz, solidário e que tem muito a oferecer à sociedade.

Verificou-se também que as famílias surdas constroem práticas de solidariedade e redes de apoio que fortalecem o sentimento de pertencimento à comunidade surda. Essas experiências, quando valorizadas, contribuem para o enfrentamento das barreiras sociais e para a construção de uma sociedade mais plural e inclusiva.

As histórias e vínculos familiares das pessoas surdas são expressões de resistência e de esperança. Elas demonstram que a diferença não deve ser corrigida, mas celebrada; e que o reconhecimento da cultura surda é fundamental para uma educação democrática e para o pleno exercício da cidadania.

Assim, reafirma-se a importância de promover o diálogo entre família, escola e comunidade, garantindo a todas as pessoas surdas o direito de viver e narrar suas histórias em sua própria língua.

Referências

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Cadernos CEDES, Campinas, v. 29, n. 78, p. 105-128, 2009.

LODI, Ana Claudia. **A leitura de mundo do surdo: práticas de letramento e identidade.** São Paulo: Parábola, 2013.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: Voices from a Culture.** Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas.** In: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. p. 51-74.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. **Família e individualidade: um problema moderno.** In:

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *Família contemporânea em debate.* São Paulo: Cortez, 2004. p. 39-53.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

A HERANÇA GENÉTICA NA SURDEZ: UMA ANÁLISE FAMILIAR

André Daniel Paixão¹

Introdução

A família Paixão, composta por um número significativo de pessoas surdas, apresenta grande relevância para o estudo da herança genética da surdez. A análise desse contexto familiar contribui para a compreensão de como características genéticas podem ser transmitidas ao longo das gerações, influenciando a ocorrência da surdez em diferentes membros da família.

Este ensaio tem como objetivo explorar os mecanismos de herança genética relacionados à surdez, abordando conceitos fundamentais da genética e sua aplicação no contexto familiar. Para isso, serão apresentados estudos de caso que exemplificam a transmissão genética da surdez entre gerações, permitindo uma análise comparativa entre diferentes configurações familiares.

Além dos fatores genéticos, o estudo também considera a influência de elementos ambientais na manifestação da surdez, ainda que de forma complementar. Aspectos como mutações genéticas, histórico familiar e possíveis interações com o ambiente são discutidos para ampliar a compreensão do fenômeno.

Destaca-se, ainda, a importância do histórico familiar na identificação precoce da surdez, bem como suas implicações para o diagnóstico, acompanhamento e possíveis intervenções. Compreender esses fatores é essencial para promover melhores estratégias de cuidado e inclusão.

Por fim, este trabalho busca evidenciar a relevância do conhecimento sobre os aspectos genéticos da surdez, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das pessoas surdas e de suas famílias, além de reforçar a

1 Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: andrepaixao@unipampa.edu.br

importância de estudos genéticos no campo da saúde e da educação (Silva, 2021).

Fundamentos teórica: fundamentos da genética

A genética é o ramo da biologia responsável pelo estudo da transmissão de características hereditárias de uma geração para outra, desempenhando papel fundamental na compreensão das causas da surdez de origem familiar. Esse campo do conhecimento investiga os genes, unidades hereditárias localizadas no DNA, que determinam características físicas, funcionais e sensoriais dos indivíduos.

No contexto da surdez familiar, a genética possibilita a identificação de mutações específicas que podem ser herdadas e manifestar-se ao longo das gerações. Tais mutações podem comprometer genes relacionados à formação e ao funcionamento das estruturas auditivas, como a cóclea e o nervo auditivo. Além disso, a herança genética da surdez pode ocorrer por diferentes padrões, como a herança autossômica dominante, autossômica recessiva ou ligada ao cromossomo X, influenciando diretamente a probabilidade de manifestação da condição entre membros de uma mesma família (Cavassana, 2025).

Conceitos básicos de genética

Os conceitos básicos da genética são essenciais para compreender como determinadas características hereditárias, incluindo a surdez, podem ser transmitidas dentro de uma família. Em famílias com histórico de surdez, observa-se, em alguns casos, a ocorrência de uniões entre indivíduos com características genéticas semelhantes, o que pode aumentar a probabilidade de manifestação de genes recessivos associados à surdez.

Esse fenômeno ocorre porque genes recessivos somente se expressam quando herdados de ambos os progenitores. Assim, quando há maior proximidade genética entre os pais, cresce a chance de que o mesmo gene recessivo esteja presente em duplicidade nos descendentes, resultando na manifestação da surdez. Esse aspecto é particularmente relevante em estudos sobre consanguinidade ou escolhas conjugais dentro de grupos familiares específicos.

Compreender esses mecanismos é fundamental para o aconselhamento genético, pois os padrões de herança podem variar

conforme o tipo de surdez, incluindo formas autossômicas dominantes, autossômicas recessivas e ligadas ao cromossomo X. O domínio desses conceitos permite que profissionais da saúde e da educação ofereçam orientações mais precisas às famílias, contribuindo para o diagnóstico precoce e para intervenções adequadas (Fialho *et al.*, 2025).

Herança mendeliana

A herança mendeliana refere-se aos padrões de transmissão genética descritos por Gregor Mendel, que explicam como características hereditárias são passadas de uma geração para outra. Esses padrões baseiam-se na segregação e na combinação de alelos dominantes e recessivos, influenciando a manifestação de determinadas condições, como a surdez.

No caso da surdez hereditária, a herança mendeliana auxilia na compreensão de por que alguns indivíduos de uma família apresentam a condição, enquanto outros não. A presença de alelos recessivos, por exemplo, pode permanecer oculta por gerações até que dois portadores transmitam o gene ao mesmo descendente. Dessa forma, o estudo da herança mendeliana é essencial para a análise de riscos genéticos e para o planejamento do aconselhamento genético em famílias com histórico de surdez.

Surdez: aspectos genéticos

A surdez hereditária caracteriza-se pela transmissão de mutações genéticas que afetam a estrutura e o funcionamento do sistema auditivo, podendo manifestar-se de forma isolada ou associada a síndromes específicas. Essas mutações podem ser herdadas por diferentes padrões genéticos, como herança autossômica dominante, autossômica recessiva ou ligada ao cromossomo X, influenciando diretamente a prevalência, a recorrência familiar e a gravidade da surdez.

No contexto da família Paixão, observa-se a presença de indivíduos surdos em mais de uma geração, o que reforça a hipótese de origem genética da surdez. A recorrência do quadro, aliada à ausência de registros consistentes de fatores ambientais isolados, como infecções adquiridas ou exposição a agentes ototóxicos, sugere a atuação predominante de mutações hereditárias. Estudos genéticos apontam genes como o GJB2, responsável pela codificação da conexina 26, como um dos principais envolvidos em

casos de surdez não sindrômica, sendo frequentemente identificado em famílias com histórico semelhante ao analisado neste estudo.

Essa análise evidencia que a surdez, neste contexto familiar, não deve ser compreendida apenas como uma condição individual, mas como um fenômeno genético coletivo, transmitido e mantido ao longo das gerações.

Quadro 1: Padrões de Herança da Surdez



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Apresenta quadro 1 uma comparação entre os principais padrões de herança genética associados à surdez. A análise desses modelos permite compreender a variabilidade da manifestação da surdez em diferentes contextos familiares. No caso da família Paixão, a presença de indivíduos surdos e ouvintes em diferentes gerações sugere maior compatibilidade com a herança autossômica recessiva, embora outros padrões não possam ser completamente descartados sem exames genéticos específicos.

Tipos de surdez

A classificação da surdez é fundamental para compreender os mecanismos genéticos envolvidos e suas manifestações clínicas. Do

ponto de vista funcional, a surdez pode ser classificada em condutiva, neurossensorial e mista.

A surdez condutiva está relacionada a alterações no ouvido externo ou médio, dificultando a condução do som. Já a surdez neurossensorial, mais frequentemente associada a causas genéticas, resulta de danos às células ciliadas da cóclea ou às vias nervosas auditivas. A surdez mista combina características de ambos os tipos.

No caso da família Paixão, as evidências apontam majoritariamente para a surdez neurossensorial, o que reforça a associação com mutações genéticas específicas. Esse tipo de surdez apresenta maior relação com genes como GJB2 e SLC26A4, amplamente descritos na literatura científica. Assim, a identificação do tipo de surdez contribui não apenas para o diagnóstico clínico, mas também para a compreensão do padrão hereditário envolvido.

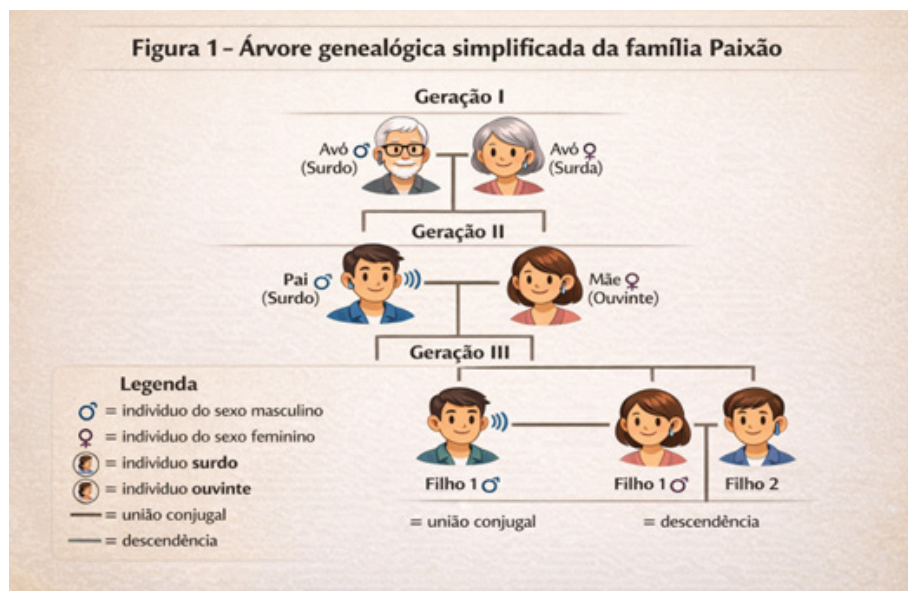
Causas genéticas da surdez

A análise do histórico familiar indica que a surdez presente na família Paixão possui base genética, uma vez que indivíduos de diferentes gerações, incluindo o pai do autor, apresentam a condição desde o nascimento ou desde a infância. Esse padrão sugere a transmissão hereditária da surdez ao longo do tempo.

Estudos científicos demonstram que mutações em genes específicos podem comprometer a estrutura e a função das células sensoriais do ouvido interno, resultando em perda auditiva congênita ou progressiva. Entre os genes mais frequentemente associados à surdez hereditária destacam-se o GJB2 e o SLC26A4, cujas alterações estão relacionadas a diferentes graus e formas de perda auditiva.

A recorrência desses casos na família analisada permite inferir, de forma crítica, a possibilidade de herança autossômica recessiva, especialmente em contextos nos quais ambos os progenitores são portadores do mesmo gene alterado, ainda que não apresentem a condição de forma manifesta. Essa interpretação reforça a importância do aconselhamento genético, não apenas para fins diagnósticos, mas também para orientar decisões familiares futuras.

Figura 1 – Árvore genealógica simplificada da família Paixão.



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Legenda da Figura 1

- ♂: indivíduo do sexo masculino
- ♀: indivíduo do sexo feminino
- Indivíduos surdos: indicados explicitamente
- Indivíduos ouvintes: indicados explicitamente
- Linhas horizontais: representam união conjugal
- Linhas verticais: representam descendência

A Figura 1 apresenta uma árvore genealógica simplificada da família Paixão, organizada em três gerações, com o objetivo de ilustrar a transmissão hereditária da surdez ao longo do tempo.

Na Geração I, observa-se um casal composto por um avô do sexo masculino e uma avó do sexo feminino, ambos com surdez. Na Geração II, o filho do casal, do sexo masculino, também apresenta surdez e estabelece união conjugal com uma mulher ouvinte. Já na Geração III, o casal possui dois filhos: um do sexo masculino com surdez e uma do sexo feminino ouvinte.

Esse padrão de distribuição da surdez em sucessivas gerações sugere um modelo de herança autossômica dominante, uma vez que a condição

está presente em diferentes gerações e pode ser transmitida por apenas um dos genitores afetados.

História familiar

A análise da história familiar constitui um elemento fundamental para a compreensão da surdez de origem genética. No contexto da família Paixão, observa-se a presença de perda auditiva severa em diferentes gerações, incluindo uma tia, o pai, o autor e, posteriormente, seu filho. A recorrência da surdez ao longo do tempo sugere fortemente a existência de um padrão hereditário, reforçando a necessidade de uma investigação genética sistemática.

Esse histórico familiar evidencia a importância do levantamento genealógico como ferramenta para a identificação de padrões de transmissão da surdez. De acordo com a literatura científica, a repetição da perda auditiva em múltiplas gerações está frequentemente associada à herança genética, especialmente em casos de surdez congênita ou de início precoce (Silva, 2021; Cavassana, 2025). Dessa forma, a análise do histórico familiar contribui para a compreensão dos riscos genéticos e para o direcionamento de estratégias de acompanhamento clínico.

Além disso, a presença de indivíduos surdos em gerações sucessivas reforça a necessidade de acompanhamento genético e de aconselhamento familiar, com o objetivo de orientar decisões relacionadas à saúde auditiva das gerações futuras. O aconselhamento genético é reconhecido como uma estratégia essencial para famílias com histórico de surdez hereditária, pois possibilita a identificação precoce de riscos e a adoção de medidas preventivas e interventivas adequadas (Fialho *et al.*, 2025).

A importância da história familiar

A história familiar desempenha papel central na identificação de padrões genéticos relacionados à surdez. Por meio da análise genealógica, torna-se possível compreender os mecanismos de transmissão hereditária e identificar indivíduos com maior risco de desenvolver perda auditiva, contribuindo para o diagnóstico precoce e para intervenções mais eficazes.

Nesse sentido, famílias extensas, como a família Paixão, oferecem um contexto relevante para estudos genéticos, pois permitem a observação da recorrência da surdez ao longo das gerações. A literatura aponta que

o conhecimento do histórico familiar facilita não apenas o diagnóstico, mas também o planejamento de ações de prevenção, acompanhamento e inclusão das pessoas surdas no âmbito da saúde e da educação (Silva, 2021).

Assim, a valorização da história familiar, aliada ao respaldo científico, fortalece a compreensão da surdez como uma condição que ultrapassa o aspecto individual, sendo também um fenômeno de natureza genética e social.

Estudos de caso

Os estudos de caso apresentados neste trabalho têm como objetivo analisar, de forma concreta, a transmissão genética da surdez em um contexto familiar específico. A investigação baseia-se no histórico da família Paixão, no qual é possível identificar a recorrência da surdez ao longo de diferentes gerações, permitindo a análise dos padrões de herança genética envolvidos.

Na família analisada, foram identificados indivíduos surdos em três gerações consecutivas, incluindo avós, pais e filhos. Os registros familiares indicam que a perda auditiva é, majoritariamente, congênita e de grau severo, manifestando-se desde a infância. Observa-se que, em cada geração, pelo menos um membro apresenta surdez, o que configura um padrão hereditário consistente e afasta a hipótese de ocorrência aleatória.

A análise dos vínculos familiares evidência que a surdez ocorre com maior frequência entre descendentes de casais que apresentam histórico familiar semelhante. Esse dado reforça a hipótese de herança autossômica recessiva, uma vez que esse padrão permite que pais ouvintes sejam portadores do gene alterado e transmitam a condição aos filhos. A recorrência desse padrão ao longo das gerações contribui para a manutenção da surdez no grupo familiar estudado.

Outro dado relevante refere-se à ausência de fatores ambientais isolados associados à perda auditiva. Não foram identificados relatos consistentes de infecções gestacionais, uso de medicamentos ototóxicos, traumas cranianos ou exposição prolongada a ruídos intensos entre os indivíduos surdos analisados. Essa ausência de fatores externos fortalece a interpretação de que a surdez observada possui origem predominantemente genética.

Além disso, observa-se variabilidade na expressão da surdez entre os membros da mesma família, com diferenças na idade de diagnóstico e na resposta a intervenções auditivas, o que sugere a influência de modificadores genéticos. Esse aspecto evidencia que, embora a base genética seja comum, a manifestação clínica pode variar entre os indivíduos.

Dessa forma, os estudos de caso demonstram que a análise sistemática do histórico familiar é fundamental para a identificação precoce da surdez e para o encaminhamento ao aconselhamento genético. A compreensão desses padrões hereditários possibilita intervenções mais adequadas, orienta decisões familiares e contribui para estratégias de acompanhamento e inclusão das pessoas surdas nos contextos familiar, educacional e social.

Análise de famílias com membros surdos

A análise de famílias com membros surdos permite identificar padrões genéticos recorrentes e possíveis mutações associadas à surdez hereditária. No caso da família Paixão, a presença da surdez em múltiplas gerações indica um padrão consistente de transmissão genética, reforçando a importância do levantamento genealógico detalhado.

A investigação dessas famílias contribui para um diagnóstico mais preciso e para o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas, como o acompanhamento audiológico precoce e o aconselhamento genético. A literatura científica destaca que a análise familiar é uma das principais ferramentas para compreender a herança da surdez e orientar decisões clínicas e familiares (Silva, 2021; Cavassana, 2025).

Comparação entre famílias ouvintes e surdas

A comparação entre famílias ouvintes e famílias com membros surdos revela diferenças significativas no que se refere à herança genética da surdez. Enquanto famílias predominantemente ouvintes apresentam menor incidência de genes associados à perda auditiva, famílias surdas tendem a apresentar maior concentração de mutações genéticas relacionadas à surdez hereditária.

Apesar dessas diferenças genéticas, ambas as configurações familiares desenvolvem estratégias próprias de comunicação e interação social. Em famílias surdas, observa-se com frequência o uso de sistemas

de sinais caseiros ou da língua de sinais, o que influencia positivamente a dinâmica familiar e a transmissão cultural da surdez. Esses aspectos reforçam a necessidade de abordagens personalizadas no diagnóstico e no suporte genético, considerando não apenas fatores biológicos, mas também culturais e sociais.

Aspectos socioculturais

Muitos vizinhos demonstram surpresa ao perceber que nossa família surda é numerosa, pois não compreendem que a comunicação por meio da língua de sinais frequentemente envolve expressões faciais, gestos amplos e risos, o que pode gerar mal-entendidos e preconceitos.

Esses aspectos socioculturais revelam os desafios enfrentados pela comunidade surda no que se refere à comunicação e à aceitação social. Ainda é comum a ideia equivocada de que a pessoa surda é muda ou de que sua voz é “anormal”, o que não corresponde à realidade.

A voz da pessoa surda é diferente, mas isso não significa incapacidade ou inferioridade. A normalização dessas diferenças é fundamental para promover a inclusão e o respeito à diversidade.

Além disso, o reconhecimento da língua de sinais e a valorização da cultura surda são essenciais para fortalecer os vínculos familiares e sociais, contribuindo para uma melhor compreensão das questões genéticas, culturais e identitárias envolvidas.

A cultura surda

Primeiramente, é importante compreender que a cultura surda vai além da ausência da audição. Trata-se de uma identidade rica e diversa, marcada por uma língua própria, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), e por valores e práticas sociais que fortalecem o sentimento de pertencimento entre seus membros.

No contexto da minha família, uma de minhas tias utiliza sinais caseiros, desenvolvidos no meio rural, como principal forma de comunicação com os familiares. Meu pai também aprendeu essa forma de sinalização e valoriza essa prática como um elo fundamental para a manutenção da identidade surda na família.

Essas experiências demonstram que a cultura surda não se limita à deficiência auditiva, mas se constitui como um patrimônio cultural transmitido entre gerações, fortalecendo os vínculos familiares.

Por meio da língua de sinais, das tradições e das experiências compartilhadas, os membros da comunidade surda constroem uma identidade própria, valorizando a diversidade e promovendo a inclusão social.

Além disso, essa cultura oferece suporte essencial às famílias que convivem com a surdez hereditária, reforçando a importância do reconhecimento e do respeito às diferenças. É fundamental que os membros da família estejam informados e atualizados, buscando recursos educacionais e sociais que promovam o desenvolvimento e a inclusão.

Dessa forma, torna-se possível construir um ambiente acolhedor e estimulante para crianças surdas, valorizando sua identidade, potencial e trajetória.

Avanços na pesquisa genética

Nas últimas décadas, a pesquisa genética tem avançado consideravelmente, permitindo uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos hereditários envolvidos na surdez. Tais avanços englobam a identificação de genes específicos associados à surdez, aprimoramentos nas técnicas de sequenciamento genético e o desenvolvimento de modelos animais que ajudam a elucidar as vias moleculares envolvidas. Além disso, estudos familiares têm permitido mapear padrões de herança e identificar mutações raras, contribuindo para o diagnóstico precoce e o desenvolvimento de terapias direcionadas.

O futuro da inclusão

A inclusão de pessoas surdas na sociedade depende cada vez mais do desenvolvimento de políticas públicas eficazes, do avanço tecnológico e da conscientização social para assegurar acessibilidade plena e o respeito às suas especificidades culturais. Isso inclui a promoção de educação bilíngue, a expansão do acesso a tecnologias assistivas e a criação de ambientes inclusivos que valorizem a identidade cultural da comunidade surda. Além disso, é essencial o engajamento da sociedade civil, das instituições de ensino e dos órgãos governamentais para consolidar avanços que garantam

a equidade e a participação plena dessas pessoas em todos os âmbitos sociais.

Conclusão

A compreensão da influência genética na surdez é essencial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de diagnóstico, prevenção e intervenção, destacando a importância do estudo familiar para identificar padrões hereditários. Esse entendimento possibilita avanços na genética médica e na orientação genética, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida das famílias afetadas pela surdez hereditária. Assim, reforça-se a necessidade de pesquisas contínuas e multidisciplinares que integrem aspectos clínicos, genéticos e sociais, promovendo abordagens personalizadas e eficazes. Dessa forma, espera-se que os progressos no entendimento da herança genética associada à surdez possam contribuir para a melhoria do diagnóstico precoce, do tratamento e da qualidade de vida dos indivíduos afetados e de suas famílias. O aprofundamento das pesquisas genéticas e o investimento em tecnologias de diagnóstico são fundamentais para alcançar esse objetivo. Além disso, é essencial promover a conscientização sobre a importância do aconselhamento genético em famílias com histórico de surdez, visando a prevenção e o suporte adequados. (Ceschim *et al.*, 2023).

Referências

- ADEIRA, Beatriz Ceschim; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. **Articulação entre genética de transmissão e genética molecular na dominância completa: um estudo com professores em formação.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2022. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/11449/234940>. Acesso em: 18 jan. 2026.
- CAVASSANA, Stella Diogo. **Investigação de formas hereditárias de perda auditiva e caracterização de novos genes.** 2025. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.
- CESCHIM, Beatriz; GANIKO-DUTRA, Matheus; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. **Relação entre genética da transmissão e genética molecular: como a biologia contemporânea interpreta os caracteres**

dominantes e recessivos de Gregor Mendel? Filosofia e História da Biologia, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 111–126, 2023. DOI: 10.11606/issn.2178-6224v18i2p111-126. Disponível em: <https://revistas.usp.br/fhb/article/view/fhb-v18-n2-02>. Acesso em: 19 jan. 2026.

FIALHO, Davi Mendes Campos; FARIAS, Sofia de Oliveira; KREPISCHI, Ana Cristina Victorino; CARVALHO, Laura Machado Lara. Filhos de pais que são parentes têm maior risco de ter doença genética?. **Genética na Escola**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 16–26, 2025. DOI: 10.55838/1980-3540.ge.2025.613. Disponível em: <https://www.geneticanaescola.com/revista/article/view/613>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SILVA, Letícia Correia do Amaral da. **Livro infantil inclusivo também para crianças com deficiência visual**. 2016. 163 f., il. Monografia (Bacharelado em Desenho Industrial) -Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Pedro Henrique de Macedo. **A família como fator de apoio à aquisição da libras por crianças surdas**. 2021. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5611>.

QUANDO A LIBRAS CHEGA EM CASA: DESAFIOS DE PAIS OUVINTES COM FILHOS SURDOS

Daniel Lopes Romeu¹

Marceli Lucia Paveglio Romeu²

Introdução

Ter um filho surdo, no Brasil, sempre foi um acontecimento marcado pelo desconhecimento, pela surpresa e, muitas vezes, pela falta de informação. Para muitos pais ouvintes, a surdez do filho não é apenas uma condição biológica, mas um convite inesperado a aprender uma nova língua e a conviver com uma nova cultura. Entre as décadas de 1974 e 1981, esse cenário era ainda mais desafiador, pois quase não havia acesso a informações sobre Libras, cultura surda ou bilinguismo. A surdez era vista apenas pelo prisma médico, como “deficiência” ou “problema” a ser corrigido, e não como diferença linguística e cultural.

Pais ouvintes, diante desse contexto histórico, precisavam buscar caminhos sozinhos. Sentiam-se perdidos, confusos e, muitas vezes, culpados. Muitos procuravam terapias orais, aparelhos, médicos e fonoaudiólogos. Porém, poucos encontravam orientação para o que realmente faltava: comunicação. E sem comunicação não há vínculo, não há compreensão, não há criação de identidade.

Nas casas onde a Libras não chegava, os filhos surdos cresciam em silêncio não por falta de voz, mas por falta de acesso à sua língua natural. A ausência de Libras dentro do ambiente familiar gerava barreiras invisíveis: emoções não ditas, histórias não contadas, perguntas sem respostas e um sentimento de solidão que acompanhava muitas crianças surdas até a vida adulta. Não era falta de amor, era falta de língua.

1 Doutorando Profissional em Educação e Tecnologia pela Instituto Federal Sul-rio-grandense
E-mail: danielufpellibras@gmail.com

2 Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pampa. E-mail: marceliromeu@unipampa.edu.br

Quando, finalmente, a Libras chegava na vida da família, tudo mudava. Os olhares ganhavam sentido, as mãos se tornavam palavras, e o silêncio deixava de ser vazio para se transformar em diálogo. A entrada de uma língua visual dentro da casa rompia aquele muro invisível entre pais e filhos, permitindo o florescimento de relações mais afetuosas, alegres, espontâneas e inclusivas.

Este capítulo discute justamente esse momento, o impacto da chegada da Libras dentro da família de pais ouvintes com filhos surdos. Analisa o esforço dos pais em aprender uma língua que não é sua, as resistências culturais, as expectativas sobre “cura”, os medos sociais, e ao mesmo tempo, a luta incansável para garantir educação, autonomia e cidadania para seus filhos.

Mais do que um relato histórico, este texto propõe uma reflexão sobre amor, coragem e aprendizado mútuo. Porque quando a Libras entra na casa, não é apenas o filho surdo que aprende: os pais também aprendem a enxergar o mundo com as mãos, com os olhos e com o coração.

Quando a Libras não chega: o silêncio dentro da família

Para muitas crianças surdas, a primeira infância é marcada não pela ausência de som, mas pela ausência de língua. Os pais ouvintes, ao descobrirem a surdez do filho, entram em contato com um tipo de silêncio que não conheciam um silêncio linguístico. Esse silêncio não é falta de amor, mas falta de acesso. Sem Libras, não há diálogo pleno; há apenas gestos improvisados, mímicas intuitivas e adivinhações constantes.

Antes do reconhecimento legal da Libras no Brasil especialmente antes da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005 a surdez era tratada quase exclusivamente no campo médico. A orientação dada às famílias era restaurar a “normalidade” por meio da oralização. Não se falava em identidade surda, tampouco em cultura. Isso gerava uma ruptura profunda dentro da própria casa: enquanto os pais falavam, a criança surda tentava decifrar o mundo pelo olhar.

Nesse contexto, o lar se tornava um espaço paradoxal: cheio de amor, mas também cheio de desencontros. A criança surda observa tudo, entende o movimento dos corpos, mas não compreende os significados. Não compreende ordens simples, como “não mexe”, “vai dormir”, “vem comer”. Não entende quando alguém está triste, nervoso ou feliz. Não entende piadas, nem histórias de família. Cresce sem acesso ao cotidiano.

Mais tarde, muitos surdos relatam que passaram a primeira infância acreditando que eram “errados”, “lentos” ou “desobedientes”, quando na verdade eram apenas crianças sem língua. Esse tipo de silêncio fere identidades, fragmenta vínculos e produz o que Skliar (1998) chama de **“solidão linguística na infância surda”**, uma solidão que não se cura com audição, mas com língua.

O grande desafio é que os pais ouvintes não sabiam disso. Eles também estavam no escuro. Sem Libras, não era apenas o filho que ficava sem acesso — os pais também ficavam excluídos da experiência da criança surda. Essa exclusão bilateral criava o que muitos pesquisadores chamam de “dois mundos dentro da mesma casa”: um mundo oral e um mundo visual, coexistindo, mas não se encontrando.

Quando a Libras entra em casa: mudanças, afetos e reconexões

Quando os pais finalmente começam a aprender Libras mesmo que pouco, mesmo que tarde algo importante acontece: a linguagem deixa de ser uma barreira e começa a ser um abraço. Não é apenas sobre sinais; é sobre pertencimento. É sobre olhar nos olhos e ser visto. É sobre finalmente nomear o mundo.

Os pais ouvintes descobrem que ensinar Libras não significa apenas transmitir sinais, mas desenvolver uma comunicação visual e afetiva: mostrar objetos, apontar lugares, classificar alimentos, nomear gestos, indicar ações cotidianas e, acima de tudo, elogiar. Cada sorriso, cada carinho, cada sinal aprendido se transforma em vitória para toda a família.

A comunicação começa assim: com pequenas intenções. Um gesto para “comer”, uma expressão facial para “triste”, um sinal improvisado para “cachorro”, um dedo apontando para “brincar”. Antes de existir a Libras formal, existe a comunicação visual natural da família. É através desse processo que muitos pais entendem que seus filhos surdos não são deficientes de pensamento são apenas visuais.

Mas, enquanto a família aprende, do lado de fora existe a sociedade. E é aqui que o amor encontra o preconceito. Nos anos de 1974 a 1981 e até muito depois a surdez era vista de forma infantilizada. Muitos diziam que a criança surda deveria ir para a APAE, como se a surdez fosse incapacidade de pensar. Esses discursos magoavam as famílias, porque reduziam o filho surdo à deficiência, e não à diferença.

O mais doloroso é que grande parte dos pais ouvintes ouviam de médicos, professores e vizinhos frases como:

- “Ele não vai aprender.”
- “Melhor colocar na APAE.”
- “Surdo não entende.”
- “Surdo não fala, então não pensa.”

Essas falas não eram apenas equivocadas eram violentas. Elas feriam o futuro da criança antes mesmo que ela pudesse ter um.

No entanto, muitos pais resistiram. Eles escolheram ver seus filhos com amor, e não com pena. Eles perceberam que a criança surda é inteligente, curiosa, observadora e capaz.

Que o cérebro do surdo pensa em movimento, espaço, gesto e imagem. Que ele corre, brinca, mexe nas coisas, organiza brinquedos, come sozinho, toma banho, aprende tarefas domésticas, guarda objetos no lugar certo tudo isso pela via visual.

Ser surdo nunca significou ser “menos”. Significou ser diferente. Significou aprender por outros caminhos. Pais que perceberam isso cedo ajudaram seus filhos a crescerem com dignidade, autonomia e identidade.

A família entre o amor e a luta: aprender Libras como gesto político

Para a maioria das famílias ouvintes, aprender Libras não começa como um projeto linguístico, mas como um ato de amor. É o desejo simples e profundo de comunicar-se com o filho surdo dizer “eu te amo”, “cuidado”, “vem comer”, “vai ficar tudo bem”. É nesse cotidiano silencioso que a Libras aparece primeiro: entre gestos, olhares e tentativas. Mas, com o tempo, essas famílias descobrem que aprender Libras é muito mais do que aprender uma língua: é atravessar um território político, histórico e cultural que foi negado aos surdos durante décadas.

Durante muitos anos, a comunicação entre famílias ouvintes e filhos surdos foi marcada pela falta de acesso e pelo estigma. A sociedade, a medicina e a escola tentaram convencer os pais de que o melhor caminho era “normalizar” a criança obrigá-la a falar ou a se adaptar ao mundo ouvinte. Nesse contexto, aprender Libras significava, para muitos, uma espécie de “desobediência”. Era escolher o caminho que respeitava a criança como ela era, e não como queriam que fosse.

Por isso, o amor das famílias se transformou em luta silenciosa: luta contra o preconceito, contra a desinformação, contra a invisibilidade da cultura surda. Luta para garantir que o filho tivesse acesso à escola de surdos, a professores que sinalizassem, a materiais bilíngues e a ambientes onde a Libras não fosse proibida, mas celebrada.

Quando uma família decide aprender Libras, ela realiza um gesto político mesmo que não perceba. Ela afirma que a língua da criança é legítima. Afirma que o surdo não precisa ser consertado para existir. Afirma que o diálogo entre casa e escola deve ser bilíngue. Afirma, sobretudo, que o amor tem forma de resistência.

Aprender Libras também transforma a dinâmica familiar. A casa deixa de ser um espaço de adivinhações e se torna um lugar de participação. A criança pode tomar decisões, compartilhar sentimentos, contar histórias, dar opiniões. Ela deixa de ser “o silêncio da família” para tornar-se sujeito. É nesse momento que os pais percebem que Libras não é só comunicação é cidadania.

Além disso, ao aprender Libras, as famílias adentram a cultura surda, com seus valores, humor, estética, identidades e modos de ver o mundo. Elas descobrem que o olhar é protagonista, que o corpo fala, que as mãos narram, que a expressão facial é sintaxe. Descobrem que não existe apenas uma forma de ser humano existem muitas.

No entanto, esse percurso não é fácil. Muitos pais enfrentam pressões do entorno social: conselhos de médicos, de parentes, de vizinhos e até da escola. Alguns dizem: “não ensina Libras, senão não vai falar”. Outros insistem que a Libras atrapalha o português. Mas o tempo prova justamente o contrário: a Libras fortalece o português, fortalece o pensamento, fortalece a autoestima e fortalece os laços familiares.

Cada curso de Libras que um pai ou uma mãe frequenta, cada sinal que aprende, cada frase que arrisca fazer para o filho, constitui um ato político de reconhecimento da diferença. Político, porque afirma a existência surda. Político, porque enfrenta séculos de silenciamento. Político, porque luta por direitos linguísticos.

A Libras dentro da família produz efeitos também no futuro. Muitos jovens surdos lembram, com carinho, quando os pais faziam seus primeiros sinais tortos, misturados, engraçados. Era o amor tentando aprender uma língua nova. Não importava se estava “certo”, o que importava era estar junto. Essa participação afetiva é o que muda vidas.

Assim, aprender Libras é um gesto que atravessa o amor e a luta. Amor, porque abraça a criança como ela é. Luta, porque exige esforço, tempo, enfrentamento e teimosia de não abandonar o direito de existir em duas línguas. No fim, a família que aprende Libras ensina ao mundo que não é o surdo que precisa se adaptar ao ouvinte; é a sociedade que precisa aprender a ouvir com os olhos.

Aprender Libras dentro de casa não é apenas uma decisão afetiva; é também um gesto político. É romper com séculos de silenciamento, com políticas de apagamento, com o discurso histórico de que os surdos deveriam “ouvir a qualquer custo” e “falar como os ouvintes”. Quando um pai, uma mãe, um irmão ou uma avó decide aprender Libras, eles escolhem não apenas comunicar escolhem incluir. Escolhem dizer: “você tem o direito de existir na sua língua”.

Na década de 1974 e início de 1981 essa escolha era rara. Quase não existia informação, não existia lei de Libras, não existia escola bilíngue, não existia internet explicando o que fazer. Muitas famílias sentiam culpa, medo, vergonha ou solidão. Outras eram pressionadas por médicos e pela sociedade a mandar seus filhos para a APAE ou para terapias oralistas, com a promessa de que, um dia, “falariam como os ouvintes”. A língua de sinais era proibida, escondida ou vista como “atraso”.

Mas o amor das famílias abriu brechas. E quando o amor encontra informação, nasce luta. Quando os pais descobriram que não era o surdo que precisava “mudar”, mas sim o mundo algo começou a se transformar. A entrada da Libras na casa fez nascer novas possibilidades: a conversa na mesa do café, o humor, o carinho, o conflito, os limites, a educação tudo começou a fluir.

No entanto, aprender Libras também exige esforço: exige tempo, exige paciência, exige humildade para ser aluno do próprio filho. Para muitos pais ouvintes, essa inversão é bonita e, ao mesmo tempo, desafiadora: o filho surdo, tão pequeno, torna-se o professor. Nessa troca nasce o bilinguismo familiar, mesmo que não seja completo, perfeito ou acadêmico.

É nesse processo que se percebe que a surdez não limita a inteligência e nem a capacidade, como muitos acreditavam socialmente. Pelo contrário: a criança surda organiza o pensamento pelo visual, pelo espaço, pelos classificadores e pela expressão facial um modo sofisticado de compreender o mundo. E quando a família enxerga isso, algo fundamental acontece: a identidade surda deixa de ser “problema” e se torna potência.

Aprender Libras é político porque desloca poder:

- desloca da medicina para a cultura,
- da reabilitação para o reconhecimento,
- do silêncio para o direito linguístico,
- da deficiência para a diferença.

É também político porque questiona as instituições: a escola, os currículos, as políticas públicas, os serviços de saúde, os intérpretes, as universidades e o Estado. Pais que aprendem Libras começam a exigir espaços acessíveis, professores bilíngues, intérpretes, materiais visuais e respeito. A família vira militante mesmo que não perceba.

E no centro dessa história está o filho surdo: crescendo, descobrindo sua língua, encontrando a comunidade surda, construindo humor, cultura e senso de pertencimento. Quando a Libras entra na família, o surdo deixa de ser “visitante” e se torna morador legítimo da própria casa.

Os efeitos do bilinguismo familiar: identidade, escola e futuro

Quando a família aprende Libras, algo profundo começa a se mover dentro da biografia da criança surda. A comunicação, antes fragmentada baseada em gestos improvisados, apontamentos, mímicas e adivinhações ganha estrutura linguística, sentido, gramática, narrativa e emoção. De repente, o mundo deixa de ser apenas Imagem e passa a ser discurso.

Esse processo produz efeitos que ultrapassam o cotidiano da casa: reorganiza a identidade, resinifica a percepção de futuro e rompe com o destino imposto socialmente aos surdos. Se no passado especialmente nas décadas de 1974 e 1981 a criança surda era vista como “incapaz”, “deficiente” ou “atrasada”, o bilinguismo revela exatamente o contrário: o problema nunca esteve na criança, mas na falta de língua, na falta de acesso e na falta de reconhecimento.

O bilinguismo familiar também transforma a escola. Crianças que chegam à educação básica com língua de sinais consolidada apresentam melhores desempenhos cognitivos, maior autonomia e mais segurança, além de maior capacidade de leitura e escrita em português. Isso ocorre porque a aquisição da Libras possibilita a organização do pensamento, da imaginação e da abstração elementos essenciais para alfabetizar e escolarizar.

Os efeitos identitário também são evidentes. Ao entrar em contato com a comunidade surda e com outros pares, a criança surda percebe que

não está sozinha. Ver outros surdos conversando em Libras cria laços de pertencimento, humor, cultura e memória coletiva. Nesse momento, a criança compreende que ser surda não é falta é diferença. E a diferença não precisa ser curada, mas respeitada, celebrada e fortalecida.

Esse fenômeno se estende aos CODAs (Children of Deaf Adults), SODAs (Siblings of Deaf Adults), DODAs e FODAs, que crescem em casas bilíngues. Eles aprendem desde cedo que existem múltiplos modos de habitar o mundo e que o português não é a única língua existente. Para eles, a oralidade não é a única forma de comunicação: o corpo pode ser verbo, substantivo, metáfora, riso e poesia. Muitos CODAs se tornam intérpretes, professores, pesquisadores ou mediadores culturais e carregam, com orgulho, o legado da língua de sinais.

Além disso, o bilinguismo familiar regula o futuro: regula oportunidades, regula o acesso ao trabalho, regula a cidadania. Uma criança surda com língua não é uma criança isolada; é uma criança que pode escolher, decidir e participar. O bilinguismo devolve o futuro que o oralismo tentou roubar.

Entretanto, esse processo não é linear nem romântico. Exige esforço da família, investimento público, políticas linguísticas, escolas bilíngues, intérpretes qualificados, materiais didáticos visuais e universidades que reconheçam a Libras como área legítima de conhecimento. O bilinguismo familiar só se sustenta quando o Estado divide responsabilidades com as famílias.

Portanto, os efeitos do bilinguismo não são apenas comunicativos: são afetivos, indenitários, políticos e epistemológicos. O bilinguismo não produz apenas falantes; produz sujeitos, cidadania e pertencimento cultural. É nesse contexto que a Libras se concretiza como direito linguístico e não como adaptação caritativa.

As escolas bilíngues e o desenvolvimento linguístico: avanços, desafios e conquistas atuais

Com o passar dos anos, as famílias passaram a buscar alternativas educacionais mais adequadas às necessidades dos filhos surdos. Entre essas alternativas, as escolas bilíngues Libras–Português se destacaram como espaços fundamentais para o desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e identitário. Ao reconhecer a Libras como primeira língua (L1) e o

português escrito como segunda língua (L2), essas escolas romperam com a lógica oralista que dominou a educação por mais de um século.

A educação bilíngue trouxe avanços significativos: a criança surda passou a ter acesso ao conhecimento por meio de uma língua plenamente acessível, favorecendo não apenas o entendimento acadêmico, mas também o desenvolvimento emocional. Quando a língua é acessível, a aprendizagem deixa de ser sofrimento e passa a ser prazer.

Além disso, as escolas bilíngues criaram espaços onde estudantes surdos convivem com seus pares, fortalecendo o sentimento de pertencimento à comunidade surda algo impossível quando o surdo é isolado como exceção. O contato com adultos surdos, professores e instrutores de Libras produz impacto simbólico e político: fortalece autoestima, identidade e horizonte de futuro.

No entanto, a consolidação da educação bilíngue no Brasil ainda enfrenta desafios. A falta de investimento público, a escassez de materiais didáticos específicos, a carência de profissionais bilíngues e a resistência de setores que defendem modelos clínicos da surdez ainda são obstáculos. Mesmo assim, muitos pais relatam alívio, esperança e alegria ao ver seus filhos aprendendo de forma significativa.

Atualmente, políticas públicas brasileiras reconhecem a importância das escolas bilíngues (como a Lei 10.436/2002, o Decreto 5.626/2005 e diretrizes mais recentes do MEC), mas a implementação varia conforme o território. O futuro da educação bilíngue depende do compromisso entre famílias, comunidade surda, universidades, movimentos sociais e gestores públicos.

Ainda assim, há consenso entre muitas famílias e educadores: quando a Libras chega antes, tudo floresce antes. Quanto mais cedo o acesso linguístico, melhores os resultados afetivos, cognitivos e sociais. A escola bilíngue, portanto, não é apenas um modelo pedagógico é uma afirmação de humanidade.

CODAs, SODAs, DODAs e FODAs: entre línguas, culturas e afetos

O universo das famílias surdas não se limita às pessoas surdas; ele se expande para todos que convivem, amam, cuidam, traduzem e constroem sentidos entre línguas e culturas. Nesse cenário, surgem sujeitos que habitam fronteiras: os CODAs (Children of Deaf Adults), SODAs (Siblings of Deaf Adults), DODAs (Descendants of Deaf Adults) e FODAs

(Family of Deaf Adults). Cada um deles revela que as línguas e culturas não se restringem ao biológico elas se herdam também pela convivência, pelo afeto e pela responsabilidade.

Os CODAs, filhos ouvintes de pais surdos, frequentemente vivenciam o bilinguismo desde o berço. A Libras é, muitas vezes, sua primeira língua, aprendida na cozinha, na sala e nos gestos cotidianos de cuidado. Já o português chega pela escola, pelas interações externas e pela oralidade social. Para muitos, isso significa assumir desde cedo a função de mediadores entre os pais surdos e o mundo ouvinte traduzindo consultas médicas, reuniões escolares, atendimentos burocráticos e serviços institucionais diversos. Essa mediação precoce, frequentemente chamada de *parentificação linguística* (Lane, 1992), revela tanto a potência quanto a fragilidade das políticas de acessibilidade no país.

Os SODAs, irmãos ouvintes de pessoas surdas, também transitam entre mundos culturais distintos. Para eles, a Libras pode se constituir como língua de vínculo fraterno, permitindo que o cuidado se transforme em comunicação e que o afeto se torne linguagem visual. Já os DODAs e FODAs ampliam esse círculo: mostram que a Libras não pertence apenas ao indivíduo surdo, mas circula pela família, atravessando gerações e construindo repertórios culturais compartilhados.

Esses sujeitos são fundamentais para a circulação da Libras na sociedade. Muitos CODAs tornam-se intérpretes, professores e defensores da educação bilíngue não por obrigação, mas como consequência de uma infância bilíngue que os ensinou que o mundo pode ser habitado também pelo olhar. Crescer entre Libras e português produz uma sensibilidade singular: uma escuta visual, um corpo que lê nuances e uma mente que compreende que o silêncio pode ser língua e que o gesto pode ser verbo (Oliveira 2018).

Contudo, é importante reconhecer que as experiências não são homogêneas. Antes do reconhecimento legal da Libras (Lei 10.436/2002) e da regulamentação da educação bilíngue (Decreto 5.626/2005; Decreto 10.436/2020), muitos CODAs viviam entre estigma e silêncio, escondendo a surdez dos pais para evitar discriminação social. Com o avanço do movimento surdo e das políticas linguísticas, novas narrativas passaram a emergir, baseadas no orgulho, no pertencimento e na afirmação identitária (Skliar, 1998; Strobel, 2008).

Há algo profundamente afetivo nesse processo. A língua de sinais reorganiza a casa: para conversar é preciso olhar; para cuidar é preciso estar

presente; para amar é preciso atenção visual. Essa ética do olhar desmonta a hierarquia da voz e revela que o cuidado não precisa ser falado para ser compreendido. Nesse sentido, CODAs, SODAs, DODAs e FODAs mostram que o bilinguismo familiar não é apenas fenômeno linguístico é também gesto político, laço afetivo e construção cultural.

Por fim, esses sujeitos desconstróem a ideia equivocada de que as línguas de sinais pertencem exclusivamente aos surdos. Pelo contrário: quando a Libras chega à família, ela deixa de ser apenas língua torna-se vínculo. E vínculos não se herdaram apenas pelo sangue, mas pela convivência, pela cultura e pela memória. Assim, a Libras se inscreve na história familiar não como adaptação, mas como potência.

Considerações finais

Conclui-se que a experiência de crianças surdas em famílias ouvintes evidencia a importância decisiva do bilinguismo (Libras–Português) para o desenvolvimento linguístico, cognitivo, afetivo e identitário. O acesso precoce à Libras rompe padrões históricos de opressão, invisibilidade e patologização da surdez, permitindo que a criança surda seja reconhecida como sujeito de língua, cultura e direitos.

As trajetórias narradas ao longo do capítulo mostram que a aquisição da língua de sinais no ambiente familiar produz efeitos duradouros e estruturantes: amplia repertórios simbólicos, fortalece a autonomia, melhora o desempenho escolar, facilita a alfabetização em português e cria condições para o pertencimento à comunidade surda. A escola bilíngue, por sua vez, cumpre papel central na consolidação desse processo, oferecendo acesso ao conhecimento por meio de uma língua plenamente acessível e assegurando modelos linguísticos surdos, o que impacta positivamente a autoestima e a identidade.

Entretanto, o bilinguismo não depende exclusivamente das famílias. Requer políticas linguísticas robustas, escolas bilíngues consolidadas, formação de professores, materiais visuais adequados, intérpretes, reconhecimento cultural da Libras e investimento público contínuo. Se o direito à língua é direito humano, a produção do bilinguismo é responsabilidade coletiva e estatal.

Do ponto de vista histórico, o contraste entre as décadas de 1974–1981 e o contexto atual revela avanços significativos. Naquele período, predominavam o desconhecimento social, o modelo clínico da surdez e

a segregação institucional. Atualmente, após o reconhecimento da Libras pela Lei nº 10.436/2002 e a regulamentação do Decreto nº 5.626/2005, as possibilidades de acesso linguístico e educacional se ampliaram. Ainda assim, desafios persistem, sobretudo no interior das famílias ouvintes, que continuam sendo, para muitos surdos, o primeiro e mais difícil território da diferença.

Defender o bilinguismo não é apenas defender um método pedagógico, mas afirmar uma visão de mundo baseada no respeito à diferença. A experiência das crianças surdas em famílias ouvintes revela que, quando a Libras chega, a vida floresce: a comunicação deixa de ser adivinhação, o silêncio deixa de ser solidão e a surdez deixa de ser vista como deficiência. A língua de sinais ressignifica o cotidiano, abre horizontes e produz futuros.

Referências

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n. 10.436/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Lei n. 13.146/2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender Libras.** 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: A comunidade surda amordaçada.** Tradução: Cristina Reis. Lisboa: Instituto Piaget. 1992.

OLIVEIRA, José Carlos (2018). CODAS: Aquisição da linguagem bimodal. **Revista Simbiótica.** Vitória, v. 5, n. 2, p. 40-59, jul.-dez. 2018. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/23145/15921>

PERLIN, Gladis. Identidade Surda. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 53-85.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, Carlos (org.). **A invenção e a exclusão: reflexões sobre a educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

RELATO DA EXPERIÊNCIA DE UMA MÃE SURDA E ATÍPICA DE FILHAS AUTISTAS E BILÍNGUES

Cássia Lobato Marins¹
Luísa Marins da Costa²

Introdução

No início, apresento este tema como uma porta de entrada para reflexões mais profundas. Parto da minha própria história e da vivência cotidiana da maternidade para narrar vivências que atravessam a surdez, a atipicidade e a construção da comunicação no contexto familiar. O objetivo é relatar e refletir sobre minha experiência enquanto mãe surda e atípica na criação de filhas autistas e bilíngues, evidenciando sentimentos, desafios, aprendizados e transformações que se revelam ao longo desse percurso.

Esta narrativa se constrói a partir de múltiplas vozes. De um lado, apresento o depoimento da minha filha mais velha, que compartilha como foi (como é) o processo de descoberta de sua identidade, bem como as dificuldades enfrentadas em sua trajetória de vida. De outro lado, narro minha própria experiência de maternidade atípica, marcada por incertezas, resistências, afetos e ressignificações, tecidas no cotidiano da relação mãe – filha.

Ao entrelaçar essas narrativas, busco não apenas contar uma história, mas provocar reflexões sobre identidade, diferença, comunicação e pertencimento, reconhecendo a experiência vivida como um espaço legítimo de produção de conhecimento.

1 Docente de Libras pela Universidade Federal do Rio Grande. Doutoranda em Letras da Programa de Pós- Graduação em Letras – PPGL do Instituto de Letras e Artes – ILA / FURG.
2 Estudante do curso de Pedagogia da FURG.

Entre incertezas e afetos: a experiência da maternidade atípica

Neste subcapítulo, narro minha própria experiência de maternidade atípica, marcada por incertezas, resistências, afetos e ressignificações, construídas no cotidiano da relação mãe – filha.

Eu era uma jovem surda, grávida, com apenas 19 anos. Minha primeira filha, ouvinte, nasceu no segundo dia do mês de agosto de 2003 – sim, exatamente no Dia dos Pais. Ali nasceu uma bebê linda e saudável.

O tempo foi passando, e ela cresceu. Seu desenvolvimento ocorreu de forma considerada adequada: a fala evoluiu muito bem, assim como as demais etapas do desenvolvimento infantil, encaixando-se dentro do que era esperado para cada faixa etária.

No entanto, quando ela completou 12 anos de idade, algo começou a mudar. Surgiram sinais de que nem tudo estava certo. Muitas dúvidas passaram a fazer parte do cotidiano, especialmente no contexto escolar da Luísa. Suas notas caíram e surgiram reclamações recorrentes: ela não conseguia compreender as explicações das professoras, que ministravam aulas longas, em pé, com poucas estratégias visuais e fortemente baseadas na oralidade.

Diante desse cenário, nós, enquanto família, decidimos encaminhar a Luísa para uma avaliação psicológica. O processo durou cerca de 3 meses e teve como objetivo investigar a presença de algum transtorno. Ao final desse período, chegamos ao diagnóstico: Luísa foi identificada com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Após o diagnóstico, Luísa passou a receber medicação para auxiliar no foco e na concentração nos estudos. Além disso, iniciou acompanhamento com uma psicopedagoga aos 12 anos de idade, permanecendo em atendimento até o final do ensino fundamental.

Por um curto período, Luísa fez uso da medicação; no entanto, o tratamento foi interrompido, pois sua saúde não estava bem. Ela passou a apresentar problemas de pressão alta e aceleração excessiva dos batimentos cardíacos, o que não era considerado normal. Diante disso, optou-se pela suspensão do medicamento. Sem medicação, Luísa precisou se esforçar ainda mais para acompanhar os estudos, enfrentando muitas dificuldades. Para apoiá-la nesse processo, contou com o acompanhamento da psicopedagoga e com aulas particulares até o final do ensino fundamental.

Engravidei aos 35 anos de idade, em um momento da minha vida **atravessado** por mudanças, medos e expectativas. Minha segunda filha,

também ouvinte, nasceu na véspera de Natal, no dia 24 de dezembro de 2019. Naquele período, Luísa cursava o ensino médio em uma escola particular, vivenciando seus próprios desafios escolares enquanto eu me preparava para acolher uma nova maternidade. Ao longo de toda a trajetória escolar, Luísa sempre estudou em escolas particulares, e acompanhei de perto cada etapa desse percurso, entre esforços, preocupações e aprendizados que também me transformaram como mãe.

Na época da pandemia de Covid-19, Mariana tinha apenas três meses de idade. Nós, como família, permanecemos em casa, e foi ali, entre paredes silenciosas e dias repetidos, que a Mariana foi crescendo durante pandemia.

Luísa, por sua vez, cursava o segundo ano do ensino médio de forma remota. Esse período de estudos representou uma grande dificuldade para ela, exigindo um esforço dobrado.

As aulas à distância desencadearam crises de ansiedade e intensificaram os problemas de sono, tornando aquele momento ainda mais desafiador.

Enquanto isso, Mariana continuava a crescer naquele contexto tão atípico. Quando ela completou um ano e meio de idade, tudo mudou. Foi um impacto profundo para nós, como família, marcando um antes e um depois em nossas vidas.

Fomos a uma neuropediatra em Porto Alegre para a avaliação da Mariana. Após o processo de investigação clínica, recebemos o diagnóstico: CID-11: 6A02.0 – Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Após o diagnóstico, senti a necessidade de buscar informações e ampliar meus conhecimentos sobre o autismo. Esse movimento não foi apenas racional, mas também emocional: eu precisava compreender melhor aquilo que atravessava nossa vida cotidiana. Nesse percurso, encontrei dois livros que me marcaram profundamente e que gostei muito de ler, pois, embora apresentem semelhanças, também trazem diferenças importantes em suas abordagens.

Apresento, a seguir, algumas semelhanças e diferenças entre essas duas obras.

Semelhanças:

Ambos os livros têm como foco central o autismo, abordando suas características e os impactos que ele provoca na vida das pessoas autistas e de suas famílias. As duas obras oferecem orientações práticas direcionadas a pais e cuidadores, com o objetivo de auxiliar no enfrentamento do diagnóstico e na construção de estratégias de apoio no dia a dia. Além disso, enfatizam a importância do apoio emocional e das redes de suporte, reconhecendo que o cuidado não se faz de forma isolada, mas coletiva e afetiva.

Diferenças:

No que se refere à abordagem, o livro *S.O.S. Autismo*, de Mayra Gaiato, apresenta uma perspectiva mais abrangente e técnica, trazendo informações detalhadas sobre diagnóstico, intervenções, tratamentos e estratégias específicas para diferentes faixas etárias e contextos. Já *Autismo: compreender e agir em família* tende a priorizar a vivência familiar, destacando as relações, os afetos e os desafios cotidianos enfrentados dentro do ambiente doméstico.

Assim, após a leitura desses dois livros, acabamos descobrindo que a Luísa também é autista. O diagnóstico veio quando ela tinha 18 anos de idade, assim como o da Mariana, ambas classificadas no nível 1 de suporte. Esse reconhecimento tardio trouxe novos sentidos às experiências já vividas e possibilitou um olhar mais compreensivo sobre suas trajetórias, suas singularidades e nossas formas de cuidado enquanto família.

Quando ouvi que a Luísa poderia ter TDAH e TEA ao mesmo tempo, a primeira reação foi de surpresa: como assim, isso é possível? A resposta veio com clareza – sim, é possível, e mais do que isso, é bastante comum. Trata-se de uma condição chamada comorbidade, quando duas condições do neurodesenvolvimento coexistem na mesma pessoa.

Essa sobreposição acontece porque tanto o TDAH quanto o TEA afetam o desenvolvimento neurológico e podem se manifestar por meio de sinais semelhantes, como dificuldades de atenção, desafios na interação social e na regulação do comportamento. Essa semelhança de sinais, muitas vezes, pode confundir o diagnóstico e tornar o processo de avaliação mais complexo.

Embora compartilhem algumas características, é importante destacar que TDAH e TEA não são a mesma coisa. São condições

distintas, cada uma com suas especificidades, mas que podem ocorrer juntas, influenciando de forma integrada a maneira como elas percebem, interagem e se desenvolvem no mundo.

Elas precisam de terapias? A resposta é SIM. As terapias são fundamentais e desempenham um papel essencial no desenvolvimento, no bem-estar emocional e na autonomia de ambas.

A Luísa realiza atualmente duas terapias: acompanhamento com psicóloga na abordagem cognitivo-comportamental, uma vez por semana, e terapia ocupacional, também uma vez por semana. Esses atendimentos têm contribuído significativamente para o autoconhecimento, a regulação emocional e o desenvolvimento de estratégias para lidar com os desafios do cotidiano.

Já a Mariana necessita de um acompanhamento terapêutico mais amplo e intensivo para favorecer seu desenvolvimento e alcançar avanços importantes em sua trajetória. Ela realiza diferentes terapias, entre elas: fonoaudiologia, psicologia clínica, psicologia na abordagem cognitivo-comportamental, psicopedagogia, terapia ocupacional, fisioterapia e terapia ABA com o modelo Denver. Esse conjunto de intervenções é pensado de forma integrada, respeitando suas necessidades específicas e potencializando suas habilidades.

Apresento, a seguir, as tabelas com os horários das terapias da Mariana em diferentes anos, evidenciando não apenas a organização da rotina terapêutica, mas também sua evolução ao longo do tempo.

Tabela 01: Essa rotina da Mariana foi de 2022 a 2024.

ROTINA DA MARIANA - 2022				
SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
08H - 10H LUDIKA	08H - 09H FONOAUDIÓLOGO	08H - 09H FISIOTERAPEUTA	08H - 09H PSICÓLOGA	08H - 09H TERAPIA OCUPACIONAL
10H - 11H FONOAUDIÓLOGO	09H - 11H LUDIKA	09H - 10H TERAPIA OCUPACIONAL	09H - 11H LUDIKA	10H - 12H LUDIKA
13:30H - 17H ESCOLINHA	13:30H - 17H ESCOLINHA	11H - 12H PSICOPEDAGOGA	13:30H - 17H ESCOLINHA	13:30H - 17H ESCOLINHA
	17H - 18H FONOAUDIÓLOGO	13:30H - 15:30H LUDIKA	17H - 18H PSICÓLOGA	

Tabela 02: Essa rotina da Mariana foi de 2025 até presente.

- ROTINA DA MARIANA -					
TURNO:	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
MANHÃ	LUDIKA: 08h – 11h	FONO: 08h – 08:50 PSIC: 09h – 09:50	FISIO: 08h – 08:50 T.O: 09h – 09:50 PSICOPED: 11h – 12h	PSIC: 08h – 08h:50 LUDIKA: 09h – 11h	LUDIKA: 08h – 11h
TARDE	ESCOLA: 13:30 – 17:45	ESCOLA: 13:30 – 17:45	ESCOLA: 13:30 – 17:45	ESCOLA: 13:30 – 17:45	ESCOLA: 13:30 – 17:45

Fonte: Autoria própria 2025.

Na verdade, no início do mês de agosto de 2021, Mariana iniciou sua primeira terapia: a terapia ocupacional. No mês seguinte, passou a frequentar a fonoaudiologia e, no mês posterior, ingressou na escolinha. Em seguida, deu início ao acompanhamento com a psicóloga na abordagem cognitivo-comportamental e, posteriormente, à terapia ABA, sempre respeitando essa ordem.

Nesse período, Mariana tinha entre um ano e meio e dois anos de idade. A rotina intensa, marcada por múltiplas terapias e compromissos, acabou interferindo na qualidade do seu sono. Era uma fase muito corrida de sua vida, exigente para uma criança tão pequena, o que tornava o cotidiano desafiador tanto para ela quanto para a família.

Mariana faz uso de medicação? A resposta é não. Já a Luísa voltou a utilizar medicação a partir de 2025, em razão de crises de ansiedade, dificuldades relacionadas ao sono e desafios na concentração nos estudos.

Atualmente, Mariana, aos seis anos de idade, apresenta um crescimento notável, tanto no aspecto cognitivo quanto no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e motoras. Sua capacidade de interagir com os colegas da escola é impressionante. É uma menina extremamente curiosa, atenta aos detalhes e cheia de iniciativa. Adora explorar diferentes atividades e brincadeiras, inventar histórias e criar seus próprios jogos.

Quanto à Luísa, admiro profundamente a força que ela demonstra. Ela vem evoluindo muito bem em seus estudos e segue construindo, com dedicação, o caminho para realizar a profissão que sonha. Vejo-a confiante, motivada e pronta para enfrentar novos desafios, mantendo-se aberta ao aprendizado contínuo e ao fortalecimento de suas habilidades ao longo de sua trajetória pessoal e profissional.

Neste momento, abro espaço para o depoimento da Luísa, que compartilha, em suas próprias palavras, um pouco de sua experiência.

Depoimento da filha mais velha, Luísa Marins da Costa:

Meu nome é Luísa Marins da Costa, tenho 22 anos e sou filha da Professora Cássia Lobato Marins. Neste capítulo, apresento um depoimento no qual relato a minha trajetória de vida, contemplando minhas experiências escolares, o processo de descoberta dos diagnósticos de TDAH e TEA, bem como o início da minha convivência com a comunidade surda. Essas vivências são narradas a partir do contexto familiar e afetivo construído ao lado da autora Cássia Lobato Marins, minha mãe, e se estendem até os dias atuais.

Nasci na cidade de Rio Grande, no dia 10 de agosto de 2003, data em que se comemora o Dia dos Pais. No entanto, durante a fase dos primeiros passos, enfrentei um período bastante difícil, marcado por intensas dores no quadril. Após a realização de diversos exames, constatou-se que eu apresentava uma luxação no quadril, o que resultou na necessidade de mais de uma intervenção cirúrgica em um hospital da cidade de Porto Alegre (RS), quando eu tinha 1 ano e 9 meses de idade.

Durante aproximadamente três meses – ou mais - utilizei gesso em ambas as pernas. Após a retirada dos gessos, já aos 2 anos de idade, iniciei sessões de fisioterapia, que se estenderam por um período significativo, contribuindo para a minha recuperação motora.

Com o passar dos anos, aos 5 anos de idade, comecei a praticar natação na Academia Barra Solo, na cidade de Rio Grande (RS), com o objetivo de fortalecer a musculatura e realizar exercícios de alongamento. Essa atividade tornou-se parte importante da minha infância, levando-me a participar de diversos torneios de natação e mergulho. Entre essas experiências, destaco a conquista de uma medalha de primeiro lugar na categoria entre 9 e 10 anos de idade.

Ao longo da minha trajetória escolar, ainda muito pequena, a primeira escola que frequentei foi a Escolinha Tia Gleci. Foi nesse espaço que iniciei, gradualmente, a construção de vínculos e relações com outras crianças e com as professoras, dando os primeiros passos no ambiente escolar.

No ano de 2009, aos 6 anos de idade, fui matriculada na Escola Hebe Marsiglia (HEMA), escola na qual cursei a Educação Infantil e o

Ensino Fundamental, permanecendo desde a educação infantil até o 9º ano. Durante o 2º ano do Ensino Fundamental, aos 8 anos de idade, tive meu primeiro contato com a língua inglesa, disciplina que, até os dias atuais, considero uma das minhas favoritas. Esse contato inicial contribuiu significativamente para o desenvolvimento da minha oralidade e da minha capacidade de compreensão de outros idiomas estrangeiros, como a língua espanhola.

Em minhas lembranças, desde o início da vida escolar até o 5º ano, sempre obtive notas elevadas, geralmente acima de 9,0, chegando a alcançar nota máxima em mais de uma disciplina nos boletins escolares. No entanto, ao ingressar no 6º ano do Ensino Fundamental, minha trajetória escolar passou por uma mudança significativa, marcando um novo e desafiador período da minha vida.

No ano de 2015, aos 12 anos de idade, afirmo com muita sinceridade que aquele foi o ano mais difícil da minha vida em termos de mudanças. Passei a apresentar grandes dificuldades, especialmente na disciplina de Matemática, tanto na interpretação quanto na resolução de problemas matemáticos, bem como na compreensão de textos longos.

Diante desse cenário, minha família passou a suspeitar da possibilidade de eu apresentar dificuldades relacionadas ao foco e à atenção, tanto nas atividades escolares quanto em outros aspectos do cotidiano. Em busca de compreensão sobre o que estava acontecendo, iniciei acompanhamento com diferentes psicólogas ao longo dos anos, em um processo marcado por trocas de profissionais, na tentativa de identificar as causas dessas dificuldades e compreender melhor a minha situação.

Nesse contexto, foi indicada a consulta com uma psiquiatra, com quem pude relatar minha trajetória escolar e os primeiros indícios relacionados à atenção e à concentração. Após a realização de diversos testes de atenção e a identificação de sintomas compatíveis com dificuldades atencionais, oficializou-se o meu primeiro diagnóstico: Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

A descoberta desse diagnóstico foi inesperada e causou um grande impacto emocional. Fiquei em estado de choque, pois não imaginava que algo assim pudesse fazer parte da minha história, tampouco compreendia, naquele momento, como essa condição poderia transformar a minha vida. O processo de aceitação foi difícil e exigiu tempo e amadurecimento.

A partir do diagnóstico, iniciei o uso de medicação específica para o TDAH, à época prescrita em comprimidos, e, simultaneamente, passei a

frequentar aulas particulares de Matemática, como forma de apoio ao meu processo de aprendizagem.

Em síntese, passei a ter aulas particulares desde aquele momento até a conclusão de toda a minha trajetória escolar. Após o 6º ano, em razão do agravamento das dificuldades de interpretação de texto, a carga horária dessas aulas aumentou consideravelmente, abrangendo praticamente todas as disciplinas: Geografia, História, Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e Produção Textual.

Não se tratava de encontros esporádicos ao longo da semana, tampouco de uma disciplina por dia. Pelo contrário, a rotina era intensa e exaustiva. Tanto naquele período quanto durante pandemia, havia dias em que eu tinha aulas particulares de mais de uma disciplina, com duração superior a duas horas cada. Em muitos casos, quando não era possível concluir os conteúdos ou atividades, os encontros se estendiam também aos finais de semana, inclusive aos sábados.

Durante grande parte do Ensino Fundamental, fiz uso contínuo de medicação à base de metilfenidato (Ritalina), tanto para acompanhar as aulas particulares quanto para frequentar a escola, realizar atividades, apresentar trabalhos e até mesmo para a prática da natação. A medicação esteve presente em praticamente toda a minha trajetória escolar nesse período.

Entretanto, houve um momento em que precisei interromper completamente o uso da Ritalina, em decorrência do surgimento de problemas de saúde, como episódios de hipertensão arterial associados ao estresse, além do agravamento de um quadro de dermatite seborreica.

Anos depois, após a troca de escola para concluir o Ensino Médio no Colégio Marista São Francisco, sendo sincera, minha trajetória passou a ser marcada por um declínio significativo. No ano de 2020, em meio à pandemia, passei a estudar em casa, conciliando as aulas regulares da escola com aulas particulares no formato EAD (Ensino à Distância), o que intensificou o estresse e desencadeou crises frequentes de ansiedade.

Além disso, durante o período do Ensino Médio, recordo-me de que, no dia da visitação à escola, realizada juntamente com a minha família, foram apresentadas diversas atividades extracurriculares que poderiam ser desenvolvidas ao longo dos anos, como dança, música, teatro, esportes em geral, xadrez, entre outras. No entanto, havia um fator que inviabilizava minha participação: essas atividades ocorriam exclusivamente às terças e quintas-feiras, no turno da tarde, exatamente nos mesmos horários das aulas

do Ensino Médio. Ressalta-se, ainda, que tais atividades eram ofertadas apenas para alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

Essa limitação contribuiu para que eu me sentisse cada vez mais desanimada, especialmente ao perceber que não poderia dar continuidade a práticas culturais e artísticas que haviam marcado profundamente a minha infância e que eu desejava manter ao longo da vida. A intensa carga horária das aulas, embora apresentasse aspectos positivos, também passou a me prejudicar, motivo pelo qual explicarei com mais detalhes no próximo parágrafo.

Durante a minha infância – e até os dias de hoje –, desde aproximadamente os 3 anos de idade, desenvolvi um profundo amor pela cultura especialmente pelo teatro, pela dança e pela música. À medida que eu crescia, essa paixão se intensificava, assim como o desejo de praticar essas atividades e levá-las adiante no futuro.

Paralelamente a isso, eu também praticava natação, conforme mencionado no início deste capítulo. No entanto, aos 13 anos de idade, infelizmente optei por interromper essa atividade, em razão da minha rotina extremamente crítica, marcada pelo uso contínuo de medicação e por uma sequência exaustiva de aulas particulares. Essas aulas estavam diretamente relacionadas ao diagnóstico de TDAH e envolviam a realização das tarefas escolares, atividades dos livros didáticos, revisões constantes dos mesmos conteúdos de diferentes disciplinas e, muitas vezes, a cópia de extensos textos – especialmente de História – para posterior explicação. Não se tratava de encontros breves: eram horas intensas de estudo, que frequentemente se organizavam em blocos de duas ou três horas consecutivas, seguidas por mais aulas de outras disciplinas.

No ano de 2014, fui matriculada em um curso de Língua Inglesa denominado ZK Idiomas – atualmente conhecido como KNN Idiomas –, experiência que contribuiu ainda mais para o fortalecimento da minha paixão e atenção pela língua estrangeira, mantidas até os dias de hoje. Entretanto, em 2018, a poucos meses de concluir quatro anos de curso e obter o certificado, optei por interromper definitivamente as aulas. Essa decisão foi motivada, mais uma vez, pela sobrecarga da rotina escolar e pelo excesso de aulas particulares, que abrangiam praticamente todas as disciplinas, com exceção das línguas estrangeiras.

Em 2017, aos 14 anos de idade, fui diagnosticada com escoliose na coluna vertebral. Em decorrência disso, iniciei a prática de pilates, com aulas de uma hora, duas vezes por semana – coincidentemente, nos mesmos dias

em que frequentava o curso de inglês -, como forma de auxiliar na correção postural. Contudo, devido à intensa carga horaria de compromissos e à rotina acelerada, acabei interrompendo essa atividade durante o período da pandemia, em 2020, especialmente em razão do formato on-line e do acúmulo de obrigações.

Já no ano de 2021, dois anos após o nascimento da minha irmã mais nova, Mariana Marins Barbosa, foi confirmado o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), no nível de suporte 1. Posteriormente, a partir de conversas e de uma consulta com uma psiquiatra, descobri que também possuo o mesmo diagnóstico, aos 18 anos de idade. No início, essa revelação foi surpreendente e, de certa forma, desanimadora, exigindo um novo processo de compreensão e ressignificação da minha própria trajetória.

Diante de todos esses acontecimentos, naquele período, eu me sentia uma adolescente completamente “atrasada” em diversos aspectos de vida, como, por exemplo, os relacionamentos amorosos, as saídas frequentes com amigos, a participação em festas alinhadas aos meus gostos musicais – especialmente pop e rock internacionais – e a vivência de uma vida social mais ativa. Observava jovens da minha idade saírem, aproveitarem a vida social, viajarem juntos em excursões, como visitas a parques aquáticos, experimentarem situações que, para mim, pareciam distantes e quase inalcançáveis.

Essa comparação constante despertava sentimentos de tristeza e frustração. Em determinados momentos, passei a apresentar crises de ansiedade, intensificadas, inclusive, pela convivência prolongada em uma amizade tóxica que se estendeu por cerca de três anos. Posso afirmar que esse período foi marcado por elevado desgaste emocional, tornando-se um dos momentos mais estressantes e difíceis da minha vida.

No ano de 2022, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no curso de Pedagogia. Atualmente, em 2026, encontro-me em fase de conclusão da minha formação acadêmica. Nesse período, posso afirmar com convicção que minha vida passou por uma transformação significativa, especialmente no que diz respeito à convivência social e ao desenvolvimento pessoal.

A experiência universitária possibilitou-me o contato com diferentes pessoas, a construção de novas amizades e, sobretudo, o aprendizado gradual de como me tornar uma mulher mais independente, tanto nos estudos quanto na condução da minha própria vida. Esse processo

contribuiu de forma decisiva para o fortalecimento da minha autoestima e da minha autonomia. No que se refere aos planos futuros, almejo atuar na área de atendimentos terapêuticos, como, por exemplo, na Terapia Ocupacional, com o objetivo de aprender, construir e trocar vínculos com crianças que apresentam não apenas os mesmos transtornos que eu, mas também diferentes condições e deficiências existentes na sociedade, como deficiência visual, deficiência auditiva, surdez, paralisia cerebral e síndrome de Down, entre outras.

Essa escolha profissional foi fortemente influenciada pelo contexto familiar em que cresci, especialmente pela convivência com minha mãe, a professora Cássia Lobato Marins, cuja trajetória profissional e pessoal sempre foi uma referência e fonte de inspiração em minha vida.

Durante o início da minha infância, desde muito pequena, a descoberta de que minha mãe era surda representou, para mim, uma experiência totalmente diferente e, naquele momento, difícil de compreender. Eu ainda não entendia a forma de comunicação que ela utilizava e, por diversas vezes, cheguei a acreditar que estava sendo ignorada por ela. Lembro-me, inclusive, de ficar brava quando gritava para chamá-la e não obtinha resposta – situação que hoje recordo com leveza e humor.

Com o tempo, minha mãe passou a me ensinar, de maneira básica, a Língua de Sinais. Aos poucos, por meio desses ensinamentos, meus pensamentos foram se transformando positivamente, permitindo-me enxergar a realidade sob um novo olhar. Compreendi que, mais do que a audição, o que realmente importava era o acolhimento, o vínculo e a construção de uma comunicação afetiva entre mãe e filha.

Ao longo dos anos, por intermédio dela, tive a oportunidade de conhecer a comunidade surda. Participávamos de viagens para Porto Alegre, especialmente quando ocorriam eventos na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), além de momentos de convivência na praia de Capão da Canoa, durante na Colônia de Férias dos Surdos organizadas para pessoas surdas. Essas experiências ampliaram minha percepção sobre o mundo e me permitiram compreender que existem inúmeras pessoas surdas – adultas e crianças – com as quais construí amizades significativas, que levo comigo até hoje e que fazem parte da minha história.

Concluindo o meu depoimento enquanto filha bilíngue e CODA (Child of Deaf Adults - filha ouvinte de pais surdos), deixo aos leitores uma mensagem inspirada na obra *O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade*, na qual se afirma:

O surdo não é mudo, não é deficiente, não é alienado mental e também não é uma cópia mal-feita do ouvinte. Ele é surdo, humano, autor e ator de inúmeros personagens... (Maria Cecília de Moura).

Essa reflexão sintetiza, de forma sensível e potente, a compreensão que construí ao longo da minha trajetória de vida, marcada pelo convívio com a comunidade surda, pelo respeito às diferenças e pela valorização da diversidade humana.

A partir dessa citação, a autora Maria Cecília de Moura evidencia que as pessoas surdas são seres humanos como quaisquer outros, detentoras dos mesmos direitos e protagonistas de suas próprias histórias de vida.

Com base nessa experiência familiar, eu, Luísa Marins da Costa, dirijo-me a vocês, leitores – ouvintes e surdos, de todas as idades –, para deixar uma mensagem de incentivo: nunca desistam de seus sonhos, independentemente de possuírem ou não alguma deficiência. Uma deficiência jamais definirá o tipo de pessoa que alguém é na sociedade, tampouco seus valores, como caráter, respeito, empatia e solidariedade.

Todas as pessoas enfrentam batalhas ao longo da vida, e minha mãe é um grande exemplo disso. Sua trajetória, marcada por desafios, superações e conquistas profissionais, inspira não apenas a mim, mas também todos aqueles que têm a oportunidade de conhecer e refletir sobre sua história de vida.

Eu, como filha, afirmo que minha mãe é uma mulher surda que serve de inspiração para milhares de pessoas, inclusive para outras pessoas surdas. Uma mãe guerreira, de enorme força nas lutas diárias e detentora de um grande coração.

Agora, como escritora deste livro, afirmo a vocês que são capazes de alcançar qualquer objetivo na vida. Acreditem sempre em sua própria capacidade, em sua voz e em sua trajetória. A vida pode apresentar inúmeras barreiras, mas nunca é tarde para conquistar seus sonhos e transformar desafios em possibilidades.

Finalizo este depoimento expressando o imenso orgulho que sinto por ser quem sou e, principalmente, por ser sua filha, mãe Cássia. Te amo eternamente!

Reflexões de encerramento...

Ao longo deste relato, busquei dar visibilidade às experiências que atravessam a maternidade atípica, vivida por mim enquanto mãe surda,

e às trajetórias singulares das minhas filhas, Luísa e Mariana. Cada etapa desse caminho foi marcada por descobertas, desafios, aprendizados e constantes ressignificações, tanto no âmbito familiar quanto educacional e terapêutico.

A convivência com o TDAH e o TEA revelou que o desenvolvimento não segue uma linha única ou padronizada. Pelo contrário, constrói-se a partir das potencialidades, do tempo e das necessidades de cada criança. As intervenções terapêuticas, quando pensadas de forma integrada e respeitosa, mostraram-se fundamentais para favorecer avanços significativos, especialmente no que diz respeito à autonomia, à comunicação, às habilidades sociais e emocionais.

Hoje, ao observar o crescimento da Mariana e a maturidade da Luísa, reafirmo a importância do acolhimento, da escuta sensível e do olhar atento às singularidades. Este relato não se encerra como um ponto final, mas como um convite à reflexão sobre inclusão, empatia e respeito às diferenças, reconhecendo que cada trajetória é única e merece ser compreendida em sua complexidade e riqueza.

Referências

GAIATO, Mayra – **S.O.S autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista** / Mayra Gaiato. – São Paulo: nVersos, 2018.

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade**. Editora: Revinter. Ano: 2000.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A. **Autismo: compreender e agir em família**. Lidel – Edições Técnicas, Lda. Lisboa, Pt. Ano 2021.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MÃE NA DESCOBERTA DA SURDEZ DO FILHO E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO COMUNICATIVO E EMOCIONAL DA FAMÍLIA

José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho¹
Thainá Trindade Lisboa²

Introdução

A surdez, quando presente em uma criança, não afeta apenas a condição sensorial dessa criança, mas todo o contexto relacional e familiar em que ela está inserida. A adaptação à surdez envolve decisões sobre modos de comunicação, escolarização, apoio emocional e reorganização da dinâmica familiar. Nesse sentido, a família assume papel central como primeiro núcleo socializador, influenciando diretamente o desenvolvimento linguístico, cognitivo e psíquico da criança (Brito; Dessen, 1999).

Para crianças surdas provenientes de famílias ouvintes, essa adaptação pode ser especialmente desafiadora, já que a língua de sinais quando utilizada muitas vezes chega tardiamente (Oliveira; Córdula, 2017). A imposição de modelos de oralização e a ausência inicial de Libras no ambiente familiar podem gerar lacunas comunicativas, atraso no desenvolvimento da linguagem, isolamento e dificuldades de socialização. (Oliveira; Córdula, 2017)

Contudo, há evidências de que o envolvimento da família especialmente dos pais e o aprendizado da língua de sinais por familiares são determinantes para o desenvolvimento da linguagem, da autoestima, da identidade e da inclusão social da criança surda (Silva, 2021).

-
- 1 Doutor em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: sinesio.filho@ufra.edu.br
 - 2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: thaina.lisboa@discente.ufra.edu.br

Diante deste panorama, o presente trabalho tem como objetivo compreender, por meio de um relato de experiência, a trajetória de uma mãe na descoberta da surdez de seu filho e as transformações emocionais, comunicativas e sociais vivenciadas pela família, refletindo sobre os desafios, conquistas e sobre o papel da mãe como mediadora.

A família como núcleo socializador e ambiente de comunicação

A família constitui o primeiro contexto de socialização da criança e assume papel fundamental na constituição de sua identidade e inserção social. Para crianças com deficiência, esse papel se torna ainda mais determinante (Brito; Dessen, 1999). Assim, segundo Silva (2021, p. 52) “[...] o nascimento de uma criança estabelece uma transição das identidades individuais de um homem e uma mulher para uma unidade familiar” configurando mudanças essenciais para a convivência familiar, tornando o ambiente mais seguro e acolhedor para a criança nos primeiros meses de vida.

Ainda de acordo com Silva (2021, p. 52), os pais estão preparados para receber uma criança típica, então...

Obviamente que a primeira preocupação dos pais com o nascimento dos filhos e que estes nasçam saudáveis e normais, ou seja, sem qualquer tipo de deficiência. Esse é o comportamento normal de uma sociedade que sempre enalteceu o nascimento e mesmo a adoção de filhos normais, livres de qualquer deficiência.

No caso da surdez, a aquisição de uma língua acessível preferencialmente visuo-motora é essencial para o desenvolvimento comunicativo, emocional e cognitivo da criança surda. A falta de comunicação eficaz no ambiente familiar pode levar ao isolamento, dificuldades de expressão e prejuízos no desenvolvimento social e escolar (Oliveira; Córdula, 2017). Neste sentido quando a família desenvolve uma comunicação emergente com a criança, criando canais comunicativos e posteriormente aprende uma língua de sinais, sem dúvidas a criança desenvolverá mais facilmente.

A importância da língua de sinais e do bilinguismo

Estudos têm indicado que a adoção da língua de sinais desde cedo, em conjunto com ou mesmo antes de estratégias de oralização, favorece o

desenvolvimento linguístico, o letramento e a participação social da pessoa surda em igualdade de oportunidades (Oliveira; Santos 2024). Deste modo, Oliveira; Santos (2024, p. 98) afirmam que:

Uma educação bilíngue baseia-se na aceitação da LIBRAS como língua materna do surdo, e os estudos apontam para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a Língua de Sinais como natural e única, capaz de desenvolver plenamente os aspectos biopsicossociais do indivíduo com surdez (Oliveira; Santos, 2024, p. 98).

Além disso, o engajamento familiar no aprendizado da língua de sinais é apontado como fator chave no sucesso desse desenvolvimento. Quanto maior o interesse da família em aprender Libras e em promover condições para a comunicação, maiores as chances de a criança se desenvolver plenamente, academicamente e socialmente (Oliveira; Santos 2024).

Ainda que algumas famílias de pessoas surdas se esforcem para aprender a língua de sinais, este aprendizado demanda tempo e motivação. No caso do presente estudo, no período de ensino do Prof. Sinésio Filho, a língua de sinais ainda não era regulamentada, embora sua mãe afirme ter tentado aprender a língua, esta não conseguiu, mantendo a comunicação oral como meio de comunicação familiar.

As implicações emocionais e psíquicas da descoberta da surdez

A notícia da surdez frequentemente gera choque, insegurança, medo pelas incertezas do futuro e dor diante da frustração de expectativas projetadas na criança. A família precisa se reorganizar emocional e socialmente para dar suporte adequado, o que demanda resiliência, empatia e reavaliação de valores. “Falei para o meu marido quando chegou, aí ele disse não, nós vamos observar isso, mas eu acho que isso é porque ele ainda é muito novo. A gente sempre tenta se iludir, mas ele ficou atento” (Gonçalves, 2025, s/p).

A participação ativa dos pais (ou responsável) nos programas de intervenção precoce (quando disponíveis) está associada a melhores resultados de linguagem e inclusão. Pois de acordo com Oliveira e Córdula (2017):

[...] é no espaço familiar que os valores e as crenças são transmitidos de geração em geração, de modo que o empreendimento conjunto entre a criança e o adulto é determinante. Diante dessas considerações, é importante destacar que o modo como a criança é tratada no contexto familiar terá grande influência sobre a Imagem que terá de si mesma (Oliveira; Córdula, 2017, p. 2).

O presente trabalho constitui-se como um relato de experiência. A abordagem é qualitativa, pois para Flik (2009, p. 20) “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”, com caráter exploratório e explicativo, buscando compreender em profundidade as vivências, sentimentos e percepções da participante (Esmeralda Gonçalves).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, gravada em áudio via celular (com autorização da participante) e posteriormente transcrita. O roteiro continha perguntas abertas, permitindo que a entrevistada compartilhasse livremente suas memórias, emoções, reflexões e percepções sobre o processo de descoberta da surdez, o aprendizado comunicativo, os desafios, as conquistas, e o impacto na dinâmica familiar.

A análise dos dados foi feita de forma interpretativa, com leitura atenta das transcrições e identificação de categorias temáticas (ex.: choque e aceitação; busca por escolarização; estratégias comunicativas; desafios familiares; conquistas; papel materno), articulando-as com o referencial teórico. Foi assegurado a participante, que o uso das informações seria restrito a fins acadêmicos, conforme os princípios éticos de pesquisa com seres humanos.

Relato da experiência

A descoberta da surdez e o impacto emocional

A entrevistada relata que, nos primeiros meses de vida do filho, por ser seu primeiro filho, não percebeu nada de incomum além da ausência da fala que ela atribuía ao fato de a criança “ter tudo” e “não precisar falar para pedir”: bastava um olhar, um gesto, e ela entendia. A distância da família de origem e a ausência de histórico familiar de surdez fizeram com que a possibilidade de perda auditiva sequer fosse considerada. Gonçalves (2025) relata que...

José foi uma criança muito esperada, né? Ele nasceu em Belém do Pará. Com três meses de idade nós fomos para Monte Alegre – Santarém/PA. Morar em Monte Alegre, então se hoje ainda é uma cidade pequena. Imagina naquela época há mais de 50 anos atrás, né? aí eu lhe dava com ele direto era o primeiro filho. Aquela criança saudável, bonita, tudo que ele queria eu estava ali para dar ou fazer a ele, eu o achava um menino muito inteligente, mas eu não atentava para o fato dele não falar. Eu achava que ele não falava porque ele tinha tudo em mãos, tudo nas mãos a hora que queria, não precisava falar para eu saber que ele queria (Gonçalves, 2025, s/p.).

Foi apenas por meio de uma amiga, já falecida, que surgiu a primeira suspeita. A amiga, preocupada, realizou um “teste caseiro”: aproximou um rádio do ouvido da criança, alertando que ele não reagiu ao som. Ao compartilhar sua impressão com a mãe, fez com que ela observasse pequenos indícios: o filho só reagia quando via quem chegava, não corria ao encontro do pai quando este chegava em casa, apenas reagia visualmente. Ao relatar o caso ao marido, ambos decidiram observar. A mãe, no entanto, por passar mais tempo com o filho, foi que realizou as maiores observações, pois o pai trabalhava fora.

Meses depois, levaram o filho a um médico em Belém, que confirmou: “o garoto é surdo”. A notícia foi um choque, Gonçalves (2025) relata “eu era jovem e não tinha nem noção naquele momento”. O médico sugeriu buscar uma segunda opinião no Rio de Janeiro.

Daí a um mês mais ou menos, ele falou nós vamos à Belém, vamos procurar um médico, para fazer os exames todinho, aí ele foi atendido. E fez o exame e o médico disse assim, é triste o que eu vou dizer para você, mas o Garotinho. Ele é surdo. Aquilo foi um choque porque a gente não esperava, eu era jovem e não tinha nem tanto noção naquele momento na verdade. A gente sabe que jeito são coisas de fora. Aí, ele disse eu sugiro que vocês o levem para o Rio de Janeiro que lá tem um médico, não tô lembrada mais o nome do médico. Para fazer a consulta, o diagnóstico é melhor Gonçalves (2025, s/p.).

A mãe relata que por indicação do médico no estado do Rio de Janeiro buscou por escolas para matricular o filho, pois este afirmou que “o remédio dele é escola, não há outro remédio”. Assim a mãe assombrou-se com a falta de possibilidades, pois não conhecia muito a cidade.

Aí eu pedi que o médico me orientasse com o nome de uma escola que eu estava no Rio de Janeiro, não conhecia nada lá. Então ele me sugeriu a escola Nossa Senhora de Lourdes, que era a melhor, que era uma escola de freiras. No dia seguinte fui procurar a escola, pois eu estava só com meu filho lá, porque meu marido tinha voltado para

Monte Alegre, pois era diretor do hospital e não podia se afastar muito. Mas meu marido ficou muito abalado, em uma condição ruim. Mas eu precisei enfrentar lá porque ele tinha que trabalhar, para nos manter e eu precisava ficar e procurar as melhores providências (Gonçalves, 2025, s/p).

A busca por escolarização e os primeiros anos

Já no Rio de Janeiro, matriculou o filho na escola Nossa Senhora de Lourdes (escola de freiras), o que a ajudava bastante era o transporte fornecido pela escola. O filho participava das aulas pela manhã, retornando no fim da tarde. A mãe comenta que ele era muito querido pelas freiras e tinha amizade com outras crianças.

Ao frequentar o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) embora ainda não se chamasse “Libras” sentiu forte impacto: na escola viu centenas de alunos surdos, pela primeira vez crianças e jovens que, como seu filho, não falavam da maneira “comum”. Até então, ela não conhecia outro surdo além dele. Esse contato lhe abriu os olhos para a existência de uma comunidade surda, um universo cultural distinto, com língua, práticas e identidade próprias.

Aonde tem o INES aí, eu também fui lá no INES, mas quando eu saí daqui ele nunca tinha ido para escola, lá foi a primeira lá, né? Aí eu fui ver lá no INES quando eu cheguei lá era só Libras, que ainda nem chamava Libras, né? Só aí eu me chamou muita atenção. Quando eu saí daqui eu tinha um filho surdo. Não conhecia outros, quando eu cheguei no INES me deparei com muitos, mais de mil alunos, vi muitos alunos, a escola totalmente de surdos (Gonçalves, 2025, s/p.).

Sem conhecimento de língua de sinais no início, a comunicação na escola era voltada à oralização. A mãe relata que não havia Libras tampouco sabia que existia uma possibilidade de comunicação alternativa. Aceitou a orientação da escola, acreditando no método oralista. Com o tempo, percebeu que aquela não era a única possibilidade.

Aí eu fiquei aqui em Belém de férias, não adiantava ficar no Rio e na viagem para Belém eu encontrei um senador. Que me perguntou o que eu estava fazendo ali, eu respondi que estava com meu filho, contei a história, e falei que estava precisando fazer um curso no INES. Mas lá só aceita professores que estão em atividade e eu deixei de lecionar, então ele falou: não tem problema, segunda-feira passa na Secretaria de Educação que a senhora pega a sua carta de apresentação (Gonçalves, 2025, s/p).

Assim, a mãe iniciou uma busca por comunicação com o filho, em busca de mais conhecimento sobre aquele novo modo de comunicação, que se fazia por meio espaço-visual, embora a mesma afirme que se sente incapaz de aprender a língua de sinais por conta de sua coordenação motora, o que por muitas vezes a fez sentir-se frustrada. Apesar de não ter aprendido a Libras a genitora buscou conhecer mais a cultura e os aspectos da comunicação dos surdos.

Envolvimento da mãe no processo de comunicação e educação

Percebendo as limitações da oralização e buscamos por formação no Ines a mãe encontrou entendimento sobre as questões comportamentais e sociais de seu filho, havia deixado o emprego (era coordenadora de novas metodologias) e buscou matricular-se em curso intensivo de Libras no INES. Durante um ano dedicou-se a aprender a língua, com o objetivo claro de se comunicar com o filho e acompanhá-lo de forma efetiva.

Aí eu fiz o curso intensivo de um ano, muitas matérias. Durante as aulas de uma psicóloga era como se eu estivesse vendo ele brincando na sala, da forma como ela relatava. Terminei o curso de um ano. Aí vim para Belém com ele, porque um dia eu fui em uma reunião lá na escola Nossa Senhora de Lourdes da Gávea. Aí disseram assim para mim. A dona Esmeralda tem uma notícia boa para senhora. Ah, que bom! (Gonçalves, 2025, s/p.)

Retornaram então a Belém, onde o pequeno Sinésio começou a frequentar a escola especializada para surdos, administrada pelas irmãs salesianas, que haviam se instalado a pouco tempo em Belém. A mãe, conta que mesmo grávida de seu segundo filho, acompanhava de perto o aprendizado do filho surdo, supervisionava as tarefas de casa, realizava as atividades, produzia atividades artesanais com recortes, colagens que pudessem reforçar a comunicação visual. A oralização continuava, pois na época o método oralista era o único método de ensino-aprendizagem.

Além disso, apoiou o filho na busca por escolarização, afirmando que ele sempre estudou em escola comum com os irmãos, e posteriormente já adulto fez cursos de libras e estudos de surdo paralelamente. Conta ainda que o filho sempre foi muito esforçado e noite, enquanto todos dormiam pedia a mãe que o ensinasse, esta dedicava-se a ajudá-lo com os estudos. Com estímulo constante, incentivo e persistência, o filho demonstrou

aptidão ao longo dos anos tornou-se bilíngue (Libras/português), concluiu curso técnico e superior e construiu trajetória de sucesso profissional.

O relato evidencia múltiplos desafios: a falta de informação sobre surdez e Libras, preconceitos em relação à oralização e à exclusão de língua de sinais, dificuldades de deslocamento, sacrifício pessoal, desconforto diante de escolhas educacionais, medo do desconhecido, sobrecarga emocional, e o desgaste físico e psíquico de conciliar todas essas demandas, estudos e cuidados com os filhos.

Por outro lado, as conquistas são significativas, aprendizado de Libras pelo filho, o desenvolvimento bilíngue, autoestima, autonomia, sucesso acadêmico e profissional, convivência social digna, fortalecimento dos vínculos familiares, e transformação da visão da família sobre surdez, de “deficiência” para “diferença”, de “limitação” para “potencialidades”.

A mãe se teve papel fundamental no desenvolvimento da criança dando continuidade ao processo iniciado na escola. Ao fazer essa mediação, ela não apenas garantiu a inclusão do filho, mas também contribuiu para sua identidade, dignidade e realização pessoal.

O papel central da família e da mãe

O relato confirma o que estudos apontam: a família, especialmente a mãe, em contextos tradicionais é agente primordial para a inclusão e desenvolvimento da criança surda. Para Silva (2021), a decisão de investir na comunicação com o filho revela compromisso com seu bem-estar, autonomia e identidade surda.

As mães, por estarem mais próximas de seus filhos tem um papel ativo na promoção do seu bem-estar e do aprendizado, bem como na inclusão e desenvolvimento pleno. Tudo isso pode ser facilitado através do aprendizado da Libras, já que a aquisição da língua tem uma grande influência do meio no qual a criança está inserida (Silva, 2021, p. 58).

A literatura enfatiza que o envolvimento dos pais na educação e comunicação dos filhos surdos é um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento de linguagem, leitura, escrita, socialização e saúde emocional. No caso aqui relatado, esse envolvimento permitiu que o filho alcançasse bons resultados no processo educacional, superando barreiras iniciais e rompendo com perspectivas limitantes.

Como reportado na fundamentação teórica, o acesso precoce à Libras favorece o letramento, o sentido de pertencimento e a construção

de identidade. (Oliveira; Santos, 2024) A família que aprende Libras não apenas facilita a comunicação imediata, mas contribui para a inclusão social e escolar da criança, oferecendo a ela condições de expressão plena emocional, cognitiva e social.

No relato, embora inicialmente o ensino tenha sido oralista (sob orientação da escola) até mesmo por não existir ainda uma legislação que amparasse o uso da língua de sinais, a mãe percebeu as limitações desse método e optou por também em casa trabalhar com o filho o ensinando. Essa postura é coerente com as perspectivas existente a 50 (cinquenta) anos, favoráveis ao oralismo sem a utilização de sinais como estratégia mais inclusiva e integradora.

A descoberta da surdez desencadeou medos, incertezas, etc.. Mas, com apoio da mãe, da escola, dos irmãos e do contexto educativo, transformou-se em projeto de vida. A resiliência, a persistência, o amor, o compromisso foram determinantes.

Ele precisou estudar em Porto Alegre, ele chegou me pedindo que queria ir fazer um curso em Caxias do Sul, onde ele desenvolveu mais a Libras, mas nós nunca dissemos. Não faça isso. Quer fazer? faça! Quando ele era pequeno, a gente fazia o que as irmãs orientavam porque elas sabiam as metodologias próprias da educação da época o que e ajudou, hoje ele é bilíngue (Gonçalves, 2025).

O relato revela que, para além da condição de surdez, o que se configurou foi uma trajetória de empoderamento, de reestruturação de expectativas, de valorização da diferença e da dignidade. A inclusão deixou de ser uma concessão para tornar-se um direito. A mãe não apenas cuidou, ela intercedeu, lutou, mediou, aprendeu, ensinou.

Trata-se de um relato de experiência, com base em um único caso, marcado por contextos históricos, sociais e pessoais específicos, mudança de cidade, deslocamentos, sacrifícios, escolhas difíceis. Não se pretende que esta narrativa represente todas as famílias de crianças surdas. Entretanto, ela ilumina vivências que muitas famílias compartilham preconceito, desinformação, luta por inclusão e demonstra caminhos de esperança e superação.

Além disso, o relato pode servir como fonte de sensibilização, reflexão, e apoio para profissionais da saúde, educação, políticas públicas, para repensar práticas de diagnóstico, intervenção, aprendizagem e inclusão.

Considerações finais

A trajetória relatada revela a importância central da família particularmente da mãe na descoberta da surdez, na adaptação emocional, no aprendizado comunicativo e na inclusão social da criança surda. O envolvimento, o empenho, a dedicação e a persistência foram fundamentais para transformar uma condição desfavorável em oportunidade de desenvolvimento e realização.

O relato confirma conclusões da literatura: a aquisição precoce da língua de sinais, o apoio familiar, a escolarização adequada e o bilinguismo contribuem decisivamente para o desenvolvimento pleno da criança surda linguisticamente, cognitivamente, socialmente, emocionalmente. (Oliveira; Santos, 2024)

Em termos práticos, a experiência sugere que políticas públicas, profissionais da saúde e da educação devem valorizar e incentivar o papel da família desde o diagnóstico da surdez: oferecendo orientação, acesso à Libras, apoio emocional, recursos educacionais, e sensibilização para a importância do envolvimento familiar.

Para mães (e pais) que recebem o diagnóstico da surdez de seus filhos, a mensagem que emerge deste relato é clara: “pegar na mão do filho e seguir em frente.” A inclusão, a comunicação e o desenvolvimento não dependem apenas da condição biológica da criança, mas do compromisso, do amor, da persistência e das escolhas da família.

Finalmente, espera-se que este relato contribua para dar voz à experiência vivida por famílias de crianças surdas, sensibilizando pesquisadores, profissionais e a sociedade para a urgência de garantir direitos de comunicação, dignidade, inclusão e cidadania plena.

Referências

- BRITO, Angela Maria Waked de; DESSEN, Maria Auxiliadora. Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 12, n. 2, p. 429–445, 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/ann5j5XcSHK4ZmbfGGBfgVcM/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 22 de novembro de 2025.
- FERREIRA, Jackeline Mendonça de Lira; GONÇALVES, Joani de Melo; MARQUES, Sérgio Pessoa de Lima. Famílias ouvintes e filhos surdos: o

papel da Libras na comunicação. **Revista: Distúrbios da Comunicação**, v. 36, n.1. 2024. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/63257/45165>> Acesso em: 22 de novembro de 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 3ª ed., 2009.

GONÇALVES, Esmeralda, entrevista gravada em áudio e transcrita para o português escrito. 2025.

OLIVEIRA, Liliane Assumpção de; SANTO, Wladia Felix Espírito. Estudantes surdos provenientes de famílias ouvintes em escola bilíngue. **Cadernos Acadêmicos Unina**, v. 4 n. 1, 2024. Disponível em: <<https://revista.unina.edu.br/index.php/cau/article/view/172/156>> Acesso em: 22 de novembro de 2025.

OLIVEIRA, Luciane de; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. A comunicação entre crianças surdas filhas de pais ouvintes. **Revista: Educação Pública**. s/v. s/n. 2017. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/3/a-comunicacao-entre-criancas-surdas-filhas-de-pais-ouvintes>> Acesso em: 22 de novembro de 2025.

SANTOS, D. F., BARRIOS, M. E. M.. **A importância do aprendizado da língua de sinais entre familiares de pessoas surdas**. Humanidades & Tecnologia, 2022. Disponível em: <https://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/5517/3135> Acesso em: 22 de novembro de 2025.

SILVA, Pedro Henrique de Macedo. **A família como fator de apoio à aquisição da libras por crianças surdas**. Dissertação de mestrado: Programa de Pós-graduação em estudos linguísticos: UFU, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35262/1/Fam%c3%adliaFatorApoio.pdf>> Acesso em: 22 de novembro de 2025.

TRINDADE DE PAULA, E., DEL-MASSO, M. C. S. **Influência das relações familiares no desenvolvimento da linguagem do estudante com surdez na Educação de Jovens de Adultos**. InFor, UNESP, 2020. Disponível em: <https://ojs.ead.unesp.br/index.php/cdep3/article/view/465/artigo4_infor_v4n2_2018> Acesso em: 22 de novembro de 2025.

PAIS SURDOS, FILHA CODA E DESAFIOS ÉTNICO-RACIAIS: INCLUSÃO NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE

Katiuscia da Silva Avila¹
Marceli Lucia Paveglia Romeu²

Introdução

A história de Katiuscia, mulher negra e surda, casada com um homem surdo e mãe de uma filha CODA, evidencia como a família pode constituir um espaço de inclusão, resistência e transformação social. A convivência cotidiana entre branquitude e negritude, no contexto de uma família surda, revela práticas de respeito, diálogo e enfrentamento ao racismo estrutural, produzindo aprendizagens éticas sobre diferença, equidade e cuidado.

Como afirma Romeu (2023, p. 28), “as lutas do Movimento Negro no Brasil antecedem o sistema instaurado atualmente, surgindo desde os levantes nas senzalas no período de escravidão. Nesse contexto, a Lei nº 10.639/2003 marca um novo período de conhecimento da história e cultura africana e afro-brasileira, conectando-nos às lutas e resistências de nossos ancestrais.” Esse marco legal e político evidencia que raça não se limita a uma dimensão biológica ou cultural, mas constitui elemento formador de identidades, subjetividades e práticas sociais, atravessando também experiências familiares.

Nesse sentido, a presença da negritude materna complexifica as experiências de surdez e bilinguismo, revelando como raça, língua e cultura se entrelaçam na constituição dos sujeitos. Apesar das barreiras impostas pelo racismo, pelo audismo e pelas desigualdades linguísticas, essa experiência familiar demonstra que as diferenças não representam

-
- 1 Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: katiusciaavila4@gmail.com
 - 2 Mestra em Educação pela Universidade Federal do Pampa. E-mail: marceliromeu@unipampa.edu.br

déficit, mas potência, e que os direitos linguísticos entre eles o acesso à Libras são centrais para a equidade.

Sobre a experiência CODA

A filha de Katiúscia é CODA, sigla para *Children of Deaf Adults*, ou seja, “filhos ouvintes de pais surdos”. Os CODAs crescem em circunstâncias singulares, pois são expostos desde cedo a duas comunidades cultural, social e linguisticamente distintas: a comunidade surda e a comunidade ouvinte. Embora possuam sistema auditivo funcional, experimentam a ambiguidade de serem “surdos culturalmente”.

A comunicação é um dos elementos centrais na vida dos CODAs. A maioria das pessoas surdas usa a língua de sinais como primeira língua, e seus filhos ouvintes também aprendem essa língua de forma natural no ambiente doméstico. Posteriormente, ao ingressarem na comunidade ouvinte, adquirem a língua falada, tornando-se bilíngues e biculturais. Essa vivência bilíngue pode se constituir como vantagem cognitiva e cultural, mas também pode gerar tensões identitárias e desafios, especialmente quando as famílias não dispõem de direitos linguísticos assegurados.

Família surda, CODA e bilinguismo: viver entre mundos

Ser filha CODA de pais surdos significa aprender desde cedo que o mundo é atravessado por mais de uma língua e por mais de uma forma de perceber e existir. No caso da filha de Katiúscia, aos seis anos de idade, Libras e Português não se configuram apenas como meios de comunicação, mas como formas de sentir, brincar, amar e aprender. A convivência bilíngue se expressa nas interações cotidianas, nas conversas à mesa, nas brincadeiras, nos afetos e nas aprendizagens escolares, marcando a constituição de uma identidade que se constrói entre mundos linguísticos e culturais distintos.

Nesse processo, emerge também uma educação ética e racial. Desde pequena, essa criança aprende que a sociedade é marcada por desigualdades e preconceitos, e que a convivência entre branquitude e negritude, dentro da própria família, demanda respeito, diálogo e reconhecimento das diferenças. As brincadeiras, os gestos, os elogios e os ensinamentos dos pais surdos compõem práticas educativas que reforçam valores como responsabilidade, cuidado e orgulho de si, elementos essenciais para a

formação de crianças bilíngues e para o enfrentamento de preconceitos estruturais.

A educação bilíngue, nesse contexto, não se limita ao domínio gramatical das línguas. Ela envolve experiências corporais, culturais e políticas que ampliam o entendimento da criança sobre pertencimento e diversidade. Libras se torna meio de comunicação fundamental entre a filha e seus pais, e também com os avós, vizinhas e demais pessoas que passam a aprender a língua para que a comunicação aconteça de maneira acessível e inclusiva. Esse movimento evidencia o papel social que uma família surda pode desempenhar na difusão da Libras, desconstruindo a ideia de que a língua de sinais pertence apenas a sujeitos surdos e mostrando que todos podem e devem participar da construção de uma sociedade bilíngue.

A criança CODA transita entre espaços que valorizam a oralidade e espaços em que a língua de sinais é a principal forma de expressão, desenvolvendo uma consciência bilíngue que extrapola os limites linguísticos. Esse trânsito envolve dimensões afetivas, estéticas e identitárias, contribuindo para que a criança perceba que falar e ouvir não significam afastar-se da cultura surda, assim como sinalizar não implica negar a convivência com crianças ouvintes. Ao contrário, o deslocamento entre mundos linguísticos se torna fonte de aprendizado, autonomia e formação crítica, permitindo que questione hierarquias e reconheça que nenhuma língua é superior à outra.

A convivência bilíngue produz efeitos significativos nas relações familiares e sociais. A comunicação se constrói no encontro entre línguas, gestos, olhares e corpos, e a filha CODA, muitas vezes, assume o papel de mediadora linguística em determinados contextos sociais. Esse papel não decorre de obrigação familiar, mas da constatação de que o mundo ainda não está preparado para acolher plenamente falantes de Libras. Assim, a mediação revela tanto a potência da inclusão quanto a fragilidade das políticas públicas em garantir acessibilidade e direitos linguísticos à população surda.

Negritude, raça e educação em famílias surdas

A dimensão racial exerce papel fundamental na construção das experiências dessa família. Ao ser mulher negra e surda, Katiúscia enfrenta barreiras que não são apenas linguísticas, mas raciais, culturais e socio-históricas. O corpo negro, marcado pela história da escravidão e pelas lutas

do Movimento Negro, ocupa um lugar de resistência e reivindicação. Como aponta Romeu (2023), compreender a trajetória do Movimento Negro no Brasil e a implementação da Lei nº 10.639/2003 significa reconhecer que a educação é campo de disputa, memória e afirmação identitária.

No cotidiano familiar, a negritude não se limita à tonalidade da pele; ela se manifesta no cabelo, na estética, na ancestralidade e na cidadania. A filha CODA observa, imita e aprende a valorizar a negritude materna, reconhecendo-se como sujeito que carrega heranças africanas e indígenas em seu corpo e em sua história. Essa construção identitária acontece ao mesmo tempo em que a criança aprende a sinalizar, revelando que raça e língua não são dimensões separadas da vida, mas se entrelaçam de modo sutil e profundo.

Interseccionalidades: raça, surdez e cultura

Na experiência dessa família, raça, surdez e cultura se entrelaçam de forma indissociável. Se, de um lado, Katiúscia carrega no corpo a história e a resistência da negritude; de outro, o marido, homem surdo e branco, carrega marcas culturais e sociais associadas à branquitude. Esse encontro produz um espaço familiar que desafia modelos homogêneos de identidade racial, linguística e cultural, tensionando o que a sociedade naturaliza como “padrão”

A convivência entre negritude e branquitude não acontece apenas no plano discursivo, mas no cotidiano. Ela se faz presente em escolhas estéticas, nos livros e brinquedos da filha, nas conversas com familiares surdos e ouvintes, na relação com a escola e, sobretudo, na construção de um ambiente em que a diferença não é vista como ameaça, mas como possibilidade.

Nesse cenário, a filha CODA aprende a navegar entre múltiplos marcadores identitários ser filha de uma mulher negra e surda e de um homem surdo branco lhe oferece referências de mundo que ampliam sua percepção sobre diversidade e desigualdade. Essa criança, ao mesmo tempo em que aprende Libras e Português, também observa como a sociedade naturaliza a branquitude e invisibiliza corpos negros. É pela experiência familiar que ela apreende, desde cedo, noções de reconhecimento, respeito e equidade.

Essa intersecção entre raça e surdez revela que o racismo e o audismo operam de maneiras distintas, mas complementares. Enquanto o audismo

deslegitima a língua de sinais e a cultura surda, o racismo desqualifica corpos negros e suas narrativas. No cruzamento dessas violências, a família constrói um espaço de resistência e afeto, garantindo à filha repertórios de pertencimento que desafiam hierarquias sociais.

A Libras como língua materna e língua de herança

Em famílias compostas por pais surdos, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tende a constituir-se como a primeira língua de circulação no espaço doméstico, funcionando simultaneamente como **língua materna** e **língua de herança** para os filhos ouvintes. No caso de crianças CODA (*Children of Deaf Adults*), a aquisição da Libras ocorre de forma natural, precoce e espontânea, por meio da imersão linguística. Como afirma Quadros (2006), crianças expostas à Libras desde o nascimento internalizam a língua em condições semelhantes à aquisição de línguas orais, sem a necessidade de instrução formal.

A condição de língua materna, entretanto, não se limita ao componente linguístico, mas envolve dimensões culturais, corporais e identitárias que constituem a comunidade surda. Strobel (2009) defende que a língua de sinais é o principal marcador identitário da cultura surda, e que sua transmissão familiar representa não apenas a comunicação cotidiana, mas a continuidade de uma história de luta, resistência e afirmação.

No caso de Katiuscia, a Libras assume ainda um papel de **língua racializada**. A presença da negritude materna atravessa a língua, produzindo regionalismos, expressões culturais, corporalidades e modos de narrar que dialogam com a experiência negra no Brasil. Tal perspectiva permite pensar a língua como fenômeno sociocultural e político, e não apenas como ferramenta comunicativa. A convivência com o pai surdo branco, por sua vez, projeta outras experiências e dimensões da cultura surda, marcadas por trajetórias educacionais e sociais atravessadas pela branquitude e pelos privilégios que ela historicamente produz.

Para a criança CODA, a Libras opera como **língua de herança**, pois é transmitida no âmbito familiar, independentemente de sua condição biológica de audição. Napier (2021) observa que CODA se tornam bilíngues em modalidades distintas (oral-auditiva e visuo-gestual) e que essa condição gera repertórios culturais complexos, ampliando a noção de bilinguismo tradicional. Nesse sentido, o contato precoce com a Libras não

apenas introduz um sistema linguístico visual, mas também uma forma de perceber o mundo, organizar o pensamento e negociar identidades.

Ao entrar na escola, essa criança passa a ter contato mais sistemático com o Português, que se torna, por sua vez, a **língua de prestígio** na sociedade ouvinte. A coexistência entre Libras e Português configura, portanto, um bilinguismo assimétrico, onde a Libras é valorizada dentro da família e do universo cultural surdo, enquanto o Português é exigido no campo escolar, institucional e social. Lodi (2016) aponta que esse bilinguismo revela tensões entre direitos linguísticos e expectativas normativas da escola, evidenciando que a hegemonia da língua oral é um dos mecanismos de produção do audismo.

Assim, ao mesmo tempo em que a Libras constitui-se como língua de amor, cuidado, criação e pertencimento, também se afirma como língua política portadora de um projeto de valorização da diferença e de disputa por reconhecimento social. Para a filha CODA, viver entre essas línguas é construir, desde a infância, uma consciência crítica acerca das desigualdades raciais, linguísticas e culturais, aprendendo que as línguas não são neutras, mas carregam histórias, corpos e epistemologias.

CODA e família: cuidado, cultura e acessibilidade

A família constitui o primeiro espaço de socialização linguística e cultural do CODA. No caso de filhos ouvintes de pais surdos, essa socialização é atravessada por experiências bilíngues e biculturais que envolvem não apenas Libras e Português, mas diferentes formas de olhar, escutar e interagir com o mundo. Para a filha CODA analisada neste capítulo, crescer em um lar surdo significa aprender que a comunicação não se reduz à oralidade, mas incorpora gestos, expressões faciais, olhares e movimentos corporais que compõem a gramática visual da língua de sinais (Strobel, 2009).

No interior da família, o bilinguismo assume um caráter afetivo. As línguas são transmitidas por meio do amor, do cuidado, das brincadeiras e da rotina doméstica. A Libras emerge como língua da intimidade, do afeto e da partilha, enquanto o Português cumpre funções mediadas pelo mundo exterior: a escola, a vizinhança, os serviços de saúde e o contexto social predominantemente ouvinte. Como aponta Quadros (2006), o ambiente familiar surdo rompe com o modelo monolíngue hegemônico e revela que a pluralidade linguística é constitutiva da vida humana.

A relação entre pais surdos e filha CODA também envolve práticas de responsabilização e autonomia. Embora seja comum que CODAs atuem como mediadores linguísticos em determinadas situações sociais, é importante destacar que essa mediação não deve ser interpretada como substituição do profissional intérprete, mas como um fenômeno que revela tanto a potência da criança quanto a insuficiência da sociedade em assegurar acessibilidade plena (Lodi, 2016). A mediação, nesse sentido, aparece como efeito colateral de políticas públicas incompletas, que responsabilizam familiares por lacunas que deveriam ser supridas pelo Estado.

No caso de Katiuscia, mulher negra e surda, a experiência maternal é atravessada pela raça. A maternidade negra, historicamente marcada por estigmas e estereótipos, ganha novas camadas quando associada à surdez e ao bilinguismo. Amar e educar uma filha CODA torna-se também ato político, pois envolve ensinar que a diferença seja ela racial, linguística ou cultural não constitui déficit, mas potência. A convivência familiar com o pai surdo branco acrescenta à criança um repertório complexo de pertencimentos, que inclui branquitude, negritude, cultura surda e cultura ouvinte. Ser CODA, nesse caso, é aprender a navegar entre fronteiras identitárias não para se dividir, mas para multiplicar-se.

Além disso, a circulação entre gerações expande o bilinguismo. Avós, tios, primos e vizinhos passam gradualmente a aprender sinais básicos, criando redes comunitárias de acessibilidade informal. Essa dimensão da experiência CODA raramente é discutida nos estudos acadêmicos, mas possui implicações profundas: ao aprender sinais para comunicar-se com a criança ou com os pais, os familiares ouvintes começam a reconhecer a Libras como língua legítima, rompendo com o audismo e com a ideia de que a oralidade é o padrão superior de comunicação.

Por fim, a família torna-se espaço de construção de valores éticos. A filha CODA aprende, desde cedo, que respeito, escuta e empatia não são atributos individuais, mas práticas coletivas que sustentam vínculos e combatem preconceitos. Nesse processo, raça e surdez não aparecem como problemas a serem corrigidos, mas como identidades a serem celebradas e defendidas.

CODA e raça: interseccionalidades na construção da identidade

A experiência de ser filha CODA de uma mãe negra surda e de um pai surdo branco revela como raça, língua e cultura não operam de maneira

isolada, mas se entrecruzam na constituição dos sujeitos. No Brasil, onde o racismo estrutura as relações sociais (Gonzalez, 1988; Almeida, 2019), a pertença racial emerge no cotidiano da criança como marcador de diferença, tal como a surdez. Crescer em um ambiente em que a negritude é valorizada e reconhecida como identidade política possibilita à criança elaborar sentidos positivos sobre o corpo, a língua e a história.

Para a filha CODA analisada neste capítulo, ser filha de uma mulher negra surda implica vivenciar a maternidade e o cuidado a partir de um horizonte ético que enfrenta o racismo e o audismo. A mãe negra surda, ao educar sua filha, negocia constantemente os efeitos do racismo estrutural que atinge sobretudo mulheres negras e da invisibilidade da surdez como diferença linguística. Essa dupla pertença produz o que Collins (2000) define como **interseccionalidade de opressões**, na qual raça, gênero e deficiência são atravessados por relações de poder.

Ao mesmo tempo, a presença do pai surdo branco insere a criança em um conjunto distinto de referências culturais que inclui a branquitude e suas formas de socialização. A circulação entre esses pertencimentos permite que a criança perceba desde cedo que desigualdades raciais não são fenômenos abstratos, mas se materializam em olhares, comentários, padrões estéticos e expectativas sociais sobre a infância.

A negritude desempenha papel fundamental também na construção de valores. A criança CODA aprende que a diferença racial não é motivo de vergonha, mas de orgulho e afirmação. Esse processo dialoga com o que Lélia Gonzalez (1988) chama de “educação política pela cultura”, no qual o pertencimento racial é transmitido pelos gestos cotidianos no modo de pentear o cabelo, nas brincadeiras, no vocabulário, nos rituais familiares e nos modos de se relacionar com o mundo. No contexto da família surda, tal educação antirracista é acompanhada por uma educação linguística bilíngue, mostrando que raça e língua operam juntas na formação de subjetividades.

Essa experiência contrasta com o padrão social dominante que tende a patologizar a surdez e a invisibilizar a negritude. No Brasil, a branquitude, a oralidade e a audição são historicamente construídas como normais e desejáveis (Perlin, 2019; Skliar, 1997). Ao desobedecer a esses padrões, a família surda negra e branca produz uma pedagogia da diferença que afirma que ser negro, ser surdo, ser CODA e ser bilíngue são formas legítimas de existir no mundo. A criança aprende, assim, que os corpos

possuem histórias, e que essas histórias são atravessadas por disputas de poder e por processos de resistência.

A mediação entre raça e surdez também se expressa na forma como a criança percebe desigualdades. Ao conviver com ambientes ouvintes e surdos, ela observa que o racismo e o audismo operam de maneiras distintas, mas complementares. Enquanto a escola pode reproduzir a supremacia da oralidade e da norma branca, a comunidade surda pode constituir espaço de valorização linguística e cultural, mas não está isenta de reproduzir hierarquizações raciais. Essa constatação revela que não existe espaço social neutro e que as identidades não se organizam por somatória, mas por intersecções.

Por fim, ao tornar visível a experiência de uma criança CODA negra-branca, este capítulo contribui para ampliar o debate sobre infância, diversidade e direitos humanos. Reconhecer a racialidade como dimensão constitutiva da identidade CODA é fundamental para romper com narrativas que universalizam a experiência surda a partir de perspectivas brancas e eurocentradas.

Para Almeida (2019), não é possível compreender o racismo sem considerar seu funcionamento estrutural, atravessado pelas esferas institucionais, jurídicas e estatais. É justamente por meio do Estado que se operacionalizam classificações e hierarquizações de pessoas, produzindo desigualdades que se renovam ao longo do tempo. Nesse sentido, os discursos de nacionalidade e identidade coletiva atuam como mecanismos de apagamento das diferenças, mascarando conflitos e desigualdades entre grupos racializados. Essas estratégias, como aponta o autor, buscam garantir a reprodução de um sistema capitalista que sofisticou suas formas de dominação, sustentando no campo simbólico e material práticas de exclusão e subalternização.

Quando esse debate é aproximado da realidade das famílias surdas e das crianças CODAs, torna-se evidente que tais processos de racialização e classificação não operam apenas em torno da raça, mas também da língua e da deficiência entendida a partir de um modelo biomédico. A surdez, quando reduzida ao âmbito clínico, é convertida em marca de falta e incapacidade, e não como diferença cultural e linguística. Da mesma forma, a experiência racial enfrentada por uma mãe negra surda e sua filha CODA evidencia que as opressões não se somam simplesmente elas se interseccionam, produzindo formas específicas de exclusão e de resistência.

A estrutura estatal, ao negligenciar os direitos linguísticos da população surda, reforça desigualdades que se reproduzem na escola, nos serviços públicos e nas relações cotidianas. Na ausência de acessibilidade linguística, a criança CODA é instada a ocupar funções de mediação, traduzindo e interpretando situações que, teoricamente, deveriam ser asseguradas pelo Estado. Tal condição expõe não apenas falhas sistêmicas, mas também o protagonismo silencioso dessas crianças, que aprendem a negociar entre mundos que não dialogam plenamente entre si.

Por outro lado, o ambiente familiar emerge como espaço de criação de práticas contra-hegemônicas. A educação bilíngue doméstica, as brincadeiras em Libras, os afetos mediados pela língua de sinais, o respeito às identidades raciais e o enfrentamento aos preconceitos constituem saberes sociais que não são ensinados formalmente, mas que produzem efeitos significativos no desenvolvimento da criança. Essa dimensão evidencia que família e cultura surda podem operar como núcleos pedagógicos, reconfigurando a noção de educação para além do espaço escolar.

Assim, ao analisar a experiência de uma filha CODA com pais surdos, sendo a mãe negra, constata-se que inclusão não é apenas política pública ou discurso institucional: é também prática cotidiana, localizada e afetiva. É no convívio com a diferença que a criança aprende a perceber que o mundo pode ser narrado e vivido por mais de uma língua, mais de um corpo e mais de uma identidade. Nesse sentido, a inclusão deixa de ser concebida como concessão e passa a ser reconhecida como direito.

Conclui-se que pensar a família surda, o bilinguismo e a experiência CODA exige articular raça, língua e Estado. Essas dimensões desestabilizam modelos tradicionais de normalidade e revelam caminhos para uma educação verdadeiramente plural. Enquanto o racismo e o audismo se sustentam em estruturas normativas que produzem hierarquias entre vidas, línguas e corpos, a família surda, com seus afetos e resistências, subverte essas normas e reinventa possibilidades de existência.

Considerações finais

A experiência de uma criança CODA inserida em um ambiente bilíngue permeado pela Libras e pela Língua Portuguesa revela que a comunicação não é apenas um ato linguístico, mas também um processo cultural e identitário. No caso analisado, a convivência com pais surdos possibilita que a filha desenvolva uma sensibilidade comunicativa ampliada,

capaz de transitar entre mundos distintos sem, contudo, hierarquizá-los. Nesse percurso, a criança aprende que ouvir e sinalizar não se excluem; ao contrário, ampliam seu campo de pertencimento social e contribuem para a construção de subjetividades plurais.

Esse bilinguismo emerge como prática cotidiana, marcada por afetos, negociações e acessos. A Libras, enquanto língua de herança e língua materna no contexto familiar, não só organiza as relações afetivas, mas também inscreve a criança na cultura surda desde o nascimento. Já o Português oral surge como língua de mediação na interação com a sociedade majoritária, reforçando a necessidade de respeitar os direitos linguísticos da comunidade surda e a centralidade dos CODAs como ponte relacional. Ainda que essa mediação não seja obrigatória, ela evidencia a ausência de políticas públicas efetivas e a insuficiente preparação da sociedade para lidar com o bilinguismo e com o multiculturalismo.

Outro aspecto relevante é o encontro entre a cultura surda e as questões étnico-raciais. Ao conviver com trajetórias de racismo estrutural e desigualdades históricas, a criança aprende, desde cedo, noções de respeito, diversidade e resistência, afastando-se de estereótipos e prejudiciais preconceitos. A maternidade negra surda, nesse sentido, torna-se espaço de afirmação e de potência, reforçando que a inclusão começa dentro da família e se estende para vizinhanças, escolas, avós e demais redes sociais.

Os dados discutidos mostram que a família surda pode atuar como núcleo pedagógico, ensinando valores, práticas bilíngues, convivência e modos de ser que desafiam o modelo tradicional de educação monolíngue e centrada na oralidade. Os pais surdos, longe de serem dependentes, exercem protagonismo na organização da comunicação, no cuidado e na educação, demonstrando responsabilidade e autonomia diante das demandas do cotidiano.

Por fim, compreender a realidade CODA implica reconhecer que o bilinguismo e a cultura surda não representam obstáculos, mas sim oportunidades de aprendizagem e inclusão. A criança não apenas se comunica; ela aprende a negociar sentidos, a construir pontes e a reivindicar respeito linguístico e racial. Conclui-se que práticas inclusivas devem ser pensadas não apenas para a escola, mas também para a sociedade como um todo, visando desnaturalizar hierarquias e ampliar políticas públicas que garantam o direito à diferença sem que esta seja convertida em desigualdade.

Referências

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- CALDWELL-HARRIS, C. L. **Bilingualism and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- COLLINS, P. H. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000.
- GONZALEZ, L. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. 1988.
- LANE, H. **The mask of benevolence: Disabling the Deaf community**. New York: Dawn Sign Press, 1992.
- LODI, A. C. B. **Educação bilíngue para surdos: Língua, poder e diferença**. São Paulo: Parábola, 2016.
- NAPIER, J.; LEDERMAN, R. CODAs and bilingualism. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, 2021. (Completar volume, número e página se houver).
- PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: Voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.
- PERLIN, G. **Cultura surda e diferença**. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- PERLIN, G. Políticas culturais da diferença surda. **Revista Espaço**, 2019.
- ROMEY, M. L. P. **Formação continuada de professores e relações étnico-raciais em escola bilíngue: possibilidades e limites**. 128 p. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2023.
- SKLIAR, C. **A surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2009.

VIVÊNCIAS DE PAIS SURDOS BILÍNGUES COM FILHO OUVINTE (CODA)

Carla Beatriz Medeiros Klein¹

Márcio Aurélio Friedrich²

Introdução

Este relato de experiência possui a base as vivências de pais surdos bilíngues na criação de um filho ouvinte (CODA), então o termo CODA é mais conhecido pela comunidade surda, comunidade acadêmica e internacionalmente, pois é essa sigla *Children of Deaf Adults*. Há muitas pesquisadas nas áreas da Linguística, Estudos da Tradução, Educação e Estudos Culturais.

A relevância deste estudo, está referente à importância das relações à base de comunicação e cultura desses contextos familiares, escolares e cotidianos, assim como os espaços são complexos, fortemente conhecidas nos brasileiros pela coexistência entre línguas e duas perspectivas: Língua Brasileira de Sinais (Libras) – modalidade visual-espacial e a Língua Portuguesa (LP) – modalidade oral. Os contextos atravessam o cotidiano familiar, escolar e social.

- 1 Docência em Língua Brasileira de Sinais - Libras na Universidade Federal de Rio Grande – FURG; Doutoranda em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na Universidade Federal do Rio Grande/ FURG; Mestra em Letras/ Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas/ UCPel vinculada pela Universidade Federal de Pelotas/ UFPel; Especialista em Especialização: Estudo de Surdos/ UFPEL; Graduada em Língua Brasileira de Sinais – Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina/ UFSC – Polo Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. E-mail: carlakl0310@gmail.com
- 2 Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atuando na área de Libras no curso de Letras–Libras/Literatura Surda, no Centro de Letras e Comunicação (CLC). Graduado em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), em Santa Rosa/RS; em Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul, em Camaquã/RS; e em Letras–Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo Santa Rosa/RS. Possui especialização em Libras pelo Centro Universitário Barão de Mauá, em Rio Grande/RS. É mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas/RS. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, Matemática, Terminologia em Libras, ensino de Libras e sinais-termo.

A experiência relatada é parte da convivência diária entre os pais surdos com usuários da Libras e da oralização, e um filho ouvinte inserido ao respeito de um ambiente bilíngue desde o nascimento. Nesse cenário emergem questões identitárias, afetivas, socioculturais e educacionais que influenciam o desenvolvimento linguístico, social e cognitivo da criança, sendo fundamentais para compreender as dinâmicas cotidianas estabelecidas entre pais surdos e filho ouvinte.

Ao contexto familiar, a forma comunicação do cotidiano, aconteceu de forma simultânea, por meio da Libras e da Língua Portuguesa, como o pai e a mãe também utilizam a oralização com as características vocais distintas, o que contribui para que o filho ouvinte reconheça em vários diferentes sons, entonações e formas de fala. E assim quanto o mesmo tempo, a Libras é amplamente utilizada nas interações e dialogam com nossos cotidianos, a forma de comunicação visual-espacial no ambiente doméstico e social.

Observa-se, então o filho ouvinte adquire os sinais em Libras de maneira natural, autêntica e aberta, bem como muitas vezes situações do cotidiano, filho ouvinte demonstra a compreender os sinais utilizados pelos pais surdos, e outros momentos, me pergunta sobre seus significados, dessas situações, sempre os pais explicar em cada sentido do sinal, ampliando os vocabulários em Libras, e fortalecendo do vínculo comunicativo no cotidiano familiar.

Os princípios relacionados à experiência CODA, é idealizada dessa cultura popular ou seja, simbolizada, bem como atribuído à criança o papel “ponte comunicacional” entre surdos e ouvintes, além disso, que exerçam os papéis de mediação linguística desde cedo, é extrema importância pode gerir experiências positivas, bem como fortalecimento de vínculos familiares, os conflitos identitários, principalmente vivenciam no dentro dos contextos multilíngues e multiculturais, bem como Libras e LP.

No ambiente escolar e social, bem como percebe-se que filho transita entre dois mundos linguísticos quanto culturais, bem como da comunidade surda, comunidade ouvinte, além disso a experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma identidade bilíngue, o que criança aprende a respeitar, valorizar dessas diferenças linguísticas e culturais entre mundos surdos e ouvintes.

O presente artigo busca a refletir essas vivências a partir de um olhar sociolinguístico, cultural e educacional, a experiência também como a necessidade constante de adaptação comunicativa em contextos

multilíngues e multiculturais, bem como, dessas vivências relatadas demonstram que o ambiente bilíngue sempre contribuir a forma positiva para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança. A importância é reconhecer as famílias, para os espaços legítimos de produção de linguagem, cultura e identidade, a destaque é enriquecedora no desenvolvimento de filhos ouvintes dos pais surdos.

Origem do termo “CODA”

O termo “CODA” é a sigla em inglês de **“Children of Deaf Adultd”**, traduzindo em Português **“Filhos Ouvintes de Pais Surdos”**, surgiu a realização de Congresso Internacional em Estados Unidos, foi surgindo da Organização da CODA internacional foi fundada em 1983 em que;

CODA was founded in 1983 and is an organization that celebrates the unique heritage and multicultural identities of adult individuals who have deaf parents. The organization's vision is to connect Codas from all around the world.

A organização da CODA, é objetivo valorizar a língua de sinais como língua de herança e fortalecer os vínculos socioculturais entre filhos ouvintes e pais surdos. Além disso, promove os eventos diversos, conferências, publicações e espaços de troca de experiências, bem como, bem-estar e a valorização da identidade de pessoas “CODAs”.

Atualmente das pesquisas acadêmicas, para abordar o tema “CODA” sobre bilinguismo em contextos familiares; educação, identidade cultural, relações entre comunidade surda e ouvinte, especialmente o estudo sobre sociolinguística brasileira.

A destaque da obra de Ronice Müller de Quadros (2017), autora ouvinte e CODA, o livro conhecido sobre Língua de Herança – Libras, autora explica como filhos ouvintes de pais surdos transitam entre Língua Portuguesa e Libras, utilizando uma ou ambas as línguas de forma natural, é cada depende dos contextos de interação com pessoas surdas e ouvintes, a importância que eles comentam a experiência desse livro que CODAs transmitem a experiência com convivência dos pais surdos, a forma integração dessas línguas bilíngues.

Bilinguismo Libras: Português no contexto familiar e escolar

Para compreender o bilinguismo Libras-Português, é principal dessa ocorrência a forma natural no cotidiano familiar, escolar e social. Pais surdos utilizam a Libras como Língua primeira (L1), assim é a língua que afirma acesso absoluto à comunicação e também interação entre pais surdos e filhos ouvintes desde primeiros anos de vida e outros contextos, a Língua Portuguesa como Língua Segunda (L2), por meio da oralização em vários tipos de sons e vozes como são características vocais diferentes de pessoas ouvintes, então caso os filhos ouvintes, o contato simultâneo com Libras e Língua Portuguesa favorece o desenvolvimento em ambas as línguas, através oralizado e sinalizado desde a infância.

A convivência dessas diversas formas de comunicação, bem como a sinalização e a oralização, observa-se como as crianças CODA ampliam de suas competências linguística, respeitando as estruturas próprias em cada língua, o contato precoce e continuam com duas línguas, em modalidade diferentes, isso favorece desenvolvimento linguístico, assim, é importante ambiente bilíngue fortalece os vínculos familiares e escolares, porque as crianças CODA compreendem a diferença da cultura entre pessoas surdas e ouvintes.

Os estudos sobre bilinguismo apontam na direção das múltiplas línguas, são ampliando habilidades cognitivos, comunicativas e metalinguísticas. As crianças CODA, assume o papel da língua de herança bem como a Libras, pois ambiente familiar como os pais surdos sinalizam a Libras assim o filho ouvinte comunica dessa língua deles, porém a Língua Portuguesa é fortalecendo para os contextos nos escolares e sociais dessas pessoas ouvintes, bem como oralização.

Além disso, dessa convivência as formas diferentes de comunicação, bem como a sinalização e a oralização, então a criança desenvolva e aprende dessas estruturais e culturais em cada língua, a comunidade surda e outra comunidade ouvinte. Então amplia os vocabulários para ter organização do pensamento e da compreensão das regras próprias da Libras e da Língua Portuguesa. Assim, este ambiente bilíngue favorece o fortalecimento dos vínculos familiares, porque permitiu interações ligados, afetivas e específicas entre pais surdos e filhos ouvintes CODA.

No geralmente, o bilinguismo da criança CODA, ingressou na escola, mais uso da Língua Portuguesa – LP, porque no espaço educacional, alunos ouvintes à oralidade, porém a Libras continua o papel importância

dessa linguística porque criança CODA está desempenhando de sua identidade e linguística, há reconhecimento e valorização de duas línguas, assim escola e profissionais da escola os usos da comunicação como Língua Portuguesa, essa experiência bilíngue é certa forma, a criança mostra mais comunicativa e sempre tem melhor adaptação aos diferentes contextos sociais e educacionais.

Sabem como cotidiano, o filho ouvinte aprende a detectar qual língua utilizar em toda situação dessa comunicativa: a Libras, é para pessoas surdas comunicam e outras pessoas ouvintes comunicam em Língua Portuguesa. Demonstra sempre tem que consciência linguística, caso alternância como pessoas surdas e ouvintes juntam para se comunicar simultaneamente, as crianças CODA pode ao uso das duas línguas, tem capacitar e flexibilidade comunicativa, é certa forma que combinado e organização do seu pensamento estruturas e regras linguísticas dessas duas línguas.

A sociedade reconheça a Libras bem como língua legítima, isso que já explica dessas estruturas gramatical e valor cultural, conforme pela Lei nº 10.436/2002. O reconhecimento e valorização dessas experiências vividas pelas famílias surdas com filhos ouvintes CODA, são praticamente práticas nos espaços familiares, sociais e escolares.

Desenvolvimento linguístico do filho ouvinte em contexto bilíngue

O desenvolvimento linguístico do filho ouvinte em uma família surda bilíngue acontece a começar do contato sempre com a Libras e a Língua portuguesa, então desde os primeiros meses de vida, quando os pais surdos sinalizam a Libras, o filho ouvinte mostra muita atento aos movimentos das mãos, expressões faciais e corporais, é destacar a percepção visual, bem como observa diferente como bebês ouvintes de pais ouvintes, é destacar a percepção sonoros, além disso, é diferente a forma de estimula entre bebês ouvintes a relativos os pais surdos e ouvintes.

A diferença aspectos culturais e linguísticos, bem como CODA vivenciam, pois, pais surdos sempre estimulam o uso de línguas no cotidiano familiar. O contato da Libras é precoce para contribuir o desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança, é possivelmente a aquisição de duas línguas em modalidades diferentes, bem como oralidade e visualidade.

Para exemplo, então como desenvolver o linguístico do filho ouvinte com pais surdos e familiares, comunicam a bilíngue de Libras e de Língua Portuguesa. Desde primeiros meses da vida do filho ouvinte, quando os pais surdos sinalizam em Libras o filho ouvinte está bem atento aos movimentos do rosto como expressão facial, das mãos, é diferente a forma de olhos outros, bem como bebês ouvintes está atento mais ouvir do que olhar, é diferente do nosso filho ouvinte da CODA, bem interessante a diferença entre filhos ouvintes dos pais surdos e filhos ouvintes dos pais ouvintes, é perceber a diferença para culturais entre pessoas surdas e ouvintes, por isso é importante para estimular as línguas que eles usam a comunicação no cotidiano, além disso, como desenvolve o cognitivo, adquirir o linguístico a duas línguas de Libras e Português,

Os pais surdos utilizam majoritariamente a Libras como L1, as vezes alguns momentos, utilizam à Língua Portuguesa oralizada como L2, ampliar a compreensão comunicativa pelo filho ouvinte, assim, se for necessário quando filho ouvinte não entender o sinal com contexto, os pais surdos explicam os conceitos e significados por meio de exemplos em Libras, além disso, tudo que relações entre estruturas linguísticas da Libras e da Língua Portuguesa. Por isso, importância dos estudos do desenvolvimento sobre aquisição da L2, ajuda bastante desse processo aprendizagem, precoce da criança aprender e praticar desse processo da comunicação bilíngue.

O filho ouvinte convive as familiares ouvintes, bem como avos paternos e maternos e outras parentes, utilizam a Língua Portuguesa bem como oralização. Dessa forma, a criança segue adquirindo competências em Libras quanto em português, de maneira natural, possui diferentes contextos linguísticos desse bilíngue.

Libras como língua de herança

A língua de herança relaciona-se a língua transmitida ao contexto familiar, escolar e sociais, bem como comunidade surda, principalmente as interações cotidianas antes entrar a integração formal da criança nos espaços educacionais. Então diferente da língua majoritária da sociedade, a língua de herança é adquirida de forma natureza no ambiente doméstico com mais fortemente vinculada à cultura, identidade e ligações afetivas familiares.

Para nós surdos, essa língua é sempre a Libras para se comunicar a todos. Conforme Quadros (2017, p.01) “Língua de herança é, normalmente, a língua da família, em um contexto no qual outra língua falada nos demais espaços sociais, tais como a escola e a mídia”. Assim, a criança pode aprender a língua de família nas interações com avos maternos, avos paternos, tios, irmãos, primos e outros parentes como convivem diariamente para ter contato entre duas línguas, bem como Libras e Língua Portuguesa. A relevância é contexto sociocultural, comunidade surda e outras comunidades que relacionam os seus usos de contato.

Visão de Quadros (2017) que a Libras não é simplesmente só um instrumento de comunicação, porém um patrimônio linguístico e cultural permitindo à criança tem acesso absoluto à linguagem desde primeiros meses de vida. Essa mostra precoce contribui para desenvolvimento linguístico, cognitivo e sociocultural da criança ouvinte dos pais surdos (CODA), além disso é sem prejuízo à aquisição da Língua Portuguesa.

Quadros (2017, p. 01) diz que: “O falante de herança cresce com uma língua de herança e com a língua usada em sua comunidade mais geral, portanto, é supostamente um bilíngue com duas (ou mais) línguas nativas”.

O conceito de língua de herança é ponto importante para entender, bem como desenvolvimento linguístico de filhos ouvintes de pais surdos (CODA), então a forma cotidiana no ambiente familiar, é trazida em valores culturais, identitários e afetivos. No significado, a criança CODA não aprende só Libras como segunda língua, porém cresce desde o nascimento, vivenciando como parte típica de sua identidade.

Para visão de comunidade surda, é concordar a afirmação de Quadros (2017), que falante de herança é argumento principal, como um bilíngue com duas línguas nativas, o contexto das famílias surdas, por isso a Libras garante acesso absolutamente a linguagem desde primeiros meses de vida, sempre que a Língua Portuguesa é acrescentada nos espaços sociais e escolares. As duas línguas são utilizadas sem hierarquia, assim quando escolhida de acordo com o contexto e também as pessoas envolvidas à comunicação. Dessa forma, sempre defender a Libras como língua de herança favorece o defendido do direito das famílias surdas de transmitirem de sua língua, sua cultura e costume de comunicação entre familiares no ambiente doméstico.

Aquisição da Libras como língua de herança sempre ocorre de maneira visual-espacial, como utiliza as expressões faciais, corporais e o

uso de classificadores, além disso possui características próprias da língua de sinais. Essas crianças CODA desenvolve habilidades de alternância linguística, sempre tem adequado o uso da Libras e da Língua Portuguesa nos contextos comunicativos e interlocutores, mostram a consciência linguística quanto flexibilidade à comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Além disso, relevância dessa língua de herança, é valorizado o papel da família surda, como é espaço legítimo, também cultura, identidade e ampliando vocabulários.

A instrução caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva, baseada o relato de experiência. A investigação possui como base as vivências cotidianas de pais surdos bilíngues na criação de um filho ouvinte (CODA), acreditando situações de comunicação ocorridas nos contextos familiares escolar e social. O caminho dessa abordagem justifica-se para necessitar à compreender, da forma observa, bem como processos linguísticos e socioculturais, além disso, surgem ao cotidiano de uma família surda à interação com um filho ouvinte.

A observação e a investigação das experiências relatadas acontecem de maneira continuada, a partir do acompanhamento do desenvolvimento linguístico e comunicativo da criança ouvinte desde nascimento até presente. Desenvolvem-se os aspectos ao uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras e da Língua Portuguesa, pois é importante para interagir entre pais surdos e filho ouvinte, bem como as estratégias comunicativas aceitadas em diferentes situações sociais. O enfoque é forma como a criança ouvinte transita entre as duas línguas com as modalidades – sinalização e oralização, de acordo aos contextos comunicativos e também os interlocutores.

O relato de experiência esteve construído a partir do pensamento crítica dos autores sobre as suas práticas e também vivências, como referencial teórico de área dos Estudos Surdos, da Linguística e da Educação Bilíngue. Destacar-se desse objetivo é para os estudos da compreensão detalhada de um contexto específico, favorecendo ampliar as discussões acadêmicas sobre as vivências de pais surdos bilíngues com filhos ouvintes (CODA).

O presente relato de experiência, sendo objetivo descrever e reflexão da vida sobre as vivências de pais surdos bilíngues na criação de um filho ouvinte (CODA – *Children of Deaf Adults*). A experiência mostra baseia-se no cotidiano familiar, educacional e social, bem como a comunicação no ambiente familiar acontece de forma bilíngue, incluindo a Libras como sinalizado quanto a língua portuguesa como oralizado. Pais utilizam majoritariamente a Libras como L1, e Língua Portuguesa como L2, como

oralizados em diferentes formas de expressão vocal como voz diferente outros ouvintes, autorizando que o filho ouvinte reconheça distintos sons e entonações, assim, ao mesmo tempo a Libras como língua fundamental nas interações com pais surdos.

Observa-se que o filho adquire sinais usados pelos pais surdos em Libras de maneira natural, mostrando compreensão e interesses pela língua, como a criança procurar entender para perguntar aos pais surdos sobre significados e conceitos desses sinais em Libras, e os pais surdos explicam e deram os exemplos causa contexto em Libras, permitindo a ampliar do repositório linguístico e o fortalecimento da comunicação familiar, escolar e social, bem como comunidade surda.

No ambiente escolar e social, a criança transita entre os contextos de Libras como surdos sinalizam e os contextos de Língua Portuguesa como ouvintes oralizam, avançadas estratégias comunicativas que respeita as diferenças linguísticas e culturais atuais em cada espaço.

O processo de aquisição linguística do filho ouvinte aconteceu de forma natural e progressivo, introduzido desde o nascimento em um contexto familiar bilíngue, em que a Língua Brasileira de Sinais – Libras e a Língua Portuguesa – LP convivem no cotidiano. Desde os primeiros meses da vida, observou-se que criança mostrava grande atenção aos movimentos das mãos e expressões faciais dos pais surdos ao longo das interações em Libras, mostrando uma percepção visual clara, característica normal em contextos de comunicação visual-espacial.

Por volta de um ano de idade, o filho ouvinte movimentou-se a utilizar os gestos e apontamentos para expressar e interesses, como pedir leite, comida, brinquedos e outros objetos do cotidiano com pais surdos. Esses apontamentos eram olhares direcionados, e também às expressões faciais, é funcionar como comunicação dessas estratégias iniciais. O período, nós levamos o filho ouvinte na escola infantil aos colegas ouvintes e professores ouvintes, favorecendo a estimulação da Língua Portuguesa – modalidade oral.

Aquisição da linguagem oral reconduziu mais claro a partir de mais ou menos um ano e meio de idade, influenciada muito pelo ambiente escolar quanto convivência com familiares ouvintes, bem como avos paternos e maternos e outros parentes, que utilizam majoritariamente a Língua Portuguesa. De modo conjunto, a Libras continuou atualidade no ambiente familiar, vivendo utilizado pelos pais surdos, bem como língua principalmente de interação a Libras.

A partir dos dois anos de idade, observou-se o início da produção de sinais em Libras pelo filho ouvinte, é começando o processo aconteceu de maneira progressiva, intervindo principalmente pela mãe surda que introduza os sinais por meio da combinação com objetos reais, ações do cotidianos e acontecimentos comunicativos significativas. O período não acontecia exigência usar a configuração de mão correta ou perfeição dos sinais, referindo-se o ritmo natural de aquisição linguística da criança ouvinte.

Em relação de passar do tempo, percebeu-se um avanço significado referente a produção sinalizada, especialidade o aumento do vocabulário e também expressão facial e melhorando as configurações de mãos quanto pais sinalizam. A participação do filho ouvinte em espaços da comunidade surda, bem como a Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS), em Capão de Canoa RS, no ano 2025, participou de forma relevante para o fortalecimento a Libras, ampliando de sua compreensão e interesse como a forma comunicativa dos pais surdos sobre visões culturais da comunidade surda.

Além disso, o filho ouvinte passou a mostrando mais domínio revezamento da linguística, vivendo capacitado de adaptar sua forma de comunicação de combinação com o interlocutor. Ao respeito de contextos com as pessoas ouvintes para utilizar principalmente a Língua Portuguesa – modalidade oral e de imediato ao respeito de interações com pessoas surdas, comunica-se prioridade por meio da Libras, sem uso da oralização. Essa habilidade mostra o desenvolvimento de uma competência bilíngue funcional, característica de filho ouvinte de pais surdos.

Observamos durante o tempo desde nascimento até atualidade, nosso filho demonstra a capacidade, bem como diferenciar e separar as formas de comunicação conforme o interlocutor. Essas interações com as pessoas ouvintes, como familiar, escolar, social, assim utilizar a língua portuguesa oral sem uso de sinalização. E então em contextos de interação com pessoas surdas, utiliza comunica-se por meio de Língua Brasileira de Sinais – Libras, sem uso de oralização. Essa habilidade mostra o desenvolvimento de uma consciência linguística e comunicativa, aspectos de contextos bilíngues, bem como a criança adapta a sua forma de expressão de aceitar espaço social e vontades comunicativas. A relevância e versatilidade mostram uso funcional e contextualizado das línguas, fortalecendo a vivência bilíngue de forma natural e habilitado.

As vivências demonstradas neste relato de experiência revelam que o desenvolvimento linguístico de um filho ouvinte de pais surdos (CODA) acontece de maneira natural e aceitável quando a criança é colocada, desde nascimento num ambiente bilíngue bimodal, bem como a Língua Portuguesa – língua oral e Língua Brasileira de Sinais (Libras) – língua espacial-visual. Dessa forma demonstração é dialogada com os estudos de Quadros (2017), coisa certa compreende a Libras como língua de herança em contextos familiares surdos, destacando que sua aquisição é tudo a partir das interações cotidianas e significativas as relações familiares. O fato relatado, observa-se que a Libras é a principal língua de interação entre pais surdos e o filho ouvinte, continuando o papel de língua tem prioridade em relação do ambiente doméstico. A língua portuguesa é outra adquirida principalmente nos contextos externos à família surda, bem como é na escola e nas interações com familiares ouvintes. A prática demonstra o que Quadros (2017) aponta ao confirmar que crianças CODA desenvolvem competências linguísticas diversos em cada língua, aprendendo a organizar a forma da comunicativa, também saber separando os usos linguísticos de aceitar com os contextos sociais e os interlocutores.

Uma apresentação principal na experiência é atenção visual desenvolvida pelo filho ouvinte desde os primeiros meses de vida, pois é diferente outras filhos ouvintes pelos pais ouvintes, forma como foco inicial, os pais surdos estimulam o filho ouvinte dos pais surdos (CODA) demonstra empatia e sensibilidade precoce base as visuais da comunicação, bem como movimentos das mãos, expressões faciais e corporais. Dessa forma, característica fortalece o entendimento da Libras como uma língua absolutamente acessível e estruturante do desenvolvimento cognitivo e comunicativo, o segundo explicado por Skliar (1998), dizer que a língua de sinais organiza o pensamento, a subjetividade e vínculo das pessoas em contextos surdos.

Outra perspectiva destacada refere-se ao processo gradual de aquisição da Libras pelo filho ouvinte, que aconteceu sem necessidade de correções formais ou obrigação de produção linguística excelente. A aprendizagem passou mediada por apontamentos aos objetos, uso contextualizado de sinais e repetição natural, relacionando o tempo e o interesse da criança bem como filho ouvinte. A prática encontra entendimento com a perspectiva sociocultural da linguagem, conforme Skliar, segundo a qual a língua é desenvolvida na interação e não é simplesmente apresentada um código fechado.

A alternância linguística observada, relevância é discutir como cotidiano do filho ouvinte dos pais surdos (CODA), descreve outro elemento significativo, bem como mostra habilidade para utilizar a Língua Portuguesa ao respeito das interações com pessoas ouvintes, bem como se comunicar somente em Libras com pessoas surdas, acontecendo à comunicação simultânea bilíngue entre Língua Portuguesa e Libras quando se encontra em contextos mesclados entre pessoas surdas e ouvintes. Dessa forma competência assegura que o bilinguismo bimodal não cria confusão linguística, porém favorece flexibilidade comunicativa e consciência metalinguística, como apontam conhecimentos discutidos por Quadros (2017).

O fortalecimento do contato da criança com a comunidade surda, especialmente associações dos surdos e espaços culturais, demonstrou a essencial para aprimoramento da fluência em Libras. A convivência com outros surdos permitiu avanços significativos o uso da expressão facial, corporal, dos classificadores, a forma comunicativa quanto organização discursiva da língua de sinais. Por esse motivo ponto de vista fortalece a afirmação de Skliar (1998), de que fato dessa língua de sinais desenvolve absolutamente de uma comunidade linguística viva, sendo que os espaços coletivos essenciais para a formação da identidade e da competência linguística.

Também dizendo dessa experiência relatada mostra que a CODA, é forma de um espaço legítimo de produção de conhecimento, cultura, linguagem e formação de aprendizagem entre filho ouvinte e pais surdos. Observa-se que o ambiente bilíngue possibilita ao filho ouvinte de um repertório linguístico ampliado, capacitar de entender à cultural e também transitar entre pessoas surdas e ouvintes como mundos sociais. Skliar (1998) destacou que reconhecer a diferença linguística e cultura surda, é importante para romper com os discursos normalizadores e valorizam como experiência humana para contato entre pessoas surdas e ouvintes.

Finalmente, a discussão demonstrada fortalece a necessidade de que os contextos educacionais aceitam e valorizam as vivências de crianças CODA, práticas pedagógicas que visibilizam a Libras e também a experiência importante como bilíngue familiar. Segundo Quadros (2017), a escola tem que compreende a Libras não só como recurso de acessibilidade, porém a língua de sinais quanto língua de herança, é importante para ter patrimônio cultural, contribuindo o desenvolvimento para criança e fortalecimento das relações entre comunidade surda e ouvinte na sociedade.

Considerações finais

O presente artigo de que forma objetivo relatar e refletir sobre as vivências de pais surdos bilíngues com filho ouvinte (CODA), colocado desde o nascimento em um contexto familiar bilíngue bimodal, em que convivem a Língua Brasileira de Sinais – Libras e Língua Portuguesa – LP. A partir do relato de experiência e da comunicação com o referencial teórico, é possível mostrada que a convivência cotidiana com duas línguas, bem como duas modalidades diferentes, bem como modalidade oral e sinalizada. Favorece a forma otimista para o desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural da criança CODA.

As experiências demonstradas a Libras quanto Língua de herança, é importante para papel da organização dessas interações familiares e acesso absoluto à linguagem desde os primeiros anos de vida. Simultaneamente a Língua Portuguesa é adquirido de forma natural nos espaços sociais, familiares ouvintes e escolares, assim representando um bilinguismo que não precisa ser hierárquica, porém depende são contextos e interlocutores envolvidos, sabem que é crianças CODA desenvolvem habilidades dessa alternância linguística quanto sensibilidade comunicativa, nada prejuízo ao desenvolvimento, por isso importante que nós estimulamos ao criança CODA para aprender duas ou mais línguas vivas, os contatos constantes para adquirir mais rápido porque as crianças CODA tem que aprender fácil do que adulto.

Observou-se até ao presente que o contato com a comunidade surda é essencial em direção de fortalecimento da fluência em Libras, especialmente ao uso de expressões faciais, classificadores e também organização como discurso em Libras, é importante dessas crianças CODA compreende os valores culturais e identidades da comunidade surda, pois várias identidades surdas diferentes, ampliando os conhecimentos sobre diversidade linguística e cultural.

Sendo assim, o estudo fortalece a importância de reconhecer dessas famílias surdas, além disso, os espaços legítimo da produção de linguagem, aprendizagem em duas línguas ou seja mais outras línguas e cultura surda, então como espaço educacional é destacando a necessidade do que escolas e profissionais precisam atentos as crianças CODA, tem sendo valorizado de suas experiências bilíngues, assim a Libras como língua de herança e também patrimônio cultural.

Finalmente, espera-se a este respeito de relato de experiência contribua para ampliar as discussões importantes nos ambientes acadêmicas sobre bilinguismo bimodal, língua de herança e vivências de filhos ouvintes de pais surdos CODA, estimulando e motivando de novas pesquisas, tem que diferentes contextos familiares e educacionais. Essas experiências são a grande relevância como saber dessas práticas na vida cotidiano para evoluir a aprendizagem e aquisição de línguas vivas, reconhecendo à valorização aspectos linguísticos.

Referências

CODA. Acesso: 16. dez. 25. Disponível em: [https://www.coda-international.org/Restructure-TeamUS.\)](https://www.coda-international.org/Restructure-TeamUS.)

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais**. Editora Penso. ISBN: 9788584291106. Ano 2017.

SKLIAR, Carlos. **A surdez um olhar sobre as diferenças**. Editora: Mediação. Porto Alegre RS, Ano 1998.

IDENTIDADE DO SODA ENTRE MUNDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS: EXPERIÊNCIAS DE UMA IRMÃ OUVINTE FLUENTE NA COMUNIDADE SURDA

Cássia Michele Virginio da Silva¹

Giselle Virginio da Silva²

Carolina Miri³

Introdução

As identidades construídas no encontro entre surdos e ouvintes revelam dinâmicas complexas, especialmente quando analisadas a partir da perspectiva de sujeitos que ocupam posições linguísticas e culturais intermediárias, como é o caso dos SODAs (*Siblings of Deaf Adults*). O termo refere-se a irmãos ouvintes de pessoas surdas que desenvolvem formas particulares de bilinguismo e biculturalidade por meio da convivência contínua com familiares surdos. Embora a literatura acadêmica tenha se concentrado historicamente no conceito de CODA — filhos ouvintes de pais surdos —, as experiências dos SODAs constituem um campo igualmente relevante para entender processos de pertencimento, circulação cultural, formação de identidade e reorganização perceptiva.

A identidade SODA emerge na intersecção entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, cada qual estruturada por valores, normas e práticas comunicativas distintas. A comunidade ouvinte organiza-se sobre a centralidade da audição e da oralidade, enquanto a comunidade surda fundamenta-se na língua de sinais e em um paradigma de comunicação essencialmente visual (LADD, 2003; STROBEL, 2009). Nesse cenário, o SODA transita entre mundos que muitas vezes se encontram, mas que também podem se distanciar, exigindo do sujeito habilidades sociais, comunicativas e perceptivas específicas.

1

2

3

Este capítulo discute a construção da identidade de uma SODA fluente em Libras que, pela convivência prolongada com irmã e amigas surdas, integrou-se à comunidade surda como participante legítima. A fluência, no entanto, não se apresenta apenas como habilidade técnica ou linguística, mas como elemento constitutivo de pertencimento cultural. A aquisição natural da Libras no ambiente familiar, associada ao convívio com múltiplas pessoas surdas, permite compreender o SODA como sujeito bilíngue que internaliza valores visuais, modos de interação e sistemas de significação fundamentais na experiência surda (HOLCOMB, 2013; PRESTON, 1994).

O problema central que orienta este estudo consiste em analisar como a identidade do SODA é formada no encontro entre tradições linguísticas e culturais distintas, e como esse processo revela formas plurais de participação cultural. Assim, os objetivos deste capítulo são:

- a. investigar os processos de socialização visual e aquisição natural da Libras;
- b. analisar o pertencimento híbrido do SODA em relação às comunidades surda e ouvinte;
- c. discutir a reorganização perceptiva que emerge do contato contínuo com práticas visuais;
- d. compreender a influência das redes comunitárias surdas no desenvolvimento identitário do SODA.

A metodologia adotada articula revisão teórica, análise conceitual e referência às experiências das autoras como eixo empírico indireto, respeitando rigor acadêmico e evitando narrativas pessoais diretas. O foco recai sobre o fenômeno sociocultural, e não sobre histórias individuais. Assim, busca-se contribuir para o avanço dos Estudos Surdos ao evidenciar a necessidade de aprofundar discussões sobre identidades fronteiriças e formas de bilinguismo emergentes em contextos familiares.

Identidade SODA entre mundos linguísticos e culturais

Processos de socialização bilíngue e aquisição natural da Libras

A construção da identidade do SODA está diretamente relacionada à forma como ele se insere nos processos de socialização visual e bilíngue dentro do ambiente familiar. A aquisição natural da língua de sinais por irmãos ouvintes é amplamente documentada na literatura internacional.

Preston (1994) afirma que SODAs aprendem a língua de sinais não como segunda língua formal, mas como ferramenta de convivência, vínculo afetivo e participação cotidiana. Essa forma de aquisição caracteriza-se por ser espontânea, situada e profundamente integrada às interações familiares.

A socialização bilíngue envolve tanto dimensões linguísticas quanto culturais. No que diz respeito à língua, o SODA aprende elementos estruturais da Libras — tais como uso do espaço, expressões faciais gramaticais, classificadores, direcionalidade e iconicidade — observando e imitando familiares surdos. Trata-se de uma aprendizagem que ocorre de modo natural, sem instrução explícita, mas que resulta em níveis avançados de fluência, especialmente quando o SODA convive com mais de uma pessoa surda, o que o expõe a variações dialetais, estilos de sinalização e registros comunicativos distintos.

Além do domínio linguístico, Strobel (2009) destaca que a socialização visual envolve práticas corporais específicas da cultura surda: posicionar-se de modo a garantir campo visual, usar o toque de maneira adequada, modular o ritmo dos sinais conforme o contexto, buscar contato ocular como forma de legitimar o turno de fala e adaptar-se rapidamente a ambientes com múltiplos estímulos visuais.

Holcomb (2013) descreve esse fenômeno como *internalização do paradigma visual*, em que o indivíduo reorganiza suas estratégias perceptivas de comunicação. Essa reorganização é evidente no comportamento de muitos SODAs, que passam a antecipar necessidades comunicativas de pessoas surdas, compreender nuances de expressões faciais e interpretar atmosferas sociais visuais com precisão.

A aquisição natural da Libras também gera impactos sociais e emocionais. Por crescerem entre códigos comunicativos distintos, SODAs muitas vezes atuam como mediadores informais entre familiares surdos e ouvintes, o que exige habilidades metalinguísticas e consciência intercultural. Entretanto, é preciso ressaltar que tal papel não deve ser romantizado: autores como Lane (1992) alertam para o risco da sobrecarga emocional imposta a crianças ouvintes que assumem funções de interpretação para adultos, questão que deve ser problematizada no âmbito ético e educacional.

Ainda assim, quando essa convivência ocorre de modo saudável e respeitoso, ela contribui para a criação de uma identidade bilíngue sólida. O SODA se torna capaz de circular com naturalidade entre universos comunicativos distintos, compreendendo a Libras não apenas como

língua, mas como elemento constitutivo da cultura surda e de suas formas de existência no mundo.

Pertencimento relacional e fronteiras identitárias fluidas

A identidade SODA constitui-se como experiência de fronteira. Skliar (1998) afirma que identidades construídas na diferença não são estáticas, mas resultam de deslocamentos contínuos entre práticas, valores e modos de significação. No caso do SODA, tais deslocamentos se tornam ainda mais evidentes pela posição híbrida entre dois universos culturais: o mundo majoritariamente ouvinte, estruturado pela oralidade e pela centralização da audição, e o mundo surdo, organizado a partir da língua de sinais e da visualidade.

Esse trânsito constante produz um pertencimento relacional, isto é, um sentimento de pertencimento que depende das relações, das vivências e das práticas culturais compartilhadas

— e não exclusivamente da condição de ser ouvinte ou surdo. Ladd (2003), ao discutir o conceito de *Deafhood*, enfatiza que a cultura surda é formada por processos de participação e reconhecimento mútuo. Assim, ainda que um SODA não seja biologicamente surdo, sua integração em espaços surdos pode ser legitimada pela comunidade quando ele demonstra domínio linguístico, respeito cultural e sensibilidade às normas visuais.

Diferentemente do que ocorre com ouvintes que apenas “aprendem Libras”, a identidade SODA está ancorada em uma convivência prolongada e afetiva com pessoas surdas. Essa convivência possibilita que o sujeito incorpore nuances culturais que dificilmente seriam compreendidas apenas em contextos educacionais formais. Assim, seu pertencimento não é apenas funcional (relacionado ao uso da língua), mas cultural (relacionado ao modo de viver e perceber o mundo).

Contudo, esse pertencimento é também parcial, pois o SODA mantém vínculos e práticas sociais com a comunidade ouvinte, transitando entre espaços que exigem diferentes formas de comunicação, diferentes expectativas sociais e diferentes posições simbólicas. Preston (1994) identifica esse fenômeno como “identidade dupla”, marcada por tensões, negociações e adaptações constantes. O SODA aprende a calibrar seu comportamento conforme o contexto, alternando entre códigos visuais e auditivos, entre gramáticas comunicativas distintas e entre valores culturais por vezes divergentes.

É importante considerar que essa identidade híbrida não é sinônimo de conflito. Em muitos casos, ela representa uma ampliação da experiência social, permitindo que o SODA desenvolva competências interculturais que facilitam a mediação comunicativa, o trânsito social e o engajamento com diferentes grupos. Entretanto, quando a sociedade impõe expectativas desproporcionais sobre o papel do SODA — como a obrigação de servir como intérprete informal —, podem surgir tensões entre autonomia, responsabilidade e reconhecimento.

A literatura aponta que SODAs frequentemente são vistos por familiares ouvintes como “facilitadores naturais” da comunicação com parentes surdos. No entanto, Lane (1992) alerta para o risco de sobrecarga simbólica imposta a esses indivíduos, que muitas vezes assumem papéis de mediação que ultrapassam sua idade ou condição emocional. Tais funções podem gerar conflitos internos acerca de responsabilidade, lealdade e identidade.

Em contrapartida, quando o pertencimento comunitário se desenvolve em ambiente equilibrado, o SODA pode se tornar porta-voz de mudanças sociais importantes. Strobel (2009) argumenta que sujeitos ouvintes profundamente imersos na cultura surda desempenham papel ativo na valorização da língua de sinais, no combate a preconceitos e na ampliação das discussões sobre acessibilidade. Esse engajamento, no entanto, deve ser construído eticamente, evitando sobreposições de privilégios ouvintes em espaços surdos.

A identidade SODA, portanto, não pode ser reduzida a uma função linguística — ela é resultado de um conjunto de práticas relacionais, interações ao longo da vida, experiências compartilhadas e dinâmicas sociais que atravessam o sujeito. Trata-se de um processo contínuo de negociação identitária, no qual coexistem pertencimentos múltiplos, fronteiras fluidas e configurações culturais complexas.

Em síntese, o pertencimento do SODA à comunidade surda é legitimado não apenas pelo domínio da língua, mas pela incorporação de valores culturais, pela postura ética diante da diferença e pela sensibilidade para interpretar os códigos visuais que estruturam o modo de vida surdo. É essa interseção entre convivência, participação e reconhecimento que fundamenta a identidade SODA como categoria singular no campo dos Estudos Surdos.

Apropriação da cultura visual e reorganização perceptiva do SODA

A cultura surda é estruturada por um paradigma visual que organiza práticas comunicativas, posicionamentos corporais, normas sociais e modos de percepção. Essa estrutura não se limita ao uso da língua de sinais, mas envolve atitudes, comportamentos, estratégias cognitivas e dimensões simbólicas que orientam a forma como os surdos interagem com o mundo. Holcomb (2013) identifica esse fenômeno como *visual orientation*, um modo de ser no qual a percepção é direcionada primordialmente para estímulos visuais, gestuais e espaciais.

A convivência prolongada do SODA com pessoas surdas possibilita a internalização desses padrões perceptivos, produzindo uma reorganização profunda na maneira como o sujeito ouvinte percebe e se comporta. Essa reorganização manifesta-se em diversas dimensões, como:

- a. **Atenção visual ampliada:** o SODA desenvolve habilidades de monitoramento visual simultâneo, sendo capaz de acompanhar conversas em Libras, identificar gestos periféricos e responder a sinais visuais no ambiente.
- b. **Uso de expressões faciais como elemento gramatical:** diferentemente de ouvintes que utilizam expressões para indicar emoção, o SODA reconhece seu papel sintático e semântico dentro da língua de sinais, compreendendo marcadores de intensidade, negação, afirmação, tema e tópico.
- c. **Adequação corporal para garantir acessibilidade visual:** o SODA passa a posicionar-se naturalmente de modo a não obstruir o campo visual, adota estratégias para chamar atenção de modo adequado (toque leve, movimento de mãos, mudança de iluminação), e ajusta sua postura para promover fluidez na comunicação.
- d. **Reação a estímulos visuais como primeira forma de alerta:** pesquisas em contextos bilíngues mostram que muitos SODAs reagem primeiramente à sombra, ao movimento ou à luz, e não ao som (PRESTON, 1994). Isso revela como a convivência com surdos reorganiza padrões perceptivos.

Lane (1992) afirma que tais práticas constituem componentes centrais da cultura surda, pois orientam o modo como a comunicação e a interação social são estruturadas. Para o SODA, integrar esses elementos

significa vivenciar, no corpo, um modo de ser moldado pela experiência visual — mesmo mantendo a audição funcional.

Ao internalizar o paradigma visual, o SODA adquire compreensão profunda da dinâmica comunicativa surda, o que impacta diretamente seu posicionamento identitário. Ele passa a compreender códigos implícitos, regras pragmáticas e expectativas sociais próprias da comunidade surda. Isso lhe permite atuar com fluidez em ambientes visuais, muitas vezes sendo reconhecido como alguém que “entende o jeito surdo”, o que reforça sua posição de pertencimento cultural.

A reorganização perceptiva também produz efeitos na relação do SODA com a comunidade ouvinte. O indivíduo passa a habitar um espaço intermediário onde diferentes normas perceptivas coexistem. Assim, alterna entre estratégias auditivas e visuais conforme o contexto, desenvolvendo uma competência intercultural que permite transitar com facilidade entre mundos distintos. Tal habilidade representa não apenas um recurso comunicativo, mas também uma competência identitária: o sujeito aprende a adaptar-se e a compreender códigos alheios, tornando-se um agente que legitima e fortalece a pluralidade linguística nas interações.

A influência da convivência com múltiplas pessoas surdas e redes comunitárias

A formação da identidade SODA não se restringe ao núcleo familiar. A literatura evidencia que a convivência com múltiplas pessoas surdas amplia o repertório linguístico, cultural e perceptivo do sujeito ouvinte (HOLCOMB, 2013; PRESTON, 1994). Isso ocorre porque a comunidade surda é plural, composta por diferentes estilos de sinalização, variações regionais, valores linguísticos e experiências de vida. Cada pessoa surda traz consigo formas particulares de narrar, rir, ensinar e se relacionar, e quanto maior a diversidade de contatos, mais complexa se torna a identidade do SODA.

O contato com redes ampliadas de pessoas surdas permite que o SODA:

- observe diferentes formas de construção de narrativas visuais;
- compreenda variações dialetais da Libras;
- aprenda diferentes usos de classificadores e expressões idiomáticas;

- desenvolva consciência metalinguística sobre a língua de sinais;
- identifique aspectos socioculturais que não emergem apenas do ambiente familiar;
- compreenda normas comunitárias compartilhadas, como ética visual, humor visual e estratégias coletivas de acessibilidade.

Strobel (2009) destaca que a cultura surda é essencialmente comunitária: aprende-se com outras pessoas surdas na convivência, no diálogo, no fazer junto. Assim, quando o SODA convive com amigos e conhecidos surdos — como ocorre no caso analisado neste capítulo — ele amplia sua compreensão de mundo, internalizando valores que reforçam sua sensibilidade cultural.

Além disso, é comum que SODAs estabeleçam vínculos afetivos com pessoas surdas não pertencentes à família, criando redes de pertencimento que ultrapassam laços biológicos. Esses vínculos contribuem para a consolidação de uma identidade que não é apenas “de irmão ouvinte”, mas também “de participante da comunidade surda”.

A convivência com múltiplas pessoas surdas também amplia a autonomia do SODA em termos linguísticos e comunicativos. Ele aprende a ajustar seu registro de sinalização conforme o interlocutor, reconhecendo, por exemplo, diferenças entre sinalização formal, informal, rápida, pausada, regional ou intergeracional. Tais competências são características de um falante experiente, e não de alguém que apenas estudou a língua.

Do ponto de vista sociocultural, o envolvimento do SODA com a comunidade surda permite que ele desenvolva valores alinhados aos princípios dessa cultura, como respeito à visualidade, repúdio ao capacitismo, defesa dos direitos linguísticos e entendimento da língua de sinais como patrimônio cultural. Esses valores fortalecem sua identidade fronteiriça, ampliam seu repertório ético e produzem conexões legítimas com o grupo social ao qual se associa.

A convivência com múltiplas pessoas surdas não apenas amplia o repertório linguístico do SODA, mas consolida sua identidade híbrida, plural e altamente sensível às diferenças culturais que estruturam os modos de vida surdos.

O papel ético, político e social do SODA na mediação entre comunidades

A identidade SODA também pode ser analisada sob a perspectiva ética e política, especialmente no que diz respeito à função de mediação entre comunidades linguísticas com direitos historicamente desiguais. A sociedade majoritariamente ouvinte tende a estruturar políticas, serviços e espaços públicos a partir do paradigma da oralidade, o que resulta em frequentes barreiras comunicativas para a população surda. Nesse cenário, o SODA, por sua convivência e fluência na língua de sinais, muitas vezes se torna ponte entre mundos que ainda não dialogam plenamente.

Holcomb (2013) destaca que a presença de ouvintes sensíveis às práticas surdas pode atuar como elemento transformador, ampliando espaços de acessibilidade e promovendo o reconhecimento da língua de sinais como forma legítima de comunicação. No entanto, esse papel deve ser compreendido com cautela: não se trata de atribuir ao SODA a responsabilidade institucional pela mediação, mas de reconhecer sua capacidade de contribuir para práticas sociais mais inclusivas.

Do ponto de vista político, SODAs fluentes e integrados à cultura surda frequentemente desempenham papel importante na luta contra o capacitismo e na defesa dos direitos linguísticos. Isso ocorre porque eles conhecem, de forma íntima, os desafios vividos pelos surdos no acesso à educação, saúde, serviços públicos e espaços sociais. Assim, suas trajetórias frequentemente os levam a engajamentos profissionais — como interpretação, docência, pesquisa, ativismo comunitário — que fortalecem a visibilidade da Libras e da cultura surda.

Do ponto de vista ético, Lane (1992) alerta que é necessário evitar que SODAs assumam funções de mediação de forma precoce ou compulsória. A mediação deve ocorrer em ambientes equilibrados, onde o SODA seja sujeito de direitos, e não apenas instrumento de comunicação familiar. Quando a mediação é realizada de forma adequada e consciente, ela se torna mecanismo de empoderamento tanto para o SODA quanto para a comunidade surda, contribuindo para o desenvolvimento de interações respeitadas e livres de hierarquias opressivas entre ouvintes e surdos.

A compreensão ética e política do papel do SODA amplia a discussão sobre responsabilidade social e reconhecimento cultural, revelando que a convivência com a comunidade surda pode produzir sujeitos bilíngues que atuam criticamente no combate às desigualdades linguísticas. Assim, o

SODA não apenas transita entre mundos culturais, mas também contribui para transformá-los.

Considerações finais

A análise da identidade SODA, realizada neste capítulo, evidencia que a convivência prolongada entre surdos e ouvintes produz experiências sociolinguísticas e culturais que desafiam dicotomias tradicionais entre “ser surdo” e “ser ouvinte”. O caso de irmãos ouvintes que desenvolvem fluência em Libras e integração profunda com a comunidade surda demonstra que identidades não são determinadas exclusivamente pela audição, mas por práticas culturais compartilhadas, modos de relação e processos de socialização visual.

Os resultados teóricos aqui discutidos mostram que o SODA ocupa um espaço identitário liminar, caracterizado por atravessamentos constantes entre dois mundos comunicativos e culturais. Tal posição proporciona ao sujeito habilidades interculturais que incluem:

- domínio fluente da língua de sinais adquirida informalmente,
- compreensão das normas visuais que estruturam a interação surda,
- capacidade de transitar entre diferentes valores culturais,
- sensibilidade ampliada às demandas comunicativas de pessoas surdas,
- atuação como mediador ético em contextos de diferença linguística.

Do ponto de vista linguístico, destaca-se que o SODA não aprende Libras como língua auxiliar, mas como parte constitutiva de sua experiência de vida. Ele internaliza estratégias perceptivas visuais, práticas corporais e formas de atenção que caracterizam a cultura surda. Essa internalização revela que o bilinguismo vivido por SODAs não é apenas técnico, mas identitário: envolve reorganização cognitiva, afetiva e social.

Do ponto de vista cultural, a identidade SODA manifesta-se como pertencimento parcial, mas significativo, à comunidade surda. Como argumentam Ladd (2003) e Skliar (1998), a cultura surda é um espaço comunitário que acolhe sujeitos que compartilham seus valores e práticas, independentemente da condição auditiva. Nesse sentido, o SODA fluente em Libras pode ser reconhecido como participante legítimo quando

demonstra respeito, reciprocidade e consciência das dinâmicas visuais que caracterizam o grupo.

Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer que a posição híbrida do SODA também envolve desafios, como tensões entre expectativas sociais distintas e necessidade de equilibrar demandas da comunidade ouvinte e da comunidade surda. A literatura enfatiza que a mediação realizada por SODAs deve ser compreendida dentro de limites éticos, evitando a infantilização de adultos surdos e a sobrecarga emocional sobre crianças ouvintes (Lane, 1992).

Ainda assim, quando essas relações ocorrem em ambientes saudáveis, o SODA desempenha papel significativo na difusão e valorização da Libras, na redução de barreiras comunicativas e no fortalecimento da articulação entre comunidades. Sua presença ativa em espaços surdos colabora para ampliar a diversidade linguística e desafiar modelos deficitários frequentemente atribuídos à surdez na sociedade majoritária.

A identidade SODA revela que bilinguismo e biculturalidade são processos vivos, produzidos na convivência cotidiana, na experiência compartilhada e na construção de sentidos entre sujeitos. Este capítulo buscou contribuir para os Estudos Surdos ao demonstrar que os SODAs constituem parte fundamental da ecologia social da língua de sinais, ampliando o entendimento sobre como se formam identidades plurais em contextos marcados pela diferença linguística.

Diante disso, destaca-se a necessidade de ampliar futuras pesquisas sobre SODAs no Brasil, aprofundando questões como: relações entre bilinguismo e desenvolvimento cognitivo, impactos socioculturais da participação em redes surdas, processos de formação ética na mediação comunicativa e a importância dos SODAs nos movimentos de valorização da Libras. Tais estudos poderão fortalecer políticas inclusivas, práticas educativas e debates acadêmicos sobre diversidade linguística e cultural.

Implicações para pesquisa, educação e políticas linguísticas

As reflexões apresentadas ao longo deste capítulo têm implicações diretas para os campos da pesquisa, da educação bilíngue e das políticas linguísticas. Primeiramente, observa-se a necessidade de aprofundar estudos sobre sujeitos que vivem na fronteira linguística — SODAs, CODAs, intérpretes nativos de Libras, familiares ouvintes fluentes — e que participam da comunidade surda de forma ativa. A literatura brasileira

ainda é limitada nesse campo, o que reforça a importância de investigações empíricas sistemáticas que articulem linguagem, cultura e identidade.

Em termos educacionais, compreender a identidade SODA permite repensar práticas pedagógicas e de formação profissional. Muitos SODAs tornam-se professores de Libras, intérpretes, instrutores, pesquisadores ou agentes comunitários. Por isso, programas de formação deveriam considerar suas experiências bilíngues como patrimônio sociocultural, valorizando sua proximidade com a comunidade surda e reconhecendo a especificidade de sua trajetória linguística.

Nas políticas linguísticas, a presença do SODA evidencia a importância de fortalecer redes de apoio a famílias bilíngues e promover ambientes acessíveis onde surdos e ouvintes possam interagir de modo equitativo. A atuação dos SODAs demonstra, na prática, que a Libras tem papel social essencial na criação de comunidades plurilíngues e pluriculturais. Assim, políticas públicas deveriam contemplar não apenas a presença da Libras em escolas, serviços e instituições, mas também incentivar pesquisas que incluam a perspectiva dos SODAs como participantes ativos da ecologia linguística da Libras no Brasil.

Por fim, compreender o SODA como sujeito bicultural reforça a urgência de políticas que combatam o capacitismo e promovam o reconhecimento da diferença linguística como valor social, e não como déficit. A identidade SODA ilumina novos modos de pensar convivência, diversidade e direitos linguísticos, oferecendo caminhos para sociedades mais inclusivas.

Referências

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.

HOLCOMB, Thomas K. **Introduction to American Deaf Culture.** New York: Oxford University Press, 2013.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood.** Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LANE, Harlan. **The Mask of Benevolence: Disabling the Deaf Community.** New York: Vintage Books, 1992.

PRESTON, Paul. *Mother Father Deaf: Living Between Sound and Silence.* Cambridge, MA:

Harvard University Press, 1994.

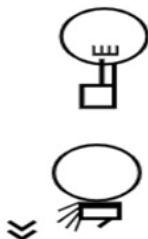
SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do silêncio: a cultura surda e a educação.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOBRE OS AUTORES



Ana Cláudia Fagundes Antunes: Professora assistente da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Uruguaiana, no Rio Grande do Sul (RS). Possui graduação em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, campus Uruguaiana (PUCRS, 2006); em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2011) - polo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); especialização em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI, 2015); Certificação no Exame Nacional de Proficiência (PROLIBRAS) para Uso e Ensino de Libras Nível Superior; mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2020), na linha de Tecnologia Digital na Educação.



Andre Daniel Paixão: Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui graduação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010) e mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 2019). Atualmente, é professor efetivo do magistério superior na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras/Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Linguística da Libras, educação de surdos, expressão corporal, classificadores e formação de Tradutores e Intérpretes de Libras (TILSP) e Instrutores de Libras.



Bruna Fagundes Antunes Alberton: Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Estudos Especializados. Coordenadora da área de Libras e Educação Especial da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Estudos Especializados. Desenvolve pesquisas no campo dos Estudos Culturais em Educação, Educação Bilíngue para Surdos e Educação Matemática. Possui graduação em Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (2010); em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011) - polo em Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de Estudos Culturais em Educação, com bolsa de Mestrado do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Doutorado no PPGEDU/UFRGS, na Linha de Estudos Culturais em Educação - UFRGS.



Carla Beatriz Medeiros Klein: Docência em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS na Universidade Federal de Rio Grande - FURG. Graduada em Tecnólogo em Fotografia pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e graduada em Língua Brasileira de Sinais - Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Especialista em Especialização - Estudo de Surdos - UFPEL e Pós - Graduação à distância em Literatura Brasileira pelo Universitário Barão do Mauá. Mestre em Letras/ Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas - UCPel vinculada pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Doutorando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL na Universidade Federal do Rio Grande - FURG.



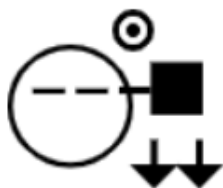
Cássia Michele Virginio da Silva: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Possui licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Professora surda na Universidade Federal do Pampa.



Cássia Lobato Marins: Doutoranda em Letras - Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Mestre em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Educação - Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Graduada em Letras / Libras - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) / Pólo: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Graduada em Pedagogia / Anos Iniciais - Universidade Federal do Rio Grande (FURG).



Carolina Miri: Mestre em Educação, na linha dos Estudos Culturais em Educação, na Universidade Federal de Rio Grande do Sul UFRGS, com bolsa CAPES. Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2012. Especialista em Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), em 2014.



Cristiano Pereira Vaz: Doutor em Educação na Linha de Estudos Culturais em Educação - UFRGS. Graduado em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras/LIBRAS. Atuou como professor de Libras da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA - Campus SantAna do Livramento.



Gilmar Pereira: Tecnólogo em Processos Gerenciais IFSC Campus Porto Alegre 2024, Pós Graduação em Libras Uniasselvi 2025.



Giselle Virginio da Silva: Graduada em Letras Libras pelo IBRA, especialista em Tradução Libras/Português pela Facuminas e em Libras pelo Instituto Líbano. Também é graduada em Direito pela Faculdade de Ensino Superior da Paraíba (FESP). Atualmente, atua como tradutora e intérprete de Libras na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), Cruzeiro do Sul/Unipê e na UFPB. Atua ainda como traduartista, sendo integrante do grupo Só Teatro.



Katiuscia da Silva Avila: Graduada em Letras Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2022). Atualmente atuo como assistente administrativo - Yara Brasil Fertilizantes. Mestranda em Letras, no Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande (FURG).



Luciana Pereira Vaz: Graduada em LETRAS / LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Maria (2010), Pós Graduação em Libras pela Uniasselvi e mestra da Educação em UFRGS. Atua como professora de LIBRAS na Universidade Federal de Rio Grande/RS no campus de Santa Vitória do Palmar/RS.

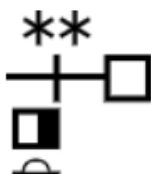


Luísa Marins da Costa: Cursando o curso de Pedagogia - FURG - Universidade Federal do Rio Grande.



Márcio Aurélio Friedrich: Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), atuando na área de Libras no curso de Letras–Libras/Literatura Surda, no Centro de Letras e Comunicação (CLC). Graduado em

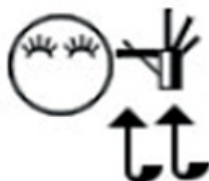
Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), em Santa Rosa/RS; em Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul, em Camaquã/RS; e em Letras–Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo Santa Rosa/RS. Possui especialização em Libras pelo Centro Universitário Barão de Mauá, em Rio Grande/RS. É mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas/RS. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, Matemática, Terminologia em Libras, ensino de Libras e sinais-termo.



Marta Silva da Silveira: Especialista em Pós-graduação em Letras-Libras pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2022). Graduada em Pedagogia-Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação Surdos - Polo Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especializada em Libras (Língua Brasileira de Sinais). Atuou como instrutora de Libras da UFRGS, do SENAC e do Centro de Estudos Anglicanos de Teologia.



Renata Ohlson Heinzelmann: Graduada em Letras pela Universidade La Salle - Canoas, graduada em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010), mestra em Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutora em Estudos Culturais em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (2019).

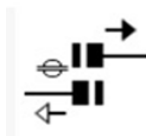


Thainá Trindade Lisboa: Graduada do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará-UFPA (2020). Possui Pós-Graduação em Educação Especial e Inclusiva pela instituição FACESP (2021). Foi estagiária do programa educação na área de docência na instituição - Serviço Social do Comércio/SESC- Pa (2018-2019). Atuou como tradutora e intérprete de Libras nos cursos de Licenciatura em Matemática e Licenciatura em Pedagogia, nas disciplinas Libras e Fundamentos da Educação Inclusiva, pela Universidade Federal do Pará.



Vanessa Herter: Graduada em Letras/Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no Pólo de Santa Rosa na Instituto Federal Farroupilha em Santa Rosa (IFF) no Rio Grande do Sul (2018).

SOBRE OS ORGANIZADORES



Taynan Alécio da Silva

Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Estadual de Maringá (UEM).



Giovana Cristina de Campos Bezerra

Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).



Daniel Lopes Romeu

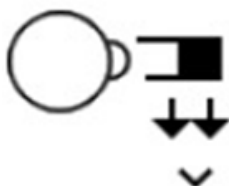
Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul), Campus

Pelotas. Mestre em Educação e Tecnologia pelo PPGEdu (Programa de Pós-Graduação em Educação) da mesma instituição.



Marceli Lucia Pavéglio Romeu

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Pampa, do Campus Jaguarão/RS em 2023.



José Sinésio Torres Gonçalves Filho

Doutor em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Narrar é partilhar experiências e, com elas, ensinar. Inspirada nessa ideia, esta obra reúne histórias e reflexões que transformam vivências familiares em conhecimento e compromisso social. *Entre dois mundos: narrativas de filhos ouvintes, filhos surdos e famílias mistas* apresenta trajetórias de Cotas, Sotas, Dotas e Fotas, evidenciando desafios, resistências e afetos que marcam o cotidiano de quem cresce entre a Libras e o português. Organizado por Taynan Alécio da Silva, Giovana Cristina de Campos Bezerra, Daniel Lopes Romeu, Marcella Lucia Pavéglia Romeu e José Sinésio Torres Gonçalves Filho, o livro reafirma que a Libras não é recurso acessório, mas língua de herança, patrimônio cultural e direito linguístico inalienável. Mostra que o bilinguismo bimodal amplia repertórios, fortalece vínculos e constrói identidades plurais. Ao abordar também as interseções entre surdez, raça e poder, a obra amplia o debate e convoca famílias, educadores e gestores a reconhecerem que o direito à língua exige políticas públicas, formação docente e fortalecimento das comunidades surdas. Mais do que relatos, estas páginas oferecem caminhos para compreender que a surdez é diferença, não falta; que Libras é herança, direito e afeto; e que, onde há língua, há futuro.

